

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Festival Zigurfest: As releituras e resignificações do património de Lamego e a ligação com a cidade

Maria Beatriz Pinto

Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura

Orientadora:

Doutora Sofia Costa Macedo, Professora Auxiliar Convidada,
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2023



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de História

Festival Zigurfest: As releituras e resignificações do património de
Lamego e a ligação com a cidade

Maria Beatriz Pinto

Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura

Orientadora:

Doutora Sofia Costa Macedo, Professora Auxiliar Convidada

ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Setembro, 2023

Ao Francisco Pinto,

O avô,

Que o amor que me deu ainda se guarda nas pedras da calçada do Castelo,
Seremos sempre maiores enquanto nos colocarmos ao ombro de gigantes.

Nas palavras de Ramalho Ortigão,

“Em toda a parte, ainda nos mais abandonados recantos da provincia, ha sempre,
onde existe um monumento, um homem pelo menos que o ama,
que o estuda, que o comprehende.”

(1896)

Agradecimentos

Ao meu pai, à minha mãe, os meus pilares, por me ensinarem a ser dedicada e que nenhum caminho deve ser deixado a meio. Ao meu irmão, porque o único rumo é o que segue para cima. À minha família, que me ensinou que um homem não se mede aos palmos, mede-se pela sua própria ambição.

Aos meus amigos, pelo apoio, pela paciência, sem eles não seria possível. Ao João por ter tão cuidadosamente lido o texto. Ao Rodrigo, pela ajuda, pela resiliência ao meu mau-feitio.

Às pessoas de Lamego, que me inspiraram a devolvermos à cidade todo o carinho que a cidade nos dá, porque não haverá nada mais precioso que a dimensão da nossa herança cultural.

Ao meu querido Teatro do Bairro Alto e às pessoas incríveis que trabalham nele, que me inspiram diariamente, que me incentivaram a não desistir.

Alexandre Herculano no seu conto “A Abóbada”, refere como uma obra de arte é um filho da alma, talvez também uma dissertação o seja. Dediquei a minha alma a esta investigação, não foi só feita de esforço, estudo e dedicação, mas partiu de um enorme carinho, pois foi sempre um prazer investigar este Festival, estas pessoas que lutam tanto pela Cultura.

Um especial agradecimento à professora Maria João Vaz, por sempre encorajar os seus alunos. Para a professora Célia Alves, por toda a ajuda. E para a professora Sofia Macedo, que desde a primeira aula, transmite aos seus alunos a beleza dos estudos do património e por ter aceite orientar este estudo.

Ao Zigurfest, um grupo de amigos que começou um Festival do nada,
Um grupo de pessoas que define a resiliência e acreditou que era possível,
O meu obrigado.

Resumo

Esta investigação procura compreender o modo como os festivais de música podem usufruir do património, de forma a revitalizá-lo, mas também contribuindo para a regeneração urbana, em prol da comunidade. O foco desta investigação é o Festival Zigurfest, um festival de música moderna portuguesa realizado em Lamego, que produz os seus concertos e outras atividades nas zonas históricas da cidade. Para este estudo pretende-se considerar o modo como o Festival renova a identidade da cidade, e conseqüentemente, compreender o que acrescenta ao desenvolvimento local. Ainda mais, do ponto de vista sociológico, é analisado como este Festival pode ser considerado um exemplo de novas formas de interpretar o património, com o desenvolvimento de valores na comunidade que levem à sua salvaguarda e proteção. Dado que no caso particular do Zigurfest, o Festival é realizado por pessoas da cidade para a usufruição da própria cidade, é também pretendido compreender como Lamego, enquanto cidade descentralizada, pode também ser lugar deste tipo de programação, renovando a sua identidade.

Para este estudo, foi acompanhada a edição de 2023, observando as dinâmicas locais do Festival e o modo como a comunidade reage ao mesmo. Para além disso, foram feitas três fases de entrevistas, começando por uma abordagem a representantes das instituições de Lamego onde o Festival se realiza. Numa segunda fase, foi procurada uma visão interna do Festival, e por isso foram entrevistados membros da equipa e por fim, foram procurados testemunhos da comunidade local, de modo a compreender os efeitos deste evento.

Palavras-Chave: Património; Festivais; Música; Cidade.

Abstract

This research seeks to understand how music festivals can make use of heritage to revitalize it, but also contribute to urban regeneration for the benefit of the community. The focus of this research is the Zigurfest Festival, a modern Portuguese music festival held in Lamego, which produces its concerts and other activities in the historic areas of the city. The aim of this study is to consider how the festival renews the city's identity and, consequently, to understand what it adds to local development. Furthermore, from a sociological point of view, it analyzes how the Zigurfest Festival can be considered an example of new ways of interpreting heritage, with the development of values in the community that lead to its safeguarding and protection. Given that, in the case of Zigurfest, the Festival is put on by local people for the enjoyment of the city itself, the aim is also to understand how Lamego, as a decentralized city, can also be a place for this type of programming, thus renewing its identity.

For this study, the 2023 edition was monitored, observing the local dynamics of the Festival and how the community reacts to it. In addition, three phases of interviews were carried out, starting with an approach to representatives of the institutions of Lamego, where the Festival takes place. In a second phase, an internal view of the Festival was sought, so members of the team were interviewed and finally for the third phase, testimonies from the local community were sought out, to understand the effects of this event.

Keywords: Heritage; Festivals; Music; City.

Índice

| | |
|---|------|
| Agradecimentos | i |
| Resumo | iii |
| Abstract | v |
| Índice de Figuras | xi |
| Índice de Quadros | xi |
| Glossário de Siglas | xiii |
| Introdução | 1 |
| Apresentação do tema | 1 |
| Festival Zigurfest | 2 |
| Objetivos | 4 |
| Metodologia | 5 |
| Delineação do campo de análise | 10 |
| Estrutura da Dissertação | 11 |
| Capítulo 1- Enquadramento teórico: o património, a cidade e os festivais de música. | 13 |
| 1.1. Novas linhas de valorização patrimonial | 13 |
| 1.1.1. O Culto da Arte em Portugal | 14 |
| 1.1.2. Alois Riegl e o Culto Moderno dos Monumentos | 15 |
| 1.1.3. Françoise Choay e a Alegoria do Património | 17 |
| 1.2. Criar significados- Conversão da cidade em recurso cultural | 20 |
| 1.2.1. A identidade da cidade em concordância com a sua fruição | 21 |
| 1.2.1.1. O centro histórico como caracterizador da identidade urbana | 21 |
| 1.2.2. O impacto cultural para a cidade | 23 |
| 1.2.3. Regeneração urbana | 25 |
| 1.3. Festivais de música enquanto agentes de revitalização | 27 |
| 1.3.1. Impactos Locais | 29 |
| 1.3.2. Festivais de música no panorama nacional | 30 |
| Capítulo 2 - Festival Zigurfest: a festivalização do património | 35 |
| 2.1. O Festival | 35 |
| 2.2. O processo criativo que permitiu a edificação do Festival | 36 |
| 2.3. Financiamento | 39 |
| 2.4. A programação | 41 |

| | |
|--|------|
| 2.4.1. Programação dentro da Romaria | 43 |
| 2.5. A descentralização | 44 |
| 2.6. Os locais | 47 |
| 2.6.1. Novo modo de olhar os espaços | 49 |
| 2.7. A ligação com a comunidade | 50 |
| 2.7.1. O uso da criatividade local | 53 |
| Capítulo 3 - Zigurfest '23. Análise da intervenção comunitária e revitalização do património | 55 |
| 3.1. Dia 27, à descoberta de novos locais | 57 |
| 3.2. Dia 28, a ligação com a comunidade | 60 |
| 3.3. Dia 29, a multidisciplinaridade em conjunto com o património | 62 |
| Capítulo 4 - A revitalização da cidade, as novas linhas de ressignificação | 65 |
| 4.1. O princípio da ressignificação do património | 65 |
| 4.2. A cidade, a autarquia e o Festival | 67 |
| 4.3. O Museu | 69 |
| 4.4. O Teatro | 73 |
| 4.5. O Castelo | 74 |
| 4.6. As Igrejas e Capelas | 77 |
| 4.7. Consciência patrimonial | 79 |
| 4.8. O processo contínuo com a comunidade | 82 |
| 4.8.1. As residências artísticas | 83 |
| 4.9. Os resultados na perspetiva dos entrevistados | 84 |
| Conclusões | 87 |
| O futuro do Zigurfest | 88 |
| Embrionário de memórias | 89 |
| Fonte e Bibliografia | 91 |
| Fontes Orais | 99 |
| Anexos | I |
| Anexo A – Guião de Entrevista - Equipa do Festival | I |
| Anexo B – Guião de Entrevista - Autarquia | V |
| Anexo C – Guião de Entrevista - Teatro | VIII |
| Anexo D – Guião de Entrevista – Museu de Lamego | XI |
| Anexo E – Guião de Entrevista - Entidades externas | XIV |

| | |
|---|-----|
| Anexo F - Modelo de investigação | XV |
| Anexo H - Grelha de Observação Direta | XX |
| Anexo I - Fotografias da edição de 2023 | XXI |

Índice de Figuras

| | |
|---|----|
| Figura 1. Mapa da cidade de Lamego com os locais onde o Zigurfest já realizou atividades assinalados..... | 47 |
| Figura 2. Programação do Festival de dia 27 de Julho..... | 57 |
| Figura 3. Programação do Festival de dia 28 de julho. | 60 |
| Figura 4. Programação do Festival de dia 29 de julho. | 62 |

Índice de Quadros

| | |
|--|----|
| Quadro 1. Quadro explicativo da aplicação das entrevistas..... | 8 |
| Quadro 2. Organograma do Festival Zigufest..... | 34 |

Glossário de Siglas

CML - Câmara Municipal de Lamego

DGARTES – Direção Geral das Artes

DN - Diário de Notícias

JN – Jornal de Notícias

ML – Museu de Lamego

TRC - Teatro Ribeiro Conceição

Zigur - Zigurfest

Introdução

Este primeiro capítulo pretende esclarecer quais as bases que fundamentam esta investigação, de modo que as análises e apresentações de informação nos capítulos seguintes se tornem mais claras e contextualizadas.

Nesta introdução procura-se enquadrar a investigação de forma que não seja necessária informação pré-adquirida para a compreensão da mesma, pois os pilares que sustentam os capítulos seguintes encontram-se explicitados nesta secção. Principiando com a apresentação da investigação, na qual é demonstrado quais as temáticas que conduzem toda a dissertação, mas também não se poderia desenvolver um estudo acerca do Festival Zigurfest, sem apresentar a sua história e os valores que guiam o mesmo. É ainda dedicado um subcapítulo para a explicitação dos objetivos e de que modo estes são direcionados nesta investigação. Neste capítulo apresenta-se, ainda, a metodologia utilizada, a justificação da escolha da mesma e os limites da investigação. O capítulo finda com a apresentação da estrutura de desenvolvimento deste trabalho.

Apresentação do tema

Esta dissertação tem como principal tema as ressignificações do património cultural por meio de eventos culturais, colocando em análise o Festival Zigurfest. Isto é, pretende-se observar a utilização do património, enquanto equipamento cultural para atividades artísticas, e o modo como o Zigurfest, um festival de música na cidade de Lamego, transforma o património da cidade em palco para as suas atividades. Assim, a pergunta de investigação é: de que forma o Festival Zigurfest possibilita a criação de novas narrativas de valorização do património de Lamego, considerando a revitalização da cidade e os seus efeitos no desenvolvimento local.

Esta investigação baseia-se em três conceitos que perpassam toda a pesquisa e refletem-se nos objetivos: Património, Cidade e Cultura. São também estas palavras-chave que materializam as principais temáticas investigadas. Analisando o conceito de património, na sua dimensão e componente urbana, englobando monumentos, locais históricos e herança imaterial presente na cidade. Neste estudo, o património é visto não como algo estático e intocável, mas procura-se compreender os elementos patrimoniais numa perspetiva da sua fruição. E assim, analisar como eventos como o Festival Zigurfest, enquanto festival de música, podem utilizar o património enquanto um recurso cultural ativo e significativo.

A linha de investigação proposta é observar como a utilização dos espaços patrimoniais gera novas narrativas para a sua valorização, pois o usufruto de locais históricos pode resultar na consciencialização acerca da presença destes lugares, enquanto precedentes de uma memória viva de uma comunidade, representativos de uma identidade urbana. Com foco no Zigurfest, sendo um festival que dinamiza espaços patrimoniais existentes, desafiando-se a utilizar os locais históricos, em vez de criar infraestruturas próprias.

Por último, o desenvolvimento local gerado pelo Festival é também relevante para esta investigação. Considerando a forma como o Festival ocupa a cidade e se expande através dela, torna-se necessário observar os impactos locais e o diálogo desenvolvido com o meio urbano, uma vez que Lamego, na sua totalidade, é o cenário do Zigurfest. Em suma, esta dissertação pretende compreender as releituras e as ressignificações do património que resultam da atividade artística do Zigurfest.

Festival Zigurfest

No que se refere ao Festival Zigurfest, neste subcapítulo é realizada uma breve introdução ao mesmo, dado que a história do projeto será abordada mais pormenorizadamente no segundo capítulo. Em 2017, o jornal “Público” publicou um artigo sobre o Zigurfest, que resume em poucas frases a essência que esteve na génese da criação deste Festival:

“Tudo começou porque uns miúdos de 20 anos andavam cheios de vontade de fazer “um festival na sua própria terra”. Não se lembram ao certo de quantos eram – “talvez uns 15?” –, mas lembram-se bem que o que queriam era “fazer acontecer”. E fizeram. Lamego, 2011, nascia o TRC ZigurFest, um festival dedicado à nova música portuguesa” (Duarte, 2017).¹

O Zigurfest surge em 2011, em Lamego, a partir de um grupo de amigos, numa cidade com uma atividade cultural no campo dos eventos musicais, reduzida às festas populares de agosto e setembro. Surge também da ambição de oferecer à cidade uma programação cultural que acompanhasse as necessidades daquele momento. Depois do desafio colocado, este Festival principia com uma colaboração com o Teatro Ribeiro Conceição (TRC)², e, ao longo dos anos,

¹ Duarte, M. (2017). TRC ZigurFest, o festival onde a música portuguesa pode acontecer numa capela. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2017/08/30/p3/noticia/trc-zigurfest-o-festival-onde-a-musica-portuguesa-pode-acontecer-numa-capela-1828486> .Consultado a 10 de janeiro de 2023.

² O Teatro Ribeiro Conceição é o teatro municipal da cidade de Lamego, principia a sua história como um hospital, sendo erguido como teatro nos anos de 1920. Consequentemente, fecha as portas em 1989 para obras de restauro, apenas retomando a sua atividade em 2008. Rui Fernandes foi o diretor do Teatro

expande-se pela cidade. O Festival Zigurfest tem como principal objetivo ser palco para artistas emergentes de música moderna portuguesa, decorrendo cada edição coincidentemente com a Romaria da Nossa Senhora dos Remédios³, apresentando-se como uma programação alternativa às festas populares. Além das atividades musicais, o Festival também promove exposições, conferências, workshops, oficinas familiares, e, com algum destaque, residências artísticas⁴.

A particularidade deste Festival, que o destaca em relação a outros eventos da cidade, é que não só presta atenção a um conteúdo mais alternativo e nacional, assim como destaca enquanto o seu principal palco, o património da cidade. O Festival realiza a sua atividade nos espaços históricos de Lamego, como o Castelo, a Sé, o Museu, a rua da Olaria (uma das ruas mais antigas e envelhecidas da cidade), no Teatro Ribeiro Conceição, no Núcleo Arqueológico da Porta dos Figos, na Cisterna, na Alameda da cidade e em diversas igrejas e capelas, espalhadas pelo município. O efeito gerado é um conteúdo revigorante e alternativo, perante um elemento histórico, produzindo novas formas de ver e utilizar o património.

No que se refere ao desenvolvimento do tema e ao surgimento do festival como um motivo de estudo, embora este já se colocasse no horizonte de possibilidades, no decorrer de outubro de 2021, a associação Zigurfest, em conjunto com o Museu de Lamego (ML), promoveram uma conversa com o título "O Contemporâneo no Antigo - Apropriações e Reinterpretações das Artes Contemporâneas do Património Cultural Histórico". Os resultados desta conversa clarificaram a possibilidade de investigar novas linhas de valorização e utilização do património, partindo de interpretações artísticas. Ainda que o objetivo desta conversa não fosse uma promoção direta ao trabalho que o Zigurfest tem vindo a desenvolver, tornou-se claro a ligação do Festival com o património da cidade, como promove o Festival "Em cada rua um palco, a cada passo uma descoberta".

responsável pela sua abertura em 2008. No presente momento é Filipe Marado que assume estas mesmas funções de direção artística. Atualmente, o Teatro apresenta uma programação muito diversificada, sendo uma das maiores ofertas culturais disponíveis na cidade de Lamego. Para mais informações acerca da história do Teatro, sugere-se a consulta dos seus órgãos de comunicação como o site oficial disponível em <http://trc.cm-lamego.pt/home/historia>.

³ A Romaria da Nossa Senhora dos Remédios é uma das poucas romarias de Portugal que sobrevive nos tempos modernos. Com a duração de duas semanas, começa no final de agosto e termina a 9 de setembro. Costuma ser a época mais frequentada em Lamego, com uma programação intensa, apresentado atividades que remontam ao tradicionalismo da cidade, mas também uma programação musical que pretende trazer à cidade artistas mais generalistas. Por fim, esta Romaria tem também um caráter altamente religioso, encerrando as festividades com uma procissão.

⁴ As residências artísticas são alojamentos criativos, onde geralmente os artistas vivem durante algumas semanas nas comunidades e colaboram com as mesmas para a criação de um novo objeto artístico.

Objetivos

No que se refere aos objetivos que motivam esta investigação, procura-se compreender os modos como determinados eventos culturais, nomeadamente festivais de música, podem usufruir e utilizar o património cultural pré-existente no local, levando a ressignificações e releituras do mesmo, em prol do desenvolvimento local. Como foi referido anteriormente acerca do tema, também os objetivos desta investigação compreendem três conceitos, a Cultura, a Cidade, o Património. Deste modo, os principais objetivos são:

Análise da Evolução do Zigurfest: Como ponto inicial, sendo o Festival o objeto deste estudo, é crucial examinar a trajetória deste projeto desde a sua criação. Por conseguinte, desenvolve-se uma linha temporal, desde o início do Zigurfest, permitindo visualizar a sua evolução e compreender os efeitos que este tipo de iniciativas traz para a comunidade local.

Ressignificações do Património: O segundo objetivo centra-se em compreender como o Festival Zigurfest possibilita ressignificações e releituras do património da cidade por meio de expressões artísticas. Procurando analisar como o Festival, no seu programa e respetivo desenvolvimento, promove a criação de novas narrativas de valorização e interpretação do património, explorando a possibilidade de uma forma contemporânea de o revitalizar.

Identidade e memória da Cidade: Por último, considerando a perspetiva da cidade, investiga-se como o Festival Zigurfest serve a identidade da cidade e perpetua uma memória viva, ao serviço da reinserção do património no quotidiano da comunidade local, para a regeneração urbana e desenvolvimento local.

Metodologia

Esta investigação começou por seguir o quadro metodológico proposto por Quivy e Campenhoud (1998),⁵ baseado em três fases de procedimento, sendo primeiramente rutura, construção e por última verificação. Estes três atos de procedimento acompanharam diferentes etapas, principiando com a pergunta de partida, acima referida, seguida pela etapa de exploração, na qual foi realizada uma entrevista exploratória e realizadas as leituras da informação existente acerca do Zigurfest. As leituras e a entrevista exploratória ajudaram a identificar o problema de pesquisa e perspectivas a serem analisadas acerca da ligação do Festival com o património. Seguidamente, foi construído o modelo de análise, recorrendo à revisão de literatura, entrevistas semiestruturadas e abertas, pesquisa de terreno e trabalho de campo. Esta metodologia permitiu analisar profundamente o Festival, mas também a cidade onde se insere.

Esta investigação baseou-se no estudo de dados qualitativos, visto que, em comparação com a metodologia quantitativa, a abordagem qualitativa promove uma relação mais fluida entre o investigador e o meio que observa (Moura, 2020). Assim, o tratamento de dados foi realizado por meio de métodos qualitativos padronizados de modo a analisar a informação. Considerando que os métodos estruturados fornecem funcionalidade e integridade à análise de dados qualitativos. Como refere João Ferreira de Almeida e José Madureira Pinto, “O desenvolvimento de procedimentos padronizados de recolha de informação sobre o real (...) contribuiu, sem dúvida, poderosamente para que o processo da observação sociológica em sentido amplo se tornasse numa fase do trabalho científico cada vez mais sistemática e racionalmente organizada” (1986, p.55).

Começando com a revisão de literatura, o primeiro método de investigação utilizado, permitiu estabelecer as bases fundamentais para toda a investigação. Esta fase foi essencial, considerando que não seria possível abordar este tema sem ter em conta os autores basilares que

⁵ No anexo F é possível ver um gráfico que traduz a metodologia de Quivy e Campenhoud.

contribuíram para o desenvolvimento do conhecimento relativamente aos temas em estudo, assim como, um estudo do panorama nacional para compreender o que está a ser produzido num âmbito cultural que vá de encontro à ressignificação dos espaços urbanos. Como refere Clara Ferreira Coutinho “O objetivo da revisão bibliográfica é o de situar o estudo no contexto e, com isso, estabelecer um vínculo entre o conhecimento existente sobre o tema (...).” (2020, p.59). Este primeiro instrumento metodológico de investigação fornece as bases conceptuais e teóricas que fundamentam e orientam a pesquisa, assim como as entrevistas e trabalho de campo procedem a informação adquirida na revisão literária, Clara Ferreira Coutinho intitula a revisão de literatura de “o marco teórico/conceptual”, dado que “este marco constitui-se como o referencial para a investigação na medida em que dá sentido às atividades e procedimentos que vão ser postos em prática, assim como aos resultados que se obtenham” (Coutinho, 2020, p.60). Além disso, os resultados obtidos nesta investigação são suportados pela revisão bibliográfica, pois a “boa revisão de literatura potência a credibilidade da investigação ao relacionar e conectar a investigação prévia com o problema objeto da investigação.” (Coutinho, 2020, p.59).

No que se refere às entrevistas, esta metodologia é a mais marcante na investigação pois permite corresponder aos objetivos traçados e, de dado modo, possibilita uma compreensão aprofundada do Festival Zigurfest. A utilização das entrevistas como um método qualitativo, fornecem informações acerca do contexto interno do Festival. Dada a ausência de bibliografia específica analítica acerca do Festival, a abordagem foi direcionada para que o foco das entrevistas fosse o estabelecimento de uma linha cronológica entre a criação e o desenvolvimento do Festival.

Para o desenvolvimento dos guiões-entrevista, foi considerada a obra de William Foddy “Como Perguntar?” (1996), de modo a desenvolver estratégias para a formação das perguntas. Deste modo, os guiões das entrevistas encontram-se divididos em torno de três dimensões de análise: i) contextualização do entrevistado e a sua relação com o Festival, enquadrando a sua experiência com este projeto; ii) perspetivação acerca do que o entrevistado considera ser a ligação do Festival com a cidade e como contribui para o desenvolvimento local; iii) enquadramento centrado na identificação das ligações do património cultural com o Zigurfest, partindo da experiência do entrevistado. Também de salientar que a escolha das pessoas a serem entrevistadas residiu na equipa do Festival, entidades diretamente envolvidas no mesmo, ou membros da comunidade que beneficiaram do mesmo, ou seja, as pessoas entrevistadas são

*stakeholders*⁶ do Zigurfest.

Numa primeira instância foram realizadas entrevistas semiestruturadas ⁷ à equipa do festival⁸, de modo a compreender qual a identidade do mesmo, mas também os moldes em que este foi criado. Paula Guerra refere a importância dos membros organizadores dos Festivais “Os organizadores do festival engendram um tecido de relações que podem ser abordados de diferentes formas pelos indivíduos: outros festivais, autarquias, alojamentos turísticos, promotores (...)” (Guerra, 2016, p.15). As entrevistas à equipa foram sempre conduzidas de maneira flexível para permitir que os entrevistados compartilhassem as suas experiências. A escolha de entrevistas semiestruturadas sustentam-se em poder dar à equipa do Festival espaço para as suas próprias narrativas, algo que perguntas fechadas não o permitiriam com tanta facilidade, como refere Vítor Sérgio Ferreira no seu artigo “Artes de Entrevistar”: “servindo a entrevista como forma de captar discursivamente, com profundidade simbólica e densidade narrativa, os respetivos pontos de vista sobre determinadas práticas, experiências e/ou interações.” (2014, p.168). As entrevistas permitem uma aquisição de informação mais extensiva acerca do Festival, mas o recurso a esta técnica de recolha de dados possibilita também a interligação dos factos com as experiências da equipa, humanizando a investigação, seguindo a perspetiva de Vítor Ferreira, “Perguntar, portanto, não se trata de um mero ato de pedido de informações, mas o estabelecimento de uma ponte intersubjetiva através da qual seja possível a circulação de interesses e pontos de vista à partida diferenciados.” (2014, p.178). Deste modo estas entrevistas são uma fonte primária desta investigação.

Para preparar as entrevistas, foi realizada uma entrevista exploratória com um dos membros mais antigos e importantes do Festival, António Silva⁹. Embora inicialmente fosse considerado apenas entrevistar representantes da Câmara de Lamego, esta primeira reunião revelou que o Teatro e Museu eram também elementos fundamentais na constituição do

⁶ *Stakeholders* é um termo que traduz todas as partes interessadas num dado projeto, que beneficiam ou atribuem valor ao mesmo. (Freeman, 1984).

⁷ No Anexo A encontra-se o guião da entrevista dirigida à equipa do Festival.

⁸ O modelo de gestão do Festival Zigurfest não pressupõe de uma organização onde cada membro desempenha uma função, mas há uma dada fluidez onde todos os membros desempenham diversas funções e alternam entre si. Ainda que a ideia inicial fosse entrevistar programadores e diretor artístico e executivo, a equipa do Festival não se encontra organizada desta forma, dado que todos fazem programação e todos colaboram nos restantes encargos.

⁹ António Silva é considerado um dos membros mais fundamentais do Festival, não só porque está presente desde a sua génese, mas também porque é quem atualmente desempenha mais funções, dado que produz a comunicação do Festival, grande parte da programação e ainda constitui a direção executiva.

Festival. Por isso, foi definida uma primeira fase de entrevistas a estas instituições e à Câmara Municipal de Lamego (CML). Estas entrevistas¹⁰ foram desenhadas como semiestruturadas, visando entender de forma aprofundada, os modos como o Festival é integrado na cidade. Entrevistar a equipa do Festival e membros participantes da comunidade local, permite observar o evento de forma abrangente e envolvente, compreendendo de forma extensiva a biografia do mesmo, como refere Vítor Sérgio Ferreira “Entrevistar provoca um exercício de autoanálise que opera um trabalho de explicitação discursiva, por vezes gratificante, outras doloroso na enunciação de experiências e reflexões, umas vezes reservadas ou reprimidas, emaladas no baú do tempo biográfico, (...)” (2014, p. 177). Quanto ao processamento das entrevistas, foram transcritas utilizando o software *nota*, com correções manuais, e por fim, a análise de conteúdos foi processada através do programa MAXQDA. Na primeira entrevista com António Silva não foi guardado registo áudio, apenas foram tiradas notas. Nas restantes entrevistas, foi guardado um registo áudio, com a autorização dos participantes, sendo seguidamente feita a transcrição. No decorrer do texto, são encontradas citações destas mesmas entrevistas.

Quadro 1. Quadro explicativo da aplicação das entrevistas.

| | Nome | FUNÇÃO/INSTITUIÇÃO | MODO | DATA |
|-------------------------|------------------|--|------------|--------|
| ZIGURFEST | AFONSO LIMA | Antigo Diretor Executivo | ZOOM | 22/jun |
| | ANTÓNIO SILVA | Direção executiva, comunicação e programação | ZOOM | 11/mai |
| | RICARDO CABRAL | Direção técnica | ZOOM | 26/jun |
| | FILIFE PEIXOTO | Direção de Produção e Logística | PRESENCIAL | 26/jul |
| INSTITUIÇÕES | CATARINA RIBEIRO | Vice-presidente da Câmara de Lamego | PRESENCIAL | 29/mai |
| | ALEXANDRA FALCÃO | Direção do Museu de Lamego | PRESENCIAL | 30/mai |
| | RUI FERNANDES | Antigo Diretor do Teatro Ribeiro Conceição | EMAIL | 20/jul |
| | FILIFE PEIXOTO | Adjunto da direção artística | PRESENCIAL | 22/jun |
| PESSOAS EXTERNAS | LÍVIA SILVA | Rancho Regional de Penude | EMAIL | 23/ago |
| | MARISA MACEDO | Associação Portas Pr'a Vida | EMAIL | 24/ago |

Após a revisão da literatura e a análise das entrevistas, para complementar esta investigação e de modo a compreender as possíveis ressignificações do património para com a comunidade local foi realizada uma pesquisa de terreno. Como refere António Firmino da Costa acerca da pesquisa de terreno na área da sociologia “O método de pesquisa de terreno supõe, genericamente, presença prolongada do investigador nos contextos sociais em estudo e contacto direto com as pessoas e as situações” (1986, p.129). Deste modo, no decorrer da pesquisa de terreno, o investigador “Observa os locais, os objetos e os símbolos, observa as

¹⁰ Guiões de entrevistas às instituições e à autarquia, pode ser encontrado nos Anexos B a D.

peçoas, as atividades, os comportamentos, as interações verbais” (Costa, 1986, p.132), ou seja, é envolvido pelo ambiente que o circunda, sendo que integra a comunidade que está a ser estudada. No caso do Zigurfest, este Festival possui um carácter de distinto caracterizado pelo conforto e intimismo e, por isso, ser um espetador do Zigurfest é também compreender a natureza deste evento enquanto participante e membro ativo. De alertar que a pesquisa de terreno será sempre limitada por o investigador conhecer previamente o Festival e não estar inserido neste contexto social pela primeira vez, mas, sobretudo, não deixa de ser importante analisar o tecido social pois “a explicação e compreensão dos festivais de música como alavancas do desenvolvimento local não poderão ser devidamente compreendidas fora do contexto social” (Pereira, 2016, p.18). A pesquisa de terreno é usada de modo a compreender melhor as dinâmicas que o festival produz no quotidiano da cidade, resultando como um complemento às entrevistas realizadas, tendo em conta que a pesquisa de terreno permite que o tecido social possa ser analisado e experienciado, como escreve António Firmino da Costa “Para que o impacto seja, de facto, negligenciável, é necessário que o investigador faça parte daquele contexto social ou esteja com ele fortemente familiarizado por socialização ou aproximações prévias” (Costa, 1986, p.135). Em suma, o que se pretende com a pesquisa de terreno é experienciar o Festival na edição de 2023 e compreender enquanto espetador participante, os impactos do evento para com a comunidade.

Enquanto a pesquisa de terreno envolve a participação ativa num contexto social, o trabalho de campo, ainda que não sendo um conceito coincidente com a pesquisa de terreno, pode ser visto como uma versão ampliada desta última e, de dado modo, observa os efeitos a longo-prazo do tema de pesquisa. Nesta investigação, a pesquisa de terreno contribui para analisar os impactos do Festival no decorrer do mesmo. No entanto, o trabalho de campo parte das entrevistas, da pesquisa de terreno e da revisão bibliográfica, assim como várias visitas feitas à cidade, para compreender o Zigurfest no seu contexto social como um todo, isto é “O trabalho de campo procura, no conjunto da informação sobre o presente e o passado, contextualizar as relações sociais que o observa; a observação participante é pontual, o trabalho de campo é envolvente.” (Iturra, 1986, p.149). Para isso, foi utilizado um caderno de campo, onde foram registadas anotações no decorrer das visitas à cidade, e interações com a comunidade, sendo registados aspetos a considerar. Em suma, o trabalho de campo compreende as relações retiradas e desenvolvidas a partir do Festival para com o meio onde se insere e observa os seus impactos a longo prazo.

Delineação do campo de análise

Ainda que numa breve nota, torna-se essencial, após uma explanação do que será abordado no decorrer deste documento, incluir como um possível “aviso à navegação” algumas temáticas que não foram colocadas como objeto de estudo por escolha autoral, mas também alguns limites desta análise.

Primeiramente, esta investigação não tem como intenção abordar impactos turísticos do Festival Zigurfest para com a cidade de Lamego. É inegável que o evento traz novos visitantes para a cidade, mas esta investigação visa um impacto local. Embora possam ser brevemente considerados alguns aspetos do turismo provocado pelo Festival, a questão desta investigação é compreender como um evento criado por pessoas da cidade tem efeitos no quotidiano, na vida e memória coletiva desta cidade, através da ressignificação dos seus bens patrimoniais. O objetivo não é analisar o Festival como um potencializador do turismo local, mas compreender o seu impacto de cariz local e a sua atuação ao nível da cidade. Por isso, ainda reconhecendo que o Zigurfest demonstrou atrair um considerado número de pessoas a Lamego, esta investigação não contemplou uma análise deste facto, ainda que o encare como um aspeto comprovativo do sucesso do Festival.

Segundamente, os efeitos lucrativos do Festival também não são profundamente analisados. Diversos estudos acerca de festivais de música dirigem-se muitas das vezes para a sua rentabilidade, no entanto, considerando que o Festival foi na maioria das suas edições de entrada gratuita, carecem os dados para avaliar a atratividade económica do Festival. É de salientar que a escolha da modalidade de gratuitidade do Festival foi muito consciente e ponderada pela equipa, de modo que o seu valor monetário nunca fosse um fator de exclusão de participantes. Esta opção por um modelo de gratuidade é abordada nos capítulos seguintes, assim como o seu modo de financiamento, procurando compreender a viabilidade deste tipo de iniciativas.

Para além disso, toda a informação disponível acerca do Zigurfest provém dos diversos artigos jornalísticos, do trabalho de terreno, que englobou o acompanhamento e interação com o Festival, e ainda da sua própria equipa, dos seus meios de comunicação e o modo como escolhem descrever o projeto e como este é apresentado. Sendo que, até ao desenvolvimento desta investigação, não havia bibliografia desenvolvida acerca do Festival e por isso recorreram-se a todos os outros métodos de modo a adquirir o máximo de informação possível. Ainda assim, esta investigação foi sempre acompanhada na sua análise de um fator humanístico. Isto é, tratando-se de um estudo dentro das ciências sociais, foi ponderada que

esta investigação mantivesse sempre uma dada empatia, pois os objetos de análise não deixam de ser as pessoas pertencentes a uma comunidade, as suas experiências e consequentemente as narrativas que elas formam. Este modo de análise permitiu que a comunidade observada, e especialmente, as pessoas entrevistadas se sentissem parte da investigação e colaborassem para com o sucesso da mesma.

Por fim, é necessário esclarecer, com acentuada relevância, que esta investigação é apenas um ponto de partida do que poderá ser uma compreensão mais alargada dos impactos do Zigurfest na comunidade. Será relevante, em continuidade com este estudo, analisar mais profundamente a comunidade e colocar como metodologia a apreensão das perceções da mesma. As pessoas entrevistadas para esta investigação são o que se pode considerar como *stakeholders*, partes interessadas, ou seja, a equipa do Festival ou pessoas que beneficiam do Festival. Por isso, para um melhor entendimento deste estudo, é necessário a consideração que o mesmo carece da opinião comunitária, sendo o ponto de partida para uma investigação mais alargada. Assim, para a compreensão desta análise do Zigurfest, é necessário ter em perspetiva um espírito crítico de que as informações expostas são apresentadas pelos *stakeholders*.

Estrutura da Dissertação

Esta investigação encontra-se estruturada em várias secções que, de forma concisa, refletem o trabalho realizado e o modo como este foi dirigido. Principiando com a introdução, que permite contextualizar o tema e os objetivos, e também clarificar quais as bases que fundamenta esta dissertação.

O primeiro capítulo promove a revisão de literatura segmentada em três subcapítulos, refletindo acerca da revitalização do património, modos de regeneração urbana e os festivais de música como agentes desta revitalização. Após a revisão de literatura, seguem-se os três capítulos onde se apresentam os resultados da presente investigação. No segundo capítulo apresenta-se uma linha cronológica da história do Zigurfest, analisando os modos como o Festival é construído, a programação em que se insere, os locais pelos quais se expande e a relação com a comunidade local. O terceiro capítulo é um acompanhamento da edição de 2023 e os seus impactos para o desenvolvimento local. Deste modo é abordada a cidade de Lamego sob o olhar do Zigurfest. O quarto e último capítulo, também principal resultado da investigação, reflete sobre as releituras do património a partir do Festival Zigurfest, com base nas metodologias utilizadas para a recolha de dados, observando como este Festival constitui uma narrativa de valorização do património cultural.

A dissertação termina com a conclusão, onde é apresentada uma síntese do que foi obtido no decorrer desta investigação em relação aos objetivos estabelecidos, apontando para as contribuições desta investigação para o tema em estudo. Apresentam-se ainda as fontes e bibliografia utilizadas e consultadas, seguida dos anexos.

Capítulo 2- Enquadramento teórico: o património, a cidade e os festivais de música.

O presente estudo fundamenta-se numa revisão de literatura, que procura fornecer as bases necessárias para um enquadramento teórico-conceptual. Deste modo, esta revisão de literatura contempla diversos subcapítulos que correspondem aos conceitos-chave referidos.

O primeiro subcapítulo aborda o património e como os respetivos locais históricos adquirem significado na modernidade, e, conseqüentemente, as novas linhas de valorização e interpretação que se estabelecem. No segundo subcapítulo explora-se o papel das cidades enquanto centros históricos devido ao seu património, bem como a questão da decadência da identidade dessas mesmas cidades. Este subcapítulo também analisa como a cultura pode surgir como um possível agente de revitalização urbana. O terceiro subcapítulo concentra-se na análise dos festivais como agentes de revitalização da identidade das cidades. São vistos os impactos que os festivais de música têm e o contexto que precedeu o Zigurfest. É também contemplada uma linha temporal no panorama nacional de festivais com ligação à sua comunidade local ou que visam a criação de significado no contexto urbano histórico. Foi simultaneamente procurado compreender os efeitos sociais gerados por esta tipologia de eventos. De notar que, para os dois últimos subcapítulos, foram escolhidos, maioritariamente, autores portugueses, para que o contexto apresentado nas suas análises tivesse uma maior proximidade com esta investigação.

2.1. Novas linhas de valorização patrimonial

Este primeiro subcapítulo da presente revisão de literatura começa com uma alusão a Gustav Mahler, cujo sentido converge com as linhas de pensamento desta investigação. Mahler afirma que “A Tradição não é o culto das cinzas, mas a veneração do fogo”¹¹. Em outras palavras, mais importante do que idolatrar um passado irrepetível, o valor reside nos meios como se perpetua a memória. Este subcapítulo aborda de que modo é possível perpetuar uma veneração ao “fogo”, aplicando esta citação aos valores patrimoniais, para serem compreendidas as possíveis formas de manter este património vivo, a partir de autores basilares como Alois Riegl,

¹¹ Não é possível localizar qual o contexto original desta citação, sendo que a mesma aparece em diversas referências, mas após cruzamento de fontes, torna-se claro que foi referida por Gustav Mahler, compositor Checo-austríaco de sec.XIX.

Francoise Choay e, no contexto nacional, Ramalho Ortigão.

2.1.1. *O Culto da Arte em Portugal*

Para principiar esta análise e como este estudo contempla a valorização do património nacional, a revisão de literatura começa por abordar a obra *O Culto da Arte em Portugal* (1896), estabelecendo um paralelismo entre as questões levantadas pelo autor nessa época e o panorama atual. Neste livro, Ramalho Ortigão questiona o peso das manifestações e empreendimentos artísticos em Portugal, no decorrer do século XIX. O autor considera que a história da arte em Portugal encontrava-se em declínio, exatamente devido a um desprezo pelas obras do passado, o que resultava por consequência numa crise social, como refere “O egoísmo dos tempos modernos torna-nos incompatíveis com o cometimento de tão grandes obras.” (Ortigão, 1896, p.4). Ou seja, há uma ausência de contemplação das obras de tempos anteriores, resultando numa falta de perspetiva histórica e numa desconexão social em relação a essas obras. Ramalho Ortigão aponta que a história da arte estava em crise, devido à falta de apreciação pelo património. Contudo, a falta desta valorização, aponta num nível mais profundo para uma crise social. Trata-se de uma crise gerada por uma sociedade que carecia de compreensão dos seus valores patrimoniais, e assim, dificultava a perspetiva de um melhor futuro, dada a falta de valorização do passado.

Ramalho Ortigão alerta para o que é perdido quando uma igreja e outros elementos históricos, estão em vias de destruição, mencionando como esses lugares eram centrais para a vida quotidiana das pessoas: “Dentro d’essas egrejas, ameaçadas hoje de próxima ruína ou inteiramente arruinadas, se celebravam todos os actos da vida domestica. Ahi se casavam os noivos, se baptisavam os filhos, se sepultavam os paes.” (Ortigão, 1896, p.3). Neste excerto, o autor relembra-nos da importância de um património, que mesmo em ruínas, representa uma memória de um passado coletivo, com significado para com uma comunidade e não pela sua importância arquitetónica. O autor enfatiza que cada monumento é representativo de um contexto social que já não existe, definindo-o como “a estatística moral das sociedades extintas” (Ortigão, 1896, p.5). Isto é, Ramalho Ortigão argumenta que os monumentos, mesmo os mais simples ou em ruínas, representam a história do passado da comunidade em que estão inseridos e, portanto, merecem ser valorizados e protegidos “A história dos seus monumentos é para cada povo a história da sua individualidade, porque não há monumento artístico que não traduza, mais ou menos directamente, a acção intelectual e política da sociedade que o concebeu” (Ortigão, 1896, p.49).

Em suma, são diversos os pontos levantados pelo autor: desde o reconhecimento do património enquanto a memória de um passado “extinto” de uma comunidade, como o alerta para a proteção dos monumentos, tendo em conta a crise social que se sucedia. Sendo que, o património é a memória da comunidade viva e ativa, pois relembra os modos de vida que já estão extintos e, assim, os valores patrimoniais são a ressignificação da comunidade, em perpetuo contínuo. Ortigão, no final do século XIX, questiona-se sobre o futuro da arte em Portugal “que na arte de Portugal faltam corações portugueses”. Para o autor, não só os monumentos históricos de grandeza arquitetónica devem valorizados e utilizados, mas também, a mais pequena capela e os mais antigos bairros históricos. Não é só sobre a valorização do património, mas sobre a perpetuação do passado de uma comunidade em que, como Ortigão ressalta, os pequenos elementos como bairros históricos têm também uma enorme importância, visto que são reconstitutivos da poesia do passado.

2.1.2. Alois Riegl e o *Culto Moderno dos Monumentos*

Os conceitos explorados em Ramalho Ortigão refletem as preocupações dos pensadores da Europa da época (final do século XIX). No entanto, com o surgimento do século XX, surgem também novos modos de perspetivar os valores patrimoniais. Na Áustria, Alois Riegl¹² reflete sobre o valor da memória que os monumentos carregam. No seu ensaio *O culto moderno dos monumentos* (1903), Riegl explora os novos valores do século XX e as novas perceções de preservação histórica e proteção dos monumentos. O autor sugere que, com a modernidade, surge também um culto aos monumentos do passado, devido ao desenvolvimento de uma “concepção moderna de história”. Nesta obra, a perspetiva utilizada para a compreensão dos monumentos define-se pelo valor que os mesmos carregam através do tempo, seja pela sua qualificação enquanto obra artística, ou pela sua representação de um passado já inexistente, demonstrando que há diferentes valores no que se refere ao culto dos monumentos: o valor de antiguidade, o valor histórico e o valor de memória.

O valor de antiguidade consiste na contínua conservação e preservação dos monumentos para que os mesmos permaneçam fiéis à sua forma original. Recorrendo à intervenção humana e métodos de restauro e conservação, o que está em causa é a preservação do valor arquitetónico, ainda que para isso signifique intervir na sua forma original, afirmando que

¹²Alois Riegl é um historiador de arte vienense que, no âmbito dos seus diversos ensaios estéticos, discorre sobre uma forma moderna de culto aos monumentos. Após serem feitas reformas na legislação da conservação de património de Viena, Riegl contempla os novos valores.

“interessam-nos no monumento não as marcas da influência dissolvente da natureza que se fez valer no tempo decorrido desde a sua génese, mas o facto de sido criado outrora como obra humana” (Riegl, 1984, p. 34).

Para além disso, o autor apresenta, também na sua obra, o valor histórico, dado que “Enquanto o valor de antiguidade se funda exclusivamente no perecer, o valor histórico quer, na verdade, deter o perecer de hoje em diante” (Riegl, 1984, p. 42). Ou seja, o valor histórico consiste em deixar os monumentos envelhecerem com o tempo, sem interferência humana, como parte da sua autenticidade histórica, como refere o autor, “o valor de memória não se prende aí à obra no estado original em que nasceu, mas sim à representação do tempo decorrido desde a sua génese, que se trai de modo perceptível aos sentidos nas marcas da idade” (Riegl, 1984, p.16). Este valor histórico apela a uma significação dos monumentos, mesmo quando estes já apresentam o formato de ruínas, pois continuam a ser uma parte do homem, das suas rotinas e das gerações que o antecederam: “o homem moderno diviso no monumento um pedaço da sua própria vida e sente toda a intervenção naquele com perturbação, como se de uma intervenção no seu próprio organismo se tratasse” (Riegl, 1984, p.30).

Para além destes dois valores, Riegl aborda também o valor de memória, de modo a analisar a relação dos monumentos para com a contemporaneidade. O valor de memória contempla a fruição dos monumentos e deste modo, a sua contínua utilização é geradora de significado do monumento para com a atualidade. Como refere o autor “O valor de memória intencional tem em geral, desde o início, quer dizer, desde a edificação do monumento com um fim específico, de fazer que, em certa medida, um monumento nunca se torne passado, tem de mantê-lo sempre presente e vivo na consciência dos vindouros” (Riegl, 1984, p. 42). No que se refere ao valor de memória, na obra de Ortigão o mesmo teme que, com a sucessão de gerações, venha a desaparecer o interesse nos monumentos, como Riegl também afirma, a distancia temporal pode ser causadora de uma ausência de ligação com o local: “(...) o normal parece ser que um monumento não possa possuir qualquer valor artístico para o actual homem moderno, mais concretamente, tem tanto menos valor artístico quanto mais antigo for, quanto maior a distância temporal (...)” (Riegl, 1984, p. 58). Contudo, ao contrário de Ortigão, que referia uma ausência de interesse no passado, Riegl já compreende esta lacuna como preenchida e um interesse renovado nas obras do passado:

“O interesse nos monumentos intencionais, que costuma desvanecer-se com o desaparecimento das gerações nele interessadas, foi perpetuado por tempos imprevisíveis em virtude de todo um grande povo considerar as antigas ações de gerações há muito tempo desaparecidas como parte das suas próprias acções, e as obras de outrora dos presuntivos

antecessores como parte do seu próprio trabalho. Assim, o passado ganhou um valor de atualidade para a vida e criação modernas” (1984, p. 19).

A análise da obra de Riegl torna-se essencial, uma vez que o autor contempla os variados modos como os monumentos devem ser conservados e como devem sobreviver através do tempo. No final do seu ensaio estético, Riegl destaca as vantagens do uso dos monumentos, pois usufruir destes permite manter a sua relevância, ao perpetuar a memória de um passado extinto e integrar-se na contemporaneidade.

2.1.3. Françoise Choay e a *Alegoria do Património*

Por fim, nesta análise acerca de diferentes dimensões do património, surge Françoise Choay como um complemento e ainda uma evolução das formas de ver o património de Ortigão e Riegl. A escolha desta autora reside no modo como complementa as perspetivas analisadas anteriormente, assim como estabelece uma linha temporal coesa com as mesmas.

Partindo da sua obra *A Alegoria do Património* (primeira edição em 1992), a autora revê diversos temas e ressignificações, abordando o conceito de monumento, mas também a evolução da compreensão do que é o património e a definição do que são indústrias patrimoniais. Choay principia o seu ensaio com a definição de diversos termos como o de património histórico referindo “A expressão designa um fundo destinado ao usufruto de uma comunidade alargada a dimensões planetárias e constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que congregam a sua pertença comum ao passado (...)” (Choay, 2014 p. 11). É deste modo que Choay começa por estabelecer o que é o património histórico, dado que a autora ressalva a ligação deste conceito com a comunidade, como pertencente à mesma. Este tipo de valores vai ser perpetuado ao longo da sua análise, defendendo que o património está sempre ligado à memória da comunidade a que pertence. Para esta investigação, este conceito é basilar, ou seja, pensar o património a partir da sua ligação com a memória e a identidade de uma comunidade.

Choay procura também definir o que é o monumento histórico, observando o monumento enquanto memória viva, referindo “Em primeiro lugar, o que entender por monumento? (...), o que interpela a memória. A natureza afetiva do destino é essencial: não se trata de fazer verificar, de fornecer uma informação neutra, mas de excitar, pela emoção, uma memória viva.” (Choay, 2014, p.17). A partir desta citação, podemos observar este modo de conceptualizar os monumentos que surgem numa compreensão de memória viva, associados a um passado agora inexistente. Choay não deixa de apelar que os monumentos são também

parte de um quotidiano “(...) os monumentos do passado são necessários à vida do presente, não sendo nem ornamento aleatório, (...), mas parte do quotidiano.” (Choay, 2014, p.147). Ou seja, como já foi visto em Riegl, e retomado por Choay, a importância do monumento não reside apenas na sua força arquitetónica e importância artística, mas também nos valores que representa para com a sua comunidade. É evidente o modo como os monumentos, para Choay, são memórias que partem de relações afetivas: “Neste primeiro sentido, chamar-se-á monumento a qualquer artefacto edificado por uma comunidade de indivíduos para se recordarem, ou fazer recordar a outras gerações pessoas, acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças.!” (2014, p. 17). Partindo da evocação da memória e do passado de uma comunidade, tanto a autora como Ortigão defendem que esta é a essência dos monumentos e a razão pela qual devem ser protegidos: “A sua relação com o tempo vivido e com a memória, noutras palavras, a sua função antropológica, constitui a essência do monumento.” (Choay, 2014, p. 18).

Choay apoia que a historicidade do monumento está também na sua envolvente: “o conceito de monumento histórico não poderia designar um edifício singular no exterior do contexto edificado no qual se insere”, acrescentando depois “A própria natureza da cidade e dos conjuntos urbanos tradicionais, a sua envolvente, resulta dessa dialética entre a «arquitetura maior» e o que o rodeia” (Choay, 2014, p. 211). E deste modo explicita como o monumento está integrado em algo maior, e que em conjunto faz parte da cidade histórica “Uma cidade histórica constitui em si um monumento, mas ela é ao mesmo tempo um tecido vivo (...)” (Choay, 2014, p. 210). Françoise Choay destaca que o património não decorre apenas dos objetos edificados, como os monumentos históricos, mas também se perpetua através do tecido urbano e por isso procura definir o que são cidades históricas e os modos em que é possível conservá-las, redigindo “o domínio patrimonial deixou de estar limitado aos edifícios individuais; ele compreende daqui em diante, os conjuntos edificados e o tecido urbano: quarteirões e bairros urbanos, aldeias, cidades inteiras (...)” (Choay, 2014, p.13) A autora observa a cidade enquanto também um elemento do património. A compreensão deste elemento é importante para esta investigação, pelo modo como Choay liga esta abordagem com o consumo cultural e como toda a cidade é objeto desde mesmo consumo, referindo “A cidade histórica tanto é, como o monumento individual, transformada em produto de consumo cultural (...)” (Choay, 2014, p. 238). O que vai ao encontro do objeto deste estudo, que se apropria também de toda a cidade de Lamego, da sua historicidade e para a tornar no seu conjunto o palco deste produto artístico, como identifica a autora, “a cidade patrimonial é também palco

de festivais, festas, celebrações, congressos, verdadeiros e falsos acontecimentos que multiplicam o número de visitantes depois de terem mobilizado a imaginação dos animadores” (Choay, 2014, p.239).

Choay identifica o consumo cultural como um modo de proteção destes mesmos locais, partindo da sua fruição, geradora de uma consciência patrimonial: “A proteção estratégica dos tecidos urbanos antigos e a sua reapropriação pelas populações que os habitam, em lugar de os consumir, passam por uma outra via: a de uma tomada de consciência geral, seguida de uma ação que lhe esteja concertada” (Choay, 2014, p. 250). Para a autora, o consumo e fruição do património por parte da comunidade geram uma consciência para a proteção e salvaguarda do mesmo, associado à construção e desenvolvimento dessa mentalidade, pois “A preservação dos monumentos antigos é, antes de mais, produto de uma mentalidade.” (Choay, 2014, p.155). Dos diversos argumentos que Choay apresenta, este é bastante impactante e significativo para o contexto desta investigação, dado o modo como a necessidade para a preservação dos monumentos será sempre um processo adquirido através da construção desta mentalidade.

Choay defende que os sentimentos são também intermediários na proteção dos locais. Ou seja, o património de Choay tem uma dimensão afetiva, sendo que para a autora a relevância dos edifícios antigos está também nos sentimentos que os mesmo provocam e evocam:

“É também por intermédio dos sentimentos morais, a devoção e o respeito, que ele entra no mesmo nível do passado. Que recordam então os edificios antigos? (...) Fazendo-nos ver e tocar o que viram e tocaram as gerações antigas, o mais humilde lar possui, a par do edifício mais glorioso, o poder de nos colocar em comunicação, quase em contacto com elas. (...) os edificios do passado falam connosco, fazem-nos escutar vozes que nos envolvem num diálogo” (2014, p.148).

Em síntese, através das perspetivas destes autores, torna-se claro que os monumentos representam mais do que construções antigas, dado que são testemunhos vivos do passado, tendo a capacidade de evocar sentimento, diálogos e identidades. A abordagem de Ortigão destaca a relação emocional entre as pessoas e os monumentos, Riegl examina as várias dimensões do valor do património no decorrer dos tempos, e Choay amplia a compreensão do património para além dos monumentos individuais, incorporando também a cidade histórica como um todo. Estes conceitos têm uma aplicação direta na análise do Festival Zigurfest, dado que este apropria-se dos monumentos históricos para criar novas experiências e significados, reavivando a memória dos monumentos, assim como os utiliza enquanto veículos para a construção de uma identidade e simultaneamente, permite a ressignificação e uso contemporâneo do património.

2.2. Criar significados- Conversão da cidade em recurso cultural

Após ter sido feita uma análise de várias formas de valorização do património, partindo das visões de Ortigão, Riegl e Choay, torna-se essencial considerar como estes valores se comportam na atualidade e de que modo é que se observa a valorização do património nos contextos socioculturais atuais das cidades. Posteriormente, e de forma mais profunda, compreender-se-á a interação entre Lamego e o Zigurfest.

Como demonstrado anteriormente a partir análise de Choay, a cidade histórica é vista também como um bem patrimonial em si, resultado de um determinado contexto decorrido no tempo e espaço. O desenvolvimento de um contexto urbano leva à consideração da identidade da cidade e da coesão urbana. No caso das cidades portuguesas, a sua riqueza em património permite caracterizá-las como cidades históricas, isto é, locais caracterizados pelo peso da sua historicidade e, conseqüentemente, pela relevância do seu património, possuindo um centro histórico. Uma vez que Lamego se identifica com esta definição, torna-se crucial compreender como é que estes tipos de cidades podem atualizar-se e ser também ser um recurso cultural. Carlos Fortuna (2006) categoriza as cidades possuidoras de centros históricos como “sem iniciativa, nem auto-estima”, e por isso têm dificuldade em “enfrentar com sucesso os desafios do novo milénio”, o que enfatiza a sua desatualização, obsolescência e uma identidade urbana diluída, alertando para a urgência na “intervenção criteriosa nos centros históricos”. Ou seja, o que é identificado em Lamego e outras cidades é que estes centros urbanos têm dificuldade em corresponder às necessidades contemporâneas, existindo uma urgência em revitalizar estas cidades, para que também seja possível a salvaguarda e proteção do seu próprio património. Neste esforço de revitalização, a cultura pode ser um forte agente, ou seja, existe “a absoluta necessidade de inovação dos processos de preservação do património sociocultural e da sua integração efetiva no desenvolvimento urbano mais amplo” (Fortuna, 2006, p.4). O que destaca a necessidade de novas estratégias socioculturais que facilitem a revitalização urbana.

Desta forma, é pertinente analisar como a cultura se relaciona com a cidade e como pode revitalizar cidades como Lamego, uma vez que são temas considerados “palavras-chave nas reflexões sobre as mudanças sociais do mundo de hoje” (Abreu & Santos, 2000, p.5). Conseqüentemente, neste subcapítulo serão abordadas questões relacionadas à identidade das cidades e como essa mesma identidade pode ser revitalizada a partir de elementos culturais.

2.2.1. A identidade da cidade em concordância com a sua fruição

Quando se principia o questionamento sobre a identidade da cidade, consideramos o lugar para além do seu espaço geográfico e observa-se a cidade sob uma perspetiva sociológica, enquanto uma representação de um espaço ativo e dinâmico. Carlos Fortuna no artigo “Identidades, percursos, paisagens culturais: estudos sociológicos de cultura urbana” (2013) sugere que “A cidade é a imagem alegórica da sociedade. Sem capacidade para ordenar quer o tempo quer o espaço, a sociedade perdeu os seus guiões e desafia-nos a desaprender a História e a Geografia para que aprendamos de novo, de modo diferente” (2013, p. 27). Desta forma, Fortuna propõe uma nova perspetiva para a cidade, não considerando tanto o seu campo geográfico, mas observando o espaço urbano na sua vertente sociológica, refletindo sobre qual é a imagem da cidade, o que é esta transmite, independentemente do seu registo histórico ou localização geográfica.

No que se refere à identidade de uma cidade, também podemos questionar qual a sua imagem, visto que “A imagem de um lugar corresponde ao conjunto de crenças, ideias, impressões e expectativas que se têm acerca desse lugar” (Peixoto, 2000, p. 103). Ou seja, a imagem da cidade reflete a sua própria herança cultural e a história da comunidade que a construiu. Quando nos focamos concretamente na imagem da cidade “tanto se traduz nas representações que os indivíduos fazem a partir da seleção e interpretação da cidade, como nas estratégias de autorrepresentação que as cidades colocam em cena (...)” (Peixoto, 2000, p. 104). Isto é, a identidade da cidade também está relacionada com a imagem que a cidade escolhe projetar. Frequentemente, os cidadãos procuram conscientemente definir a imagem que desejam associar à sua cidade. Isso não é apenas uma aspiração, mas também, como mencionado, uma autorrepresentação da comunidade que vive nesse espaço, resultando no que pode ser compreendido como uma forma de *marketing* urbano.

2.2.1.1. O centro histórico como caracterizador da identidade urbana

No que se refere à identidade da cidade, o seu conteúdo histórico é também um fator de construção do modo como esta se percebe, dado que a identidade urbana também é construída com recurso aos vestígios do passado. Paulo Peixoto reflete sobre a historicidade das cidades como um fator definidor da identidade das mesmas, considerando que os “centros históricos” são os espaços na cidade que vão construir o seu registo.

A cidade de Lamego é fortemente marcada pela sua história, tendo construído uma imagem de “cidade histórica”, “ancorada na sua vetustez e no carácter das suas funções dominantes”

(Peixoto, 2013, p. 217). Deste modo, o aglomerado de elementos históricos na cidade é algo que define a sua própria identidade urbana, para além de outros elementos. Como Peixoto observa, a parte histórica das cidades é também elemento construtor da sua própria identidade, pois “detém o poder de representação e de percepção da cidade actual porque nele estão fixados os símbolos que dão forma à identidade urbana” (2013, p. 217). Assim, vemos a cidade enquanto um organismo sociocultural vasto, definido pelos seus contextos urbanos, assim como pela sua historicidade. Isto, tendo em conta que a vastidão de elementos históricos permite que a cidade tenha em si “um centro histórico” como uma área que caracteriza o seu contexto e, conseqüentemente, a sua identidade. A identidade da cidade não depende da existência do centro histórico, mas o centro histórico caracteriza a cidade.

Para Peixoto (2017), os centros históricos das cidades estão na fronteira entre o “antigo” e o “moderno” na dialética urbana, dado que os centros históricos são os locais centrais das cidades modernas. Este diálogo entre o novo e o antigo, em que a atualidade colide com os espaços de património, constitui um elemento distintivo da identidade da cidade e pode ser um fator de inovação da mesma, pois “O capital de inovação daquilo que é catalogado como património reside tanto no facto de poder permitir que o moderno se afirme e se legitime por via da confrontação com o antigo, como numa estetização que radica num confronto de temporalidades” (Peixoto, 2017, p. 217). Em Lamego, podemos verificar que este conflito de temporalidades resulta num elemento constituinte da identidade da cidade, sendo marcado um contraste entre edificações modernas e elementos patrimoniais. Carlos Fortuna afirma que “As nossas cidades históricas e do passado, pela ambivalência interpretativa a que estão sujeitas, são lugares privilegiados para que nos permitamos divagar por entre o seu património histórico edificado, dando azo à nossa imaginação, isto é, actuando no sentido da destruição criadora das nossas identidades” (2013, p. 34). Não deixando esquecer que esta convergência de espaços temporais pode também ser um elemento de revitalização das cidades, ao conjugar a atualidade com a memória do passado.

Carlos Fortuna, num artigo intitulado “Centros Históricos e Patrimónios Culturais Urbanos”, demonstra como os centros históricos estão a perder a sua vitalidade, sendo necessário refletir sobre novas estratégias de revitalização para estes lugares: “os centros históricos têm vindo, deslizantemente, a perder rigor e a dissipar-se não apenas enquanto território disputado (...), mas também enquanto referencia cultural e histórica da dignidade e identidade urbanas” (2005, p.2). Paulo Peixoto partilha também preocupações semelhantes acerca dos centros históricos: “Essa metalinguagem do património, de que a expressão “centro

histórico” faz parte, representa tudo o que nos arriscamos a perder, (...) o espaço público, a qualidade de vida, as referências identitárias, a cidade à escala humana. Em suma, representa as bases de uma cidade culturalmente sustentável” (2013, p. 213). Ou seja, se o centro histórico, enquanto elemento que caracteriza a cidade, perde a sua vitalidade, também isso afeta a identidade urbana. Por isso, recuperar e revitalizar os centros históricos é um ponto de partida para revigorar a identidade das cidades.

2.2.2. O impacto cultural para a cidade

O autor Claudino Ferreira coloca em questão o impacto da cultura nas cidades e nas pessoas que as habitam, ao afirmar que “talvez nos devamos antes interrogar sobre o que valem, ou podem valer, as artes e a cultura para todos aqueles que vivem e usam as cidades, como residentes, trabalhadores ou visitantes” (Ferreira, 2010, p.51). Fortuna e Silva também levantam uma questão semelhante “sobre se a cultura está a matar ou a vivificar as cidades, os seus espaços relacionais e a vida social do cidadão” (Fortuna & Silva, 2001, p. 415).

Indo ao encontro do que foi referido anteriormente e partindo da questão de Ferreira, é necessário examinar o impacto da cultura para a cidade e como contribui para a mesma e para o seu desenvolvimento, considerando a cidade como um equipamento cultural, como afirma Paula Abreu “As cidades tornaram-se os espaços privilegiados dos mercados culturais, oferecendo oportunidades crescentes quer no domínio da criação, produção e distribuição cultural, quer no domínio dos consumos e das praticas de cultura “(2004, p. 162). Esta utilização do espaço urbano como equipamento cultural também atua para a regeneração urbana e, numa última instância, remodela a identidade da cidade em concordância com a sua fruição cultural, como Fortuna afirma “Temos que saber modernizar a história e a memória dos lugares, sem as descaracterizar, mas mobilizando-as para o projeto de renovação urbano-cultural das cidades e dos seus velhos centros” (2005, p. 12). Isso significa que a regeneração urbana, enquanto modelo para a cidade, deve ser sustentada na manutenção de uma relação orgânica da modernização com a sua história e identidade, sem descaracterizá-la.

Conforme observado por Fortuna e Silva, “encontramo-nos hoje num momento em que um conjunto de novos sectores culturais assume um papel estratégico na renovação das cidades e das suas economias locais” (2001, p.419), afirmando como as estratégias culturais também contribuem para a revigoração das cidades. Os autores refletem sobre como estes novos agentes culturais estão a redefinir a dinâmica urbana no panorama nacional “falamos de desenvolvimento das cidades em que pontuam iniciativas culturais diversas que alteram

profundamente o significado e o lugar marginal que a cultura, (...), detinha décadas atrás no panorama urbano português” (2001, p. 419). Ou seja, apontam para uma tendência na qual a cultura está a deixar um lugar marginalizado para ocupar uma função central na coesão e no desenvolvimento das cidades.

Claudino Ferreira é um dos autores que também evidencia como a cultura tem vindo a tornar-se um elemento importante para as cidades, seja a nível político, social ou económico, sendo uma nova procura para investimento urbano “Ao longo das últimas décadas, o investimento público no sector cultural com objetivos de regeneração urbana ou de promoção de imagens atractivas das cidades adquiriu uma expressão significativa no mundo ocidental” (2010, p. 31). Esta afirmação sublinha como o investimento no sector cultural também se tornou uma estratégia para a revitalização dos espaços. Ferreira, no seu artigo “Cultura e Regeneração Urbana: Novas e Velhas Agendas da Política Cultural para as Cidades”, discute como elementos culturais podem atuar como fatores de revitalização socioeconómica para as cidades, uma tendência que tem vindo a crescer progressivamente “O que há talvez de novo nas décadas mais recentes é a descoberta do papel instrumental que, (...), a cultura pode desempenhar no âmbito de políticas de revitalização socioeconómica das cidades e de estratégias de marketing urbano” (Ferreira, 2010, p. 32). Como mencionado anteriormente, a identidade da cidade é também uma imagem resultante da sua autorrepresentação, uma forma de *marketing* urbano, em que a cultura serve como uma estratégia deste mesmo *marketing*.

Paulo Peixoto destaca-se pelas suas reflexões sobre o impacto da cultura na cidade, mas também aborda a sustentabilidade cultural e menciona o crescente desenvolvimento de atividades culturais nas cidades e como essas atividades devem estar intrinsecamente ligadas à vida quotidiana, referindo que “Com efeito, as cidades estão cada vez mais envolvidas em projetos que visam proporcionar uma cultura urbana baseada no usufruto do espaço público e na promoção de uma cidadania que depende da capacidade em fazer assentar a vida quotidiana em atividades de natureza lúdica” (Peixoto, 2017, p.216). Torna-se importante enfatizar que a revitalização urbana, impulsionada pela cultura, deve beneficiar principalmente a comunidade que vivencia o quotidiano na cidade. Claudino Ferreira alerta para que esta utilização da cidade não seja feita num modelo desmedido, olhando sempre para a promoção da cidadania, em prol do quotidiano das pessoas, uma vez que esta regeneração urbana, que parte da cultura, tem sempre de contemplar “o real envolvimento das pessoas”. Ferreira afirma que “é essencial para que o desenvolvimento cultural seja consistente e consequente; e que, para ser realmente desenvolvimento, se deve fazer à medida dos recursos, dos interesses, das necessidades e

das expectativas das pessoas” (2010, p.51). Só em conformidade com o quotidiano é que a regeneração urbana, através da cultura, pode suceder de uma forma que não seja abrasiva para com a sua própria identidade. O que torna necessário contemplar os modos como a regeneração urbana se desenvolve.

2.2.3. Regeneração urbana

Os impactos desenvolvidos pelas atividades culturais nas cidades, englobando a cidade como um amplo equipamento cultural, são também fator de regeneração urbana, dado que “a cultura surge transformada em ingrediente de renovação potencial da vida social das cidades contemporâneas” (Fortuna & Silva, 2001, p. 410). A importância da regeneração urbana reside no modo como revitaliza a cidade. O artigo “Regeneração urbana através da cultura e das artes: o caso do Barreiro” (2019), salienta como a cultura e os meios artísticos podem ser um fator essencial para a revitalização do espaço urbano, resultando em processos socioculturais que revigoram a cidade em concordância com o seu passado e com a sua identidade. Este artigo refere que este tipo de processo que permite a regeneração “coloca a tónica no papel que nele desempenham a cultura e as artes, por outro, procura também descrever e interpretar as relações que se estabelecem com a memória e a identidade, enquanto traços constitutivos e definidores de um território profundamente marcado pelo seu passado (...)” (Carmo, Matos & Pereira, 2019, p. 61). Além disso, o que também é de salientar neste artigo, é o modo como a cultura regenera a cidade, pois parte também da utilização da sua própria identidade e memória enquanto recurso. Como foi mencionado anteriormente, o conceito de património que esta investigação adota assume o património enquanto memória viva de uma comunidade e, do mesmo modo, a memória na cidade pode ser um veículo para a sua regeneração, dado que “a memória e a identidade são recursos absolutamente vitais que, por um lado, funcionam enquanto tecido conjuntivo deste tipo de processos e, por outro, alavancam o seu próprio desenvolvimento” (Carmo, Matos & Pereira, 2019, p. 63).

Neste mesmo estudo acerca da regeneração urbana através das artes é referido que “a memória e a identidade são, hoje, porventura mais do que nunca, recursos endógenos que os diferentes protagonistas do atual processo de regeneração urbana” (Carmo, Matos & Pereira, 2019, p. 68). Desta forma, há que considerar estes recursos, conjuntamente com os agentes culturais, como de importância para uma fruição que marque o “quotidiano local” da cidade, o que, em última análise, pode contribuir para a coesão social e territorial e revitalização urbana. Este estudo é relevante porque possui similaridades com o Festival Zigurfest, dado que também

ênfatiza a importância dos agentes culturais, entre os quais se encontram os residentes com ligações às artes, pois “apresentam traços identitários e discursos que bebem diretamente do legado histórico, da memória coletiva e das suas próprias vivências num território, (...) como guardiões da identidade e da memória locais e como atores que reclamam um papel cativo no processo de reconfiguração do território” (Carmo, Matos & Pereira, 2019, p. 66). Tal como acontece com o Zigurfest, os impactos dos festivais na revitalização da cidade são acentuados, porque são produzidos por pessoas da própria cidade, que possuem conhecimento da história e memória da comunidade local. Este conhecimento torna-se essencial para estes processos de regeneração urbana, estando as comunidades locais bem apetrechadas para serem agentes ativos nesse mesmo processo: “reconhecemos viverem-se hoje tempos de grande condescendência perante o passado e a memória revelados pelas narrativas de ressignificação dos bens culturais” (Fortuna, 2019, p. 122). Por isso, é crucial que os agentes culturais também sejam agentes locais, de forma a revitalizar a cidade em harmonia com o seu passado, devido ao seu conhecimento aprofundado do mesmo.

Esta análise acerca da identidade de uma cidade e da sua regeneração urbana preparam para que depois seja possível reconhecer mais facilmente a dimensão de um projeto como o Zigurfest, dado que o Festival surge de uma necessidade de revigoração cultural, mas acima disso, de uma identidade urbana que se encontrava desvitalizada. Como será analisado nos capítulos seguintes, este Festival é um agente que inicia a revigoração da cidade e, sobretudo, conduz a uma metamorfose na sua própria identidade.

Após analisada a cultura como um fator de regeneração urbano e o seu contributo para a revitalização da identidade da cidade, é possível gerar uma fluidez com o subcapítulo seguinte, ao analisar como os festivais de música podem também ser um modo de dinamizar as cidades, dado que “As cidades fazem uso do potencial dos festivais para gerarem receitas através da dinamização do espaço, e da oferta de novas dinâmicas sociais” (Faustino, 2020, p. 17). E por isso, são também um forte agente cultural de revitalização urbana.

2.3. Festivais de música enquanto agentes de revitalização

Após serem abordados os impactos da cultura nas cidades e o modo como a cultura pode ser um agente de revitalização e reforma das identidades urbanas, pretende-se compreender, neste subcapítulo, como os festivais de música podem ser agentes culturais de processos que levem à reforma urbana e, do mesmo modo, como este tipo de eventos culturais pode ser um potencial revitalizador da cidade.

Ao longo da última década, os festivais de música têm emergido como acontecimentos culturais de grande sucesso no cenário nacional. Estes eventos têm atraído um número significativo de participantes, transformando-se em manifestações massivas, amplamente distribuídas por todo o país e, especialmente, presentes nas principais metrópoles. O autor João Pedro Gaspar Pereira observa que se trata de “um fenómeno emergente a nível nacional e até europeu, afigura-se desde logo como um motivo fascinante para uma cuidada indagação sociológica sobre as particularidades (culturais, políticas, económicas, sociais) locais, regionais e mesmo nacionais (...)” (2016, p. 8). Ou seja, os festivais de música, com um crescimento repentino nas últimas décadas, destacam-se como um fenómeno sociológico que merece uma atenção especial e análise aprofundada. Para além disso, o aumento substancial do número de festivais de música em todo o país indica uma evolução significativa da cultura, que se abre para campos mais latos, tal como refere Paula Abreu “Esta tendência de dinâmica crescente do espetáculo ao vivo espelha as mudanças socioculturais ocorridas no nosso país nas últimas décadas, (...) têm projetado a cultura para o centro das arenas política, social e mesmo económica” (2004, p. 162). Isso significa que os espetáculos ao vivo, nos quais se inserem os festivais de música, ultrapassam a esfera geográfica estrita onde se desenrolam e conquistam um lugar no quadro económico, social e até político.

Principiando esta aproximação aos festivais de música e aos seus impactos, é importante, numa primeira abordagem, procurar definir o que é um festival de música e que aspetos o caracterizam. Como refere Paula Guerra no artigo “Lembranças do último verão. Festivais de música, ritualizações e identidade na contemporaneidade portuguesa”, os festivais de música podem ser definidos como “eventos que, na generalidade, se caracterizam por ocorrerem num curto espaço de tempo, sob uma programação intensa de concertos (...), que se orientam para a divulgação de projetos provenientes de um dado género ou subgénero musical específico, (...)” (Guerra, 2016, p. 4), ou seja, os festivais de música são caracterizados não só pela sua efemeridade, mas, também, pela intensidade da sua programação, ligada a um particular género musical. A escolha de um género ou subgénero musical específico pelos festivais de música, resulta num público que compartilha gostos musicais semelhantes. Consequentemente, acontece que os festivais atraem comunidades de pessoas com gostos similares e os seus pares, criando também assim um sentido de pertença¹³. O alto consumo dos festivais na atualidade

¹³ Este sentimento de pertença destas comunidades de festivais está bem patente na marca dos próprios festivais, destacando-se por exemplo, o Meo Sudoeste, cujo *slogan* é o bem conhecido “Junta-te à Tribo”.

também se justifica “na procura e no encontro de um significado acerca da identidade, da comunidade e da pertença” (Guerra, 2016, p. 3). Deste modo, os festivais de música podem ser interpretados como locais de encontro onde se formam identidades, sejam individuais ou da comunidade que os envolve, pelo modo como atraem públicos que partilham gostos semelhantes. Os festivais de música promovem sociabilidades, descobertas individuais, exposição e afirmação pessoal, e, por isso, são um elemento importante na contemporaneidade e para a vida moderna, sendo que num aglomerar dos aspetos considerados acima, os festivais definem-se como sendo “um aspeto significativo da paisagem socioeconómica e cultural da vida quotidiana contemporânea” (Guerra, 2016, p. 4).

A componente musical revela também ser um fator que contribui para o sucesso destas manifestações culturais e para que os festivais sejam este local de encontro e partilha. Paula Guerra afirma que os festivais de música podem ser vistos como “espaços de quebra de fronteiras artísticas, sonoras, culturais, nacionais; tempos de simultaneidade de práticas, ritmos e atores face à música; e contextos de corporização e estilização de modos de fazer música diferentes (...)” (Guerra, 2016, p. 21). A componente musical dos festivais “surge como potenciadora de sociabilidades, como denominador comum de lazeres, de consumos culturais e de relações sociais (...)” (Guerra, 2016, p. 29). No que respeita ao Festival Zigurfest, como palco de música moderna e alternativa “existe um entendimento generalizado de que os festivais são palcos de excelência para um consumo de música mais alternativa e independente e muitas vezes constituem uma oportunidade única para ver determinadas bandas em território nacional” (Guerra, 2016, p. 18). Ou seja, o Zigurfest, assim como outros festivais no panorama nacional, por se apresentar como um lugar de música alternativa, potencializa também um interesse comum, enquanto espaço de consumo musical único, que oferece uma programação que não é possível encontrar noutros locais. Do mesmo modo, de salientar que festivais como o Zigurfest permitem ser palco para música mais marginalizada, dando a certos géneros musicais um lugar de partilha “Os festivais constituem ainda um modelo de organização cultural que serve os esforços daqueles que se dedicam a expressões artísticas marginais (...) e a programação em áreas especializadas, com procuras limitadas ou de elasticidade reduzida” (Abreu, 2004, p.166). E por isso, este formato de evento consegue ter um alcance maior para manifestações artísticas mais marginalizadas, que outros modelos não conseguiriam.

Para além disso, é importante evidenciar o modo como o Festival apostou no desenvolvimento de uma programação que permitisse ser frequentado por um público mais jovem, também característico dos festivais de música. A propósito do Festival de Vilar de

Mouros, iniciado em 1971, Paula Guerra identifica como “marcante para a percepção e representação das identidades e (sub)culturas juvenis num Portugal ainda muito distante e avesso à pop music e às suas tradições musicais, culturais e simbólicas” (2016, p. 31) e refere ainda a sua importância para a formação da identidade do público juvenil “isto tem ditado a sua popularidade como formato de evento e produto cultural, mas também a sua importância na estruturação das identidades juvenis em torno da música, da cultura, do lazer, da moda e das ritualizações simbólicas” (Guerra, 2016, p. 31). O público juvenil encontra nos festivais de música um lugar que atende aos seus gostos musicais e por isso são estes que têm mais tendência para frequentar estes eventos culturais. Enquanto também aproxima este público de práticas de consumo cultural.

2.3.1. Impactos Locais

João Pedro Gaspar Pereira alerta para a importância do estudo dos festivais, reforçando a necessidade para a sua análise sociocultural, dado que “constitui hoje um objeto de estudo de elevada importância, permitindo compreender melhor algumas das dinâmicas que, na atualidade, movem indivíduos, localidades e sociedades” (2016, p. 14). O mesmo autor enfatiza ainda o valor que estes festivais apresentam para “os média, no meio académico, em estratégias de desenvolvimento territorial, na afirmação identitária das populações ou nas campanhas políticas” (Pereira, 2016, p. 16). Paula Guerra, por sua vez, para além de compreender os festivais enquanto fenómenos socioculturais, destaca que é também crucial a análise dos impactos destes eventos, dado que “podem ter efeitos a um nível interno (no próprio acontecimento)”, mas também “a um nível local (no espaço-concelho e cidade onde se realizam)” (Guerra, 2016, p. 5). No que se refere aos impactos locais, Guerra analisa o modo como “os festivais são um fator de desenvolvimento local e de lógicas de fruição associadas ao bem-estar e qualidade de vida e de articulação global/local” (Guerra, 2016, p. 5). Ou seja, enquanto agentes para a revitalização urbana, os festivais de música são também agentes do desenvolvimento local, contribuindo para o quotidiano da comunidade. Como salienta também Joel Neves de Jesus, num estudo acerca do impacto do Festival Marés Vivas para a cidade de Gaia, “Os festivais podem criar uma imagem positiva para o destino e população, abrir oportunidades para talentos locais e assim infligir uma dinâmica saudável entre a comunidade envolvida” (Jesus, 2015, p. 38), destacando os benefícios que este tipo de iniciativas podem ter para a comunidade.

Nesta investigação, a importância de analisar festivais de música coloca-se enquanto

agentes de revitalização urbana, mas também no modo como contribuem para a construção identitária do local que recebe o evento e para as pessoas que o frequentam, tendo em conta que “Podemos observar nos festivais de música uma materialização evidente da capacidade mobilização da música e da sua importância para a construção das identidades pessoais” (Pereira, 2016, p. 12). Ainda mais, como refere Paula Guerra “os festivais de música detêm hoje em Portugal uma forte importância na construção identitária (especialmente se tivermos em linha de conta que muitos dos seus espetadores atualmente são jovens), nos consumos e nas formas “modernas “de apropriação cultural” (2016, p. 21). Para além de contribuir para o desenvolvimento de uma identidade individual, os festivais são importantes agentes culturais para a identidade local “os festivais de música portugueses assentam igualmente numa lógica de valorização do que é característico da identidade local, até numa ótica de distinção e de posicionamento face a outros festivais, nomeadamente internacionais” (Guerra, 2016, p. 24). Verifica-se que a tendência nos festivais de música nacionais é a de valorização do local onde se realiza e não uma intervenção alienada no mesmo, como se observa nos festivais internacionais produzidos em Portugal, onde a sua ligação com a comunidade local é reduzida. Deste modo, para melhor compreender os impactos locais é importante depreender parte da história dos festivais de música no panorama nacional.

2.3.2. Festivais de música no panorama nacional

Para melhor analisar o Zigurfest, na sua qualidade de festival de música, é necessário compreender os contextos que o precederam. Também é fundamental a compreensão que, quando o Festival surge em 2011, o universo de festivais de música portuguesa não se encontrava tão expandido como atualmente.

A história dos festivais de música em Portugal principia-se em 1968, com a primeira edição do Festival Vilar de Mouros (Guerra, 2016), considerado o precursor dos festivais de música em Portugal e que foi apelidado de “Woodstock português”. Ocorreu numa vila minhota, não reconhecida como destino turístico. Porém, o festival, através da atenção que chamou para Vilar de Mouros, permitiu que a vila fosse colocada no mapa. Em 1971, com um cartaz que incluía Elton John, o Festival Vilar de Mouros revelou-se como uma marca na história dos festivais portugueses, embora sem grande sustentabilidade (sobretudo por falta de apoios): “o Vilar de Mouros representou também um grande prejuízo para a sua organização” (Guerra, 2016, p. 6). No entanto, esta primeira manifestação levou a que Vilar de Mouros se tornasse um lugar de destaque, revelando ser muito impactante para a localidade. Mais tarde, em 1976,

surge a Festa do Avante, com um carácter político associado ao Partido Comunista Português, que também tem vindo a realizar-se anualmente desde a sua criação (Pereira, 2016). Pela sua antiguidade e permanente sucesso, é uma marca de como os festivais de música, desde os anos 70, se foram revelando como um agente cultural de sucesso.

A partir da década de 1990, o panorama expandiu-se e os festivais de música em Portugal multiplicaram o seu número. Sendo que alguns destes festivais chegaram até à atualidade, edição após edição, como refere João Pedro Gaspar Pereira “Entre os festivais dos anos de 1990, consideramos, com base na dimensão que os festivais adquiriram na atualidade, necessário destacar os seguintes: Festival Paredes de Coura; Noites Ritual; Super Bock Super Rock; Sudoeste; Boom Festival; Marés Vivas; Festival de Músicas do Mundo – Sines.” (Pereira, 2016, p. 52). Dos nomes referidos, é necessário salientar o Festival Paredes de Coura, que começou em 1993, mas com duas particularidades que o colocam como importante para esta investigação. Primeiramente, assim como o Festival de Vilar de Mouros, também foi um objeto de descentralização, dado que Paredes de Coura é uma vila no Alto Minho, onde o festival permitiu que a mesma passasse a ser um destino de visitação e, como é afirmado popularmente, permitiu colocar a localidade “no mapa”. Para além disso, semelhante ao Zigurfest, foi um festival desenvolvido a partir de “um grupo de jovens naturais de Paredes de Coura” (Pereira, 2016). E como será referido nos próximos capítulos, a utilização da criatividade local permite não são uma extrapolação dos impactos para com a comunidade local, por aceitarem melhor intervenções internas, mas permite também que a identidade do local seja mantida, por ser um festival criado por pessoas que pertencem à comunidade desse mesmo sítio. Em 1999 surge o Festival Músicas do Mundo em Sines com o objetivo de “valorizar o património local, nomeadamente o Castelo de Sines” (Santos, 2014, p. 54). Ainda que seja um festival dirigido para a música internacional, tem uma particularidade semelhante ao Zigurfest, dado que também coloca o património como palco (Sambado, 2020). O modo como este festival   em parte programado no Castelo de Sines, permitiu uma ressignificação deste espaço, que, como afirma Beatriz Sambado, num estudo sobre este festival, encontra-se encerrado ou sem programação a maior parte do ano. Ainda assim, o Festival Músicas do Mundo leva a que anualmente este sítio patrimonial encontre uma ressignificação.

A década de 2000 começa tendo presente uma ideia do que seria o impacto cultural e socioecon mico dos festivais em Portugal e como eram uma fórmula de sucesso. O Festival Rock in Rio Lisboa surge em 2004 (Lourido, 2017), prolongando-se bienalmente até à atualidade. Assim como em 2007 surge o NOS Alive, sendo ainda atualmente um dos festivais

que atrai mais público, apresentando um carácter muito massificado e altamente frequentado. Ainda que o impacto dos festivais de música se tenha pronunciado no decorrer da década de 1990, foi no novo milénio que ganharam significado e um lugar no panorama cultural, como afirma João Pedro Gaspar Lopes Pereira, “Entre 2000 e 2009 foram criados mais 71 festivais do que entre 1990 e 1999. Nos cinco anos que decorreram entre 2010 e 2015, já foram criados mais 78 festivais do que na década anterior” (2016, p. 59) Ou seja, em 2011, quando o Zigurfest principiou a sua atividade, o conceito de festival de música já se encontrava difundido por Portugal, nos mais variados géneros. Ainda que a presença de festivais não fosse tão intensificada como atualmente, dado que durante 2010 e 2015 foram registados cerca de 177 festivais de música (Pereira, 2015). Com o decorrer da evolução deste fenómeno cultural, um artigo¹⁴ publicado no Jornal Expresso em 2023, indica que em 2022 o número de festivais em Portugal era de 328. Isto é, a presença dos festivais no panorama nacional tem vindo a evoluir e continuamente poderão vir a acrescentar mais novas criações aos números existentes.

Ao ser observada a evolução dos festivais de música em Portugal e a sua linha temporal, verifica-se que existe uma fórmula para este modelo que levou à sua multiplicação e replicação pelas mais diversas localidades, incluindo Lamego. O que ocorre a partir do desenvolvimento de tantos festivais de música é a “festivalização da cultura” (Bennet et al, 2014), que como refere Ricardo Campos “A festivalização da cultura é uma tendência que se tem vindo a afirmar nos últimos anos, sendo utilizada pelas autarquias como forma de divulgação das cidades, por vezes associando-a à identidade cultural e social e do território” (2021, p. 64). Para o sucesso dos festivais contribui também o conjunto dos impactos sociais e, mais uma vez, o reforço da identidade das cidades. Deste modo, os festivais de música pela sua multiplicidade de impactos vão continuar a ser um objeto de estudo de destaque. Como refere Paula Guerra “Os festivais de música são, pois, “momentos totais” que propiciam criação, mediação e fruição musical, enquanto constituem plenos observatórios de práticas e valores artísticos, culturais e juvenis no tocante ao Portugal contemporâneo” (Guerra, 2016, p. 23) demonstrando, deste modo, a sua importância para a contemporaneidade. A crescente popularidade dos festivais de música não apenas como eventos artísticos, mas também como fenómenos sociais, políticos e económicos, torna-os agentes da reforma urbana e revitalização das cidades onde ocorrem. Os festivais

¹⁴ Albuquerque, R.; Rosa, S. M. (2023) Quantos festivais de música tem Portugal? Saiba o que dizem os dados. *Expresso*. <https://expresso.pt/sociedade/2023-07-16-Quantos-festivais-de-musica-tem-Portugal--Saiba-o-que-dizem-os-dados-b64f8f5d> Consultado a 10 de agosto de 2023.

atraem grandes públicos, geram receitas, influenciam a identidade cultural das cidades e estimulam dinâmicas sociais. Ou seja, têm o poder de transformar espaços urbanos subutilizados, dando utilidade aos mesmos e contribuindo para a dinâmica económica local. Portanto, considerar os festivais de música não limita a sua análise ao âmbito artístico, mas também invoca o seu impacto abrangente nas cidades e na sociedade em geral. Sendo assim, numa perspetiva sociológica, pelos impactos apresentados, surgiu a necessidade de colocar o Zigurfest como objeto de estudo.

Capítulo 3 - Festival Zigurfest: a festivalização do património

3.1. O Festival

Após a abordagem de diversas referências para compreender os fundamentos que sustentam esta investigação, este capítulo está inteiramente dedicado à caracterização do Zigurfest e das diferentes narrativas em torno deste Festival. Serve também como um registo da história do Zigurfest, uma vez que a natureza deste Festival exige tal registo para a posterioridade, dado o futuro incerto deste projeto. O início do Festival envolveu diversas pessoas, entre as quais se destaca Afonso Lima. Embora atualmente não faça parte da organização, foi um membro fundador do projeto e durante muito tempo ocupou a direção executiva. Para além dele, António Silva desempenha um papel crucial até hoje, dado que opera e “faz o festival acontecer”, é responsável pela comunicação, parte da programação e questões logísticas, podendo ser considerado a direção executiva atual. Ricardo Cabral é também um membro fundamental, sendo responsável pela direção técnica, referindo que “trata de tudo o que é da parte técnica”. E, por fim, João Pedro Fonseca, membro da equipa desde o início, e Inês Carincur, membro mais recente, ambos formam a direção artística do Festival.

Quadro 2. Organograma do Festival Zigurfest



A equipa que começou o Festival contava com mais elementos do que atualmente, no entanto, de forma muito orgânica, alguns membros gradualmente se retiraram devido a incompatibilidade e limitações de tempo para o projeto. Por outro lado, também foram adicionados outros integrantes à equipa. Entre os membros mais recentes, é de salientar Filipe Peixoto, atualmente o único elemento que reside em Lamego e, por isso, encarregue de

questões de logística, burocráticas e direção de produção do Festival.

Este capítulo é construído com base nos artigos jornalísticos que acompanharam as diversas edições do Festival, mas, sobretudo, é composto pelas entrevistas feitas a membros da equipa: António Silva, Afonso Lima, Ricardo Cabral e Filipe Peixoto. Assim como, entrevistas realizadas aos responsáveis das organizações que colaboram com o Festival: Alexandra Falcão (diretora do Museu de Lamego), Catarina Ribeiro (Vice-presidente da Câmara de Lamego) e Rui Fernandes (diretor do Teatro Ribeiro Conceição de 2009-2018). Acima de tudo, este capítulo é edificado pelas experiências coletivas da equipa e modo como moldam a história deste projeto, tentando compreender as várias perspetivas, tanto internas como externas, acerca da construção do Zigurfest. Tendo em consideração, que as narrativas serão sempre moldadas pela visão de cada um.

3.2. O processo criativo que permitiu a edificação do Festival

O Festival principia-se em 2011¹⁵, a partir de um grupo de amigos lamecenses que tinham integrado o ensino superior recentemente. Ao voltarem todos os fins de semana a Lamego, deparavam-se, com frustração, com o facto de que a cidade não tinha a programação que estavam à procura, como afirma Ricardo Cabral na sua entrevista “em Lamego nunca se passa muita coisa na verdade, é uma terra que a nível cultural teve sempre muitos problemas”. Assim, este projeto começa com a insatisfação de um grupo de jovens que ansiava que a sua cidade pudesse oferecer mais culturalmente. Beatriz Silva Pinto, num artigo para o “Público”, descreve o início do Festival “Em 2010, uma dúzia de jovens de 20 anos decidiu que queria criar um festival de música portuguesa alternativa em Lamego. Podia ter sido só uma coisa de miúdos, podia ter dado para o torto. Mas não deu” (Pinto,2018).

Na sua entrevista, Ricardo Cabral recorda como todos os membros tinham saído de Lamego recentemente por falta de opções, mas que recorrentemente voltavam à cidade:

“Porque há malta que quis ter algum tipo de acesso, a coisas que não existiam em Lamego, então quando saíram, perceberam que tinham a capacidade também de fazer, (...) Só que de facto, quando nós voltávamos a Lamego, a vontade de fazermos alguma coisa juntos falou mais alto”¹⁶.

¹⁵ No anexo G é possível consultar os cartazes de todas as edições, demonstrando a evolução da imagem do Zigurfest.

¹⁶ Excerto da entrevista a Ricardo Cabral, realizada em 26 de junho de 2023.

Inicialmente, havia um grupo que se juntava na casa de um dos elementos e faziam concertos, sendo uma pequena versão do que viria a ser o Zigurfest. Afonso Lima no decorrer da sua entrevista, também recorda este grupo que deu origem ao projeto afirmando que

“Este grupo de amigos, digamos assim, não estava propriamente constituído ou fundado, como a “Zigur” que hoje se conhece, antes da existência do Festival. Nós eramos um grupo de pessoas, um grupo de jovens de Lamego, todos ligados à cidade”¹⁷.

Afonso Lima descreve o modo como tinham bandas de música e tocavam nos bares da cidade, mas que pretendiam fazer algo mais. Ou seja, o contexto que antecede o Zigurfest, é de uma ausência na programação cultural de Lamego, uma falta de oferta, existindo um grupo de amigos que ansiava a existência dessa oferta. Contudo, decidiram ser eles próprios a responder à procura e a começarem a desenvolver a programação que queriam em Lamego.

O Teatro de Lamego também desempenhou um papel essencial na construção deste festival. Afonso Lima relata como o convite do TRC alterou a trajetória do Zigurfest, referindo uma ocasião em que teve oportunidade de atuar no Teatro Ribeiro Conceição:

“E nesse dia, o diretor do Teatro, o Rui Fernandes na altura, veio ter connosco ao lado do palco e disse “eu não sabia que havia malta assim de Lamego aqui, temos de conversar porque queremos fazer aí umas coisas”, ao qual eu respondo logo “Então temos mesmo de conversar, porque nós queremos fazer umas coisas” e basicamente foi isto que aconteceu. Ou seja, nós já tínhamos essa ideia de fazer isto e de repente, o teatro efetivamente veio-nos propor “venham fazer aqui alguma coisa, venham criar aqui dinâmicas”¹⁸.

Rui Fernandes na sua entrevista conta a mesma narrativa,

“no âmbito da minha direção artística senti que fazia falta na cidade um festival que integrasse jovens lamecenses não só a fazer música, mas estimulá-los e integrá-los como programadores culturais”¹⁹.

De referir também que o TRC tinha reaberto em 2008, e em 2011 existia ainda a dificuldade a nível da captação de público. Por isso, para Rui Fernandes era importante ter uma iniciativa mais jovem que atraísse novos públicos. Afonso Lima quando questionado sobre o início do projeto menciona duas histórias ligadas à génese do Zigurfest: tanto nasce de uma proposta do TRC, como de uma ideia de um grupo de amigos, ao que explica

“Efetivamente as duas fontes são verdade, porque há essas duas vontades que se cruzam. (...) E quando surge depois o convite, é que a coisa se materializa”²⁰

¹⁷ Excerto da entrevista a Afonso Lima, realizada em 22 de junho de 2023.

¹⁸ Excerto da entrevista a Afonso Lima, realizada em 22 de junho de 2023.

¹⁹ Excerto da entrevista a Rui Fernandes, realizada em 20 de julho de 2023.

²⁰ Excerto da entrevista a Afonso Lima, realizada em 22 de junho de 2023.

Por isso, no decorrer das primeiras edições, o Festival intitulava-se TRC Zigurfest, vindo a perder a sigla depois de algumas edições. Após o convite do TRC, Lima retrata a necessidade em juntar uma equipa, “para pormos isto de pé”. No que se refere ao nome Zigurfest, Afonso Lima descreve que o nome provém da palavra “Zigurate”, sendo uma construção em forma piramidal, proveniente da Suméria, caracterizada pela sua construção por patamares, acedida através de uma rampa. Era também lugar de culto onde existia a crença de proximidade com o divino nestes locais. Lima explica como a partir desta definição, criam o verbo “Zigur” como significado de “edificar/enlevar artistas”, pois pretendiam encontrar artistas menos conhecidos e atribuir-lhes a capacidade de atingirem o enlevo que entendiam que mereciam. A partir desta ideia, surge o conceito que dá início ao Zigurfest.

Ricardo Cabral menciona como a equipa inicial não era muito experiente na área da cultura, no entanto permitiu que desde o início o Zigurfest pudesse ser um lugar de experimentação

“A maior parte do pessoal não tinha mesmo experiência, foi ganhando experiência a fazer de uma maneira mais livre, que também não conseguiam no mercado de trabalho. Ali deu para experimentar tudo: comunicação; design; deu para experimentar técnica”²¹.

Afonso Lima vai também ao encontro desta linha de pensamento, ao afirmar que

“Para nós, enquanto coletivo cultural, o Zigurfest sempre foi onde nós experimentamos coisas”²²

Relativamente ao começo do Festival, Ricardo Cabral relembra a primeira edição,

“Foi dois dias, sexta e sábado, só com concertos no Teatro. Assim concertos maiores e depois bandas mais pequenas e locais, que tocavam na sala de ensaios. Isto foi assim a primeira edição do Zigurfest, em 2011”²³.

Já Afonso Lima destaca a dificuldade na adesão, quando ocorreu a primeira edição do Festival, produzido exclusivamente no TRC:

“As pessoas estavam de tal maneira desabitoadas ao teatro, desabitoadas aquela dinâmica, que nem sequer perceberam que há um investimento público que precisava de ser feito ali. Felizmente, mesmo não tendo sido uma enchente a primeira edição, o facto de nós sermos muitos no Zigur, o facto de termos conseguido trazer pessoas lá, termos conseguido criar dinamismos nas redes sociais, fez com que o decisor político decidisse manter esta programação. Porque só assim é possível transformar os não lugares em lugares. Se não fizermos nada por isso, eles vão continuar a ser inexistentes”.

²¹ Excerto da entrevista a Ricardo Cabral em 26 de junho de 2023.

²² Excerto da entrevista a Afonso Lima a 22 de junho de 2023.

²³ Excerto da entrevista a Ricardo Cabral em 26 de junho de 2023.

Também descreve como no início do Festival, as ideias de utilização do património estavam presentes, assim como a questão de transformar os não-lugares, ou seja, lugares não visitados:

“Uma das coisas que eu mais procurei no meu percurso académico, foi essa questão da ligação de património com a cultura, com os eventos (...) E como é que os espaços que são tipicamente utilizados para outros fins, e que têm outro tipo de natureza, foram idealizados para outro tipo de natureza, podem hoje em dia ser reinterpretados, à luz não apenas do entretenimento, não apenas do turismo, mas à luz do usufruto dos espaços”²⁴.

E deste modo, no começo do Festival, havia também uma ideia de que os eventos deveriam usufruir da cidade e utilizar o património da cidade. Ricardo Cabral refere como em 2013, a partir do financiamento da CML e o começo dos palcos na Olaria e no Castelo, com a utilização do património da cidade, foi possível o Festival entranhar-se mais em Lamego.

Após treze edições, Lima reconhece que o festival transcende a vontade individual e já se afirmou como um elemento *per si*, de destaque na vida da cidade. Deste modo, o Zigurfest é um Festival já com algum peso, mas sobretudo é um projeto orgânico, que se move através da cidade, como irá ser visto nos subcapítulos seguintes. Miguel Judas, num artigo escrito no *Diário de Notícias*, intitulado “Zigurfest, um festival que faz das ruas palco”, consegue definir o Festival, transmitindo a sua essência, redigindo acerca do Zigurfest como “uma mistura de tradição com modernidade, tal como este Zigurfest, que durante quatro dias transforma o centro histórico de Lamego num imenso palco, ou melhor, em vários, dentro e fora de portas, dando a conhecer não só a cidade, como outras realidades, artísticas e sociais, à própria cidade” (Judas, 2019). E após treze edições de Festival e uma extensa narrativa, esta citação reflete uma essência que se manteve ao longo de todas as edições, um festival “que faz das ruas palco”.

3.3. Financiamento

No que se refere ao financiamento que permite a concretização do Festival, este subcapítulo analisa não só a evolução do orçamento, mas também as suas próprias limitações, tendo em conta que este é um evento que se caracteriza pela sua gratuidade.

Na entrevista com Afonso Lima é mencionado como o primeiro financiamento foi feito pelo TRC, com um orçamento reduzido, mas que permitiu que o Festival arrancasse. A partir de 2013, a CML começou a financiar o Festival, com um apoio variável ao longo dos anos, atingindo o seu valor mais alto em 2016. Em 2019, o Zigurfest recebeu o apoio da DGARTES

²⁴ Excerto da entrevista a Afonso Lima em 22 de junho de 2023.

mantendo-se até 2022, mas não foi dado apoio para a edição de 2023²⁵. Segundo Filipe Peixoto, a equipa já estava a considerar a possibilidade deste financiamento ser perdido por isso, desde o início do ano, planearam estratégias do que seria feito, caso perdessem este apoio. A estratégia residiu em repensar o Festival e também reduzir a sua duração, para acompanhar os cortes orçamentais. O Zigurfest também estabeleceu parcerias com algum comércio local de Lamego, que permite ainda atualmente o apoio nos eventos e em dadas questões logísticas.

Num artigo publicado no jornal “Público” acerca do Zigurfest, Beatriz Silva Pinto descreve que “a ambição cresceu e o projecto cresceu com ela. (...) em 2018, o festival que se realiza entre 29 de agosto e 1 de setembro vai ter acampamento gratuito e entrada gratuita no complexo desportivo da cidade” (Pinto, 2018). Assinalando a gratuidade do Festival, que se mantém desde 2018. Nas edições anteriores, o Festival programava alguns concertos com entrada paga, especialmente em locais como o TRC. No entanto, com o crescimento do apoio e do orçamento dado pela CML, foi possível garantir a gratuidade do Festival. No artigo referido anteriormente, a jornalista enfatiza a gratuidade do Festival, dado que “A abolição do bilhete pago, que tinha um valor simbólico de cinco euros, foi uma das vitórias mais recentes do coletivo, que acreditava que o preço “funcionava como uma retração” à ida ao festival, que se realiza na altura das festas da cidade, quando tudo é gratuito” (Pinto, 2018). Para a equipa do Festival, a gratuidade é um elemento da formação de públicos, dado que permite que o público possa ir à descoberta, sem que o valor do bilhete seja um fator inconveniente. O financiamento permitiu a gratuidade do Festival, que deste modo, deixou que o Zigurfest se pudesse focar mais na formação de públicos, do que na lucratividade da sua programação.

Acerca do financiamento que viabiliza a concretização do Festival, há outro aspeto a considerar que realça, em última instância, a missão do projeto. No decorrer das entrevistas, a equipa referiu que os valores do orçamento não refletiam o valor real do investimento que estava a ser feito por toda a equipa, dado que estes apenas a partir de 2018 passaram a ser remunerados. Durante algumas edições, a concretização do Festival aconteceu sem a procura de uma compensação financeira para a equipa, apenas pela vontade de entregar um bem cultural à cidade.

“Só funcionou com a boa vontade de muita gente e porque acreditávamos mesmo naquilo e gostávamos mesmo do que estávamos a fazer”²⁶

“Um projeto como o Zigurfest, só foi possível de instituir com base em trabalho voluntário.

²⁵ O valor deste apoio oscilou entre os 20.000€ e os 25.000 €

²⁶ Excerto da entrevista a Ricardo Cabral, realizada em 26 de junho de 2023

(...) E a verdade é que nós fizemos um investimento para com a cidade, é mesmo assim, eu não tive outra motivação senão entregar um trabalho à cidade”²⁷

Lima observa que o orçamento real não traduzia todo o investimento que estava a ser feito, e até obterem o financiamento da CML, houve muito esforço e trabalho por parte da equipa, que não era remunerado. O antigo diretor executivo compartilha que, na sua perspetiva de economista, é normal que o orçamento pareça inacreditável para a programação que estava a ser feita no decorrer de uma semana inteira, pois não traduzia todo o trabalho feito, o que tornava o orçamento não real:

“Literalmente é impossível, ou seja, quando nós falamos disso, quando nós falamos de valores, do dinheiro que nos é pago, nós não estamos a quantificar o dinheiro que não nos é pago e que é trabalhado. Um projeto como o Zigurfest, só foi possível de instituir com base em trabalho voluntário.”²⁸

A gratuitidade do Festival e a questão do valor real, em relação ao valor orçamentado, transmite algo essencial do Zigurfest, acerca do modo como o Festival era feito a partir de um grupo de pessoas que queriam dar à cidade uma programação cultural, independentemente da lucratividade ou se estavam a ser remunerados para o fazer.

3.4. A programação

Como mencionado anteriormente, o Zigurfest é um festival com orçamento limitado, o que influencia a seleção da sua programação, e de certa forma, caracteriza a natureza do Festival.

Afonso Lima descreve como a restrição orçamental dificultava a contratação de bandas mais conhecidas ou artistas em voga, uma vez que exigiria um orçamento mais substancial. No entanto, esta situação influenciou a abordagem à programação do Festival, sendo que a limitação de recursos financeiros gerou uma programação dirigida para artistas portugueses no início da carreira. Dos quais o Zigurfest reconhecia o seu potencial crescimento, dentro dos circuitos nacionais, assim como eram mais acessíveis para o orçamento do Festival:

“Se eu não tenho dinheiro para programar os Linda Martini, eu quero saber quem são os próximos Linda Martini”²⁹.

António Silva, responsável pela programação, conseguiu tornar o Zigurfest uma rampa de lançamento para muitos artistas como David Bruno, Luís Severo, Odete, entre outros, que Silva distinguiu como artistas emergentes com potencial, mas que no momento ainda com poucos seguidores. Por isso, torna-se importante destacar, ao examinar a programação das edições

²⁷ Excerto da entrevista a Afonso Lima, realizada em 22 de junho de 2023.

²⁸ Excerto da entrevista a Afonso Lima, realizada em 22 de junho de 2023.

²⁹ Excerto da entrevista a Afonso Lima, realizada em 22 de junho de 2023.

passadas, que muitos artistas, hoje em destaque, começaram por estar no Zigurfest, porque a certa altura, Silva descobriu-os. Em 2018, o “Jornal de Notícias” publicou um artigo acerca do Zigurfest, no qual Miguel Conde Coutinho escreve “O Zigurfest foca-se nos novos artistas da música portuguesa e pretende mostrar talentos que ainda são desconhecidos. O principal objetivo deste festival, que "nunca repetiu um nome" passa, portanto, por dar a conhecer novas propostas que percorram os diferentes géneros musicais” (Coutinho, 2018), demonstrando este carácter da programação do Festival.

Lima observa como ainda nas presentes edições o Festival mantém o foco nos artistas emergentes, enquanto fator de diferenciação do Zigurfest. Ou seja, procurar artistas no início da sua carreira, ou em fase de crescimento, assim como artistas de vanguarda, proporciona, por consequência, que o Zigurfest seja um espaço de exploração, uma vez que os espetadores, não conhecendo todos os nomes englobados no cartaz, participam no Zigurfest pela experiência da descoberta.

“Nós queremos atrair para aqui, aquilo que pode realmente diferenciar, nós queremos atrair para aqui, aqueles artistas que estão a fazer coisas diferenciadas, que estão a fazer coisas novas (...) O Zigurfest tem que conseguir viver pela sua marca e a sua marca tem que ser: a nossa curadoria é de tal maneira boa, experimental e vanguardista, que vocês podem ter a certeza de que o que vos vamos oferecer, vão gostar ou não, mas vai valer a pena ver”³⁰.

Ao contrário de muitos outros festivais no panorama nacional, onde as principais atrações são os nomes de cartaz, o destaque do Zigurfest é a sua programação única, que proporciona uma experiência de descoberta, como é referido no artigo supracitado “«Em cada rua um palco, a cada passo uma descoberta». É este o mote de partida para um evento «100 por cento dedicado à música portuguesa» e que «procura uma forma de descobrir a cidade», contou o diretor” (Coutinho, 2018). Na entrevista a Catarina Ribeiro, também comenta este fator de descoberta referindo que

“já vi coisas muito boas no Zigur, às vezes penso nisto, (...), que se calhar foi mesmo por ter visto ao vivo no Zigur, a primeira vez, passei a gostar”³¹.

Portanto, é possível considerar que muitos artistas programados no Zigurfest puderam também ser descobertos pelo público por meio do Festival, o que demonstra um impacto mais profundo na promoção da música moderna portuguesa, como refere Miguel Judas "São vários os exemplos de artistas que passaram por cá e, anos depois, se tornaram nomes consagrados e

³⁰ Excerto da entrevista a Afonso Lima, realizada em 22 de junho de 2023.

³¹ Excerto da entrevista a Catarina Ribeiro, realizada em 22 de maio de 2023.

presença habitual nos maiores festivais, como o Alive, o Primavera ou o Paredes de Coura"(Judas, 2018).

3.4.1. Programação dentro da Romaria

Outro aspeto relevante acerca da programação do Zigurfest é a forma como, até à edição de 2023, o Festival estava inserido e era englobado na programação da Romaria da Nossa Senhora dos Remédios, uma época em que Lamego tem mais atividades programadas. Esta relação trazia algumas vantagens para o Festival.

“O Festival esteve incluído sempre na programação das festas dos Remédios, e é uma referência em termos de agenda cultural do município tanto para nós, como para nós, como para pessoas de fora, porque muita gente vem propositadamente para o Zigur”³².

“A Câmara sugeriu serem as festas a abraçar, porque as festas têm um orçamento maior, têm algum poder logístico e acabava por libertar de algumas questões. No fundo, quando tens o pessoal mais unido, acabas por ter mais força”³³.

Além disso, a Romaria, sendo considerada património imaterial, também reforça a ligação do Zigurfest com elementos do património.

No entanto, apesar dos benefícios desta articulação, é também necessário considerar as suas consequências. A cidade encontra-se tão assoberbada, a nível de programação no decorrer da Romaria, que, por vezes, o apoio técnico e logístico torna-se difícil, dado que vários locais precisam deste apoio simultaneamente. Para além disso, com a diversidade da programação, ainda que esteja mais público na cidade, acabam por selecionar outras opções invés do Festival, como refere Catarina Ribeiro

“Há a programação cultural, há programação religiosa e desportiva a acontecer, e muitas das vezes acredito que as pessoas não participem tanto enquanto espectadores, acompanham aquilo que se vai passando e a atmosfera que o festival traz”³⁴.

Diversas vezes o Zigurfest foi apelidado de “lado b” da Romaria, enquanto uma programação alternativa. Em 2017, de um modo cómico, a publicação periódica “Bodyspace” publica um artigo sobre o Festival intitulado “Quando a Nossa Senhora dos Remédios bate o pé isso é Zigurfest” (Gonçalves, 2017). Miguel Judas, numa publicação do “Diário de Notícias”, afirma também esta qualidade de opção alternativa, redigindo que “O festival acaba por funcionar assim como "uma espécie de lado B da Romaria, porque também ele já se tornou

³² Excerto da entrevista a Catarina Ribeiro, realizada em 29 de maio de 2023.

³³ Excerto da entrevista a Ricardo Cabral, realizada em 26 de junho de 2023.

³⁴ Excerto da entrevista a Catarina Ribeiro, realizada em 29 de maio de 2023.

para muitos lamecenses, especialmente para uma nova geração que teve de ir estudar ou trabalhar para fora, uma tradição e um motivo de regresso a casa por alguns dias” (Judas, 2018). Porém, para a edição de 2023, a equipa do Zigurfest procurou saber o modo como a sua programação subsistia fora da Romaria e, por isso, escolheram adiantar o Festival um mês, de modo a conhecerem o seu potencial público, que viria a Lamego exclusivamente para o Zigurfest³⁵.

3.5. A descentralização

Desde o começo do projeto, que o objetivo principal foi realizar o Festival em Lamego. Este aspeto confere ao Festival uma identidade única, já que muitos Festivais tendem a concentrar-se nas cidades de Lisboa e Porto. Paula Guerra estuda e reflete acerca dos festivais no panorama nacional, apontando para a sua presença intensificada nestes dois centros urbanos “sendo notória a concentração de eventos nas cidades de Lisboa e Porto, assim como uma predominância deste tipo de eventos ao longo da faixa litoral do país” (Guerra, 2016, p. 10). Todavia, a realização de um festival como o Zigurfest em Lamego, cidade localizada na região norte e na área do Douro, contribui para uma descentralização cultural. Mário Lopes escreve no jornal “Público” um artigo intitulado “O país dos pequenos festivais de música, agita, descentraliza, inspira”³⁶, em que analisa alguns festivais, mas em especial, o Zigurfest. Lopes escreve que “Existe, porém, o outro lado, menos visível, mais periférico, o dos festivais de pequena dimensão, (...)” referindo seguidamente como sendo “geradores de uma riqueza que em muito ultrapassa a vertente económica” (Lopes, 2023). Mário Lopes descreve o Zigurfest como um “verdadeiro laboratório criativo a tactear”, evidenciando a natureza experimental e inovadora do Festival. Acrescentando depois que “espalhar-se-á por vários espaços e ruas de Lamego”, relativamente à edição de 2023, dado que observa “as ruas e gentes de Lamego também como protagonistas”, sugerindo o Festival enquanto uma interação dinâmica com o ambiente local. Refere também o modo como o Zigurfest foi criado por um grupo de amigos que “queriam combater a desertificação do interior”, ou seja, não se trata apenas de um evento musical, mas um esforço para revigorar a região, proporcionando uma plataforma para a cultura

³⁵ No capítulo seguinte, serão observados os resultados da desvinculação da edição de 2023 com a Romaria.

³⁶ Lopes, M. (2023). O país dos pequenos festivais de música agita, descentraliza, inspira. *PÚBLICO* Disponível em <https://www.publico.pt/2023/06/15/culturaipilon/noticia/pais-festivais-musica-agita-descentraliza-inspira-2053340>. Consultado a 30 de junho de 2023.

que pode ajudar a revitalizar a cidade.

O artigo de Mário Lopes sobre o Zigurfest explora as visões de várias bandas rock em relação a festivais de pequena dimensão e descentralizados. Nuno Rodrigues, vocalista de uma banda intitulada *Glockenwise*, destaca a importância dos pequenos festivais como “importantes para a descentralização, por levarem cultura a outros espaços do país, e acontecem por uma força mobilizadora associativa, jovens que se recusam abandonar e que sejam os grandes centros a ditar o que se faz”. Este artigo também aborda como a descentralização permite que os festivais mantenham uma identidade própria, dado que “emanam diretamente da visão de os organiza e da personalidade das localidades que os acolhem”. Por isso, Lopes entrevista António Silva, membro do Zigurfest, que refere como é, e sempre será um risco fazer um Festival em Lamego, no entanto “fazer festivais com este espírito é uma prova de resiliência e um exercício crítico, sempre em busca de novas formas de olhar para a programação, para o território, para as pessoas”.

O jornalista Alexandre Ribeiro da revista “Rimas e Batidas”, acompanha o Zigurfest durante algumas edições. Em 2018, descreve a dificuldade em chegar a Lamego: “A viagem de cinco horas até Lamego foi um teste à resistência e paciência, mas nada que não se tenha ultrapassado com uma excelente receção da equipa do ZigurFest” (Ribeiro, 2018). Porém, no ano de 2019, Alexandre Ribeiro escreve um novo artigo, desta vez a promover o Zigurfest pela sua descentralização “Lamego é um exemplo a seguir para todo e qualquer local fora dos grandes centros (...), é importante ter com preocupação em olhar para onde ainda pouca gente olhou. Musicalmente provocador e socialmente agregador, é importante proteger o ZigurFest a todo o custo” (Ribeiro, 2019). Deste modo, partindo do olhar externo de Ribeiro, é possível compreender que os espetadores do Zigurfest, de certa forma são consciencializados para a importância da descentralização.

Numa entrevista dada por Afonso Lima em 2019 para a Aporfest, o mesmo afirmava acerca da importância da descentralização: “Desde o seu início o Zigurfest foi pensado como uma iniciativa de política cultural e pública e por esse motivo esse continua a ser para nós o principal valor que trazemos para a cidade: a eliminação de barreiras no acesso cultural à população do interior no país” (Aporfest, 2019)³⁷.

³⁷ Zigurfest: o festival onde a música é balanceada com a arte contemporânea. Entrevista: Afonso Lima (2019). Aporfest. Disponível em <https://www.aporfest.pt/single-post/2019/08/08/zigurfest-o-festival-onde-a-m%C3%BAAsica-%C3%A9-balanceada-com-a-arte-contempor%C3%A2nea-entrevista-afonso> Consultado a 30 de dezembro de 2022.

Em concordância com os princípios da sua descentralização, a abordagem do Zigurfest em relação aos locais onde é realizado é distintiva e estratégica. Ao contrário dos festivais que necessitam de construir novas infraestruturas ou palcos temporários, o Zigurfest opta por usufruir dos espaços já existentes da cidade de Lamego. Esta escolha contribui para a sua singularidade, uma vez que não apenas utiliza estes locais, mas também os transforma temporariamente em cenários para as apresentações musicais, criando uma experiência única com o público. Como refere Inês Faustino, a seleção dos locais também funciona como uma alteração para os mesmos: “Os festivais por serem actividades efémeras, alteram o espaço público durante um determinado período de tempo que pode ir de dias a semanas, e nesse sentido, a pressão que é imposta num local que recebe um festival, (...), pode ser extremamente impactante” (Faustino, 2020, p. 19). São especialmente relevantes os locais escolhidos pelo Zigurfest, pois selecionam o património histórico da cidade, permitindo que estes espaços públicos ganhem um novo significado no decorrer do festival, como é referido num artigo do “Público”, “Descobrir a nova música alternativa nacional enquanto se (re)descobre o património histórico de uma das mais antigas cidades do país” (Pinto, 2018). Muitos dos locais onde o Zigurfest colocou os seus palcos são monumentos e edifícios históricos e, por isso, utilizar estes locais é levar as pessoas a ver este espaço de outra forma, como afirma Afonso Lima

“É preciso ensinar as pessoas a utilizar os espaços e muitas vezes as pessoas esquecem-se de utilizar os espaços. Não sabem como utilizar os espaços. É preciso criar dinâmicas que obriguem as pessoas a olhar os espaços de outra forma daquilo que ou estavam habituados, como nunca utilizaram realmente podem utilizar”³⁹.

A utilização de lugares de património, ao longo do Festival, permite que este se torne parte da imagem de marca e é uma forma de promovê-lo. Como redige Paula Peixoto, “Nesta lógica de promoção de um produto, o *património* tornou-se um recurso incontornável das estratégias de definição de uma imagem de marca, constituindo-se, ele próprio, como a “marca” que define um certo valor concorrencial e comunicacional” (2013, p. 215). Deste modo, a imagem do Zigurfest passa a ser esta, como escreve Beatriz Silva Pinto no “Público”, “TRC Zigurfest, o festival onde a música portuguesa pode acontecer numa capela” (Pinto, 2018). António Silva, em 2018, dá uma entrevista ao jornal “Diário de Notícias”, onde refere a forma como o objetivo do Festival é a fruição, mas também visitar os locais de património, como afirma “Essa

³⁹ Excerto da entrevista a Afonso Lima, realizada em 22 de junho de 2023.

também é a finalidade do festival, contribuir para redescobrir os espaços a partir de um programa desafiante” (Judas, 2018).

Quando se refere a utilização destes locais, na figura 1, podemos observar como o Festival se espalha através da cidade. Esta expansão ao longo das suas edições, permitiu não apenas a diversificação da experiência do público, mas também contribuiu para uma maior integração do Festival com a cidade e o seu património. A primeira edição foi realizada apenas no Teatro Ribeiro Conceição, sem a utilização de outros locais. Na segunda edição, o projeto expandiu-se e contou também com palcos na rua da Olaria, como explica António Silva, na sua entrevista ao “DN”, "Começamos por fazer alguns concertos na Rua da Olaria, que foi em tempos uma importante artéria comercial, mas nos últimos anos se tornou no centro da noite de Lamego e, a partir daí, fomos alargando e espalhando o festival pela cidade" (Judas, 2018). Afonso Lima também analisa o impacto da expansão do Zigurfest para a rua da Olaria, que permitiu o início da revitalização destes espaços, referindo,

“Ou seja, o facto de repente colocámos um palco na rua da Olaria, foi algo que nunca tinha sido pensado, “o quê? Na rua da Olaria, uma coisa tão pequena, é possível fazer aquilo?” Não. É possível. Tanto é possível que nós fizemos isso”⁴⁰.

Na segunda edição, o Museu de Lamego também se tornou palco do Zigurfest. A partir daí, a rua da Olaria, o Museu e o TRC definiram-se como os palcos principais do projeto, dado que outros locais foram sendo usados no decorrer de várias edições e, deste modo, o Zigurfest alargou-se pela cidade, como se pode observar na figura acima. Na edição de 2018, Miguel Judas observa todos os palcos pelos quais o Festival se tinha espalhado, afirmando “os espetáculos do Zigurfest realizam-se em 8 locais diferentes: Alameda, Castelo, Rua da Olaria, Teatro Ribeiro Conceição, Sala Grão Vasco do Museu de Lamego, Núcleo Arqueológico da Casa dos Figos, Capela da Nossa Senhora da Esperança e Largo da Cisterna.” (Judas, 2018). Com todos os locais referidos e observando o mapa, podemos analisar como o Zigurfest leva os seus espetadores a percorrerem a cidade, dado que a programação não ocorre toda no mesmo lugar e as pessoas necessitam de se movimentar pelo espaço urbano para que cheguem ao próximo local, resultando num itinerário que permite que o público conheça os diferentes locais de património da cidade.

Em 2022, o projeto decidiu ocupar uma nova fase de descentralização, levando as suas atividades para aldeias de Lamego como Lazarim e Penude. Este desenvolvimento ampliou

⁴⁰ Excerto da entrevista a Afonso Lima, realizada em 22 de junho de 2023.

ainda mais este modo de percorrer a cidade, englobando também as freguesias rurais que de outro modo estariam longe do olhar do público. Catarina Ribeiro afirma que

“a expansão do festival para Lazarim, foi de facto uma descentralização muito importante, nunca ninguém se lembraria de ir para Lazarim, ir para Penude e eles lembraram-se”⁴¹.

Portanto, a estratégia de disseminação por diferentes pontos da cidade, não apenas cria uma experiência enriquecedora para o público, mas reforça a relação entre o Festival, a música e o património da cidade de Lamego, bem como da região circundante.

3.6.1. Novo modo de olhar os espaços

A abordagem do Zigurfest em alastrar as suas atividades por diferentes espaços da cidade, resulta também num novo modo de olhar estes espaços e, de certa forma, democratizá-los, colocando-os ao acesso de todos. Como refere Fortuna “(...) a arquitetura histórica e monumental das cidades não é socialmente neutra. Por certo deixou de estar associada ao gosto excêntrico e socialmente seletivo, para o que muito contribuiu a democratização do seu acesso, em vista da sua nova configuração como espaço de lazer da cidade” (1995, p. 12). Ou seja, este tipo de iniciativas permite que espaços como o Museu e o Teatro, assim como lugares de culto ou locais históricos, possam ser espaços públicos de lazer e cultura, não exclusivos a um segmento da comunidade, permitindo aumentar a ligação da comunidade local com o seu próprio património.

Analisando os vários impactos, este é um dos elementos que leva a considerar este Festival enquanto regenerativo do tecido urbano. Alexandra Falcão descreve como as atividades do Zigurfest impactuam a cidade

“têm procurado ocupar o espaço da cidade. E acho que foram muito pioneiros, não fazendo como todos os festivais que são concentrados num recinto, absolutamente inóspito, incharacterístico sem alma (...) Eles fazem, obrigar as pessoas a peregrinar pela cidade e pelos vários monumentos (...), que eles nos obrigam a olhar para o nosso património e a valorizar”⁴².

Falcão observa também o desafio que o Festival constitui para a comunidade local e realça o modo como a distância entre os vários concertos resulta em que os espetadores do Zigurfest caminhem pela cidade. Deste modo, podemos observar como Alexandra Falcão reconhece também as repercussões positivas deste projeto e o modo como permite requalificar os espaços da cidade

⁴¹ Excerto da entrevista a Catarina Ribeiro, realizada em 28 de maio de 2023.

⁴² Excerto da entrevista a Alexandra Falcão, realizada em 30 de maio de 2023.

“muitas vezes somos desafiados e também me agrada muito isso, o Zigur tem-nos feito descobrir espaços que para nós não servem para nada. Eles fazem-nos olhar com outros olhos para outros espaços”⁴³.

Em suma, este novo modo de olhar os espaços, partindo da sua utilização, educa a comunidade para o seu próprio património e incentiva a uma nova revitalização dos espaços urbanos, facto que contribui para a requalificação dos locais da cidade, tornando-os vivos, dinâmicos e parte integrante da experiência cultural da cidade.

3.7. A ligação com a comunidade

O envolvimento do Zigurfest com a comunidade envolvente é um aspeto crucial a ser considerado na análise do Festival. A autora Bárbara Pires Maciel reflete que os festivais de música, mais do que um produto turístico, têm também um impacto para com a comunidade que os recebe, escrevendo que “Há que igualmente observar os festivais do ponto de vista do desenvolvimento comunitário, uma vez que os festivais criam o potencial para uma série de impactos sociais na comunidade anfitriã” (Maciel, 2011, p. 20). Ou seja, os festivais podem apresentar uma função como agentes de desenvolvimento comunitário.

Ricardo Cabral, diretor técnico do Festival, no decorrer da sua entrevista refere diversas vezes como é difícil criar uma ligação em Lamego,

“É difícil, Lamego é uma cidade muito difícil. Eu acho que tem a ver com o facto de que devia haver mais expressões como nós, se calhar noutra linguagem, mas devia haver bastante mais, porque no fundo nós caímos ali quase como um OVNI”⁴⁴.

evidenciando como a falta de projetos como Zigurfest torna maior a estranheza para com o evento, o que leva a uma resistência em aceitar e acolher o Festival.

No entanto, Filipe Peixoto, enquanto o único membro da equipa residente em Lamego, observa que um modo de combater esta estranheza é permitir que haja uma relação contínua com a comunidade

“É importante que haja sempre uma pessoa em contacto com a comunidade, que trabalhe com ela, que não a deixe esquecer-se desta parte cultural”⁴⁵.

Isto é, Filipe Peixoto procura que as ligações geradas com a comunidade local sejam mantidas, para que não se trate de intervenções pontuais, mas que os impactos do Zigurfest demonstrem

⁴³ Excerto da entrevista a Alexandra Falcão, realizada em 30 de maio de 2023.

⁴⁴ Excerto da entrevista a Ricardo Cabral, realizada em 26 de junho de 2023.

⁴⁵ Excerto da entrevista a Filipe Peixoto, realizada em 26 de julho de 2023.

ser a longo prazo. Ainda mais, ao serem analisados os diferentes artigos jornalísticos que acompanharam e observaram o Festival, foi visto que diferentes autores assinalaram esta ligação, ou seja, a relação do Zigurfest com a comunidade é perceptível e por isso descrita em vários artigos. Alexandre Ribeiro, jornalista do “Rimas e Batidas”, escreve que:

“A comunidade enquanto “um qualquer conjunto de indivíduos organizados de forma colectiva ou unidos por algum traço comum” encontra um bom exemplo do que isso deve ser na forma como é pensado e executado o festival lamecense. Navegando entre os locais dos concertos, o restaurante A Nave e o Café Maia, as caras tornam-se estranhamente familiares: todos os intervenientes partilham o espaço e alimentam a ideia de que este diálogo anual que o Zigurfest estabelece com a cidade é de máxima importância, criando-se pontes entre pessoas que, à partida, não se encontrariam” (Ribeiro, 2019).

Ribeiro, ao acompanhar o Festival em 2019, encontra uma ligação com a cidade, mas sobretudo compreende como este é um dos objetivos do Zigurfest. Em 2018, Miguel Judas, numa publicação intitulada “A outra Romaria de Portugal”, publicado no jornal “Diário de Notícias”, também acompanha o Festival e escreve um extenso artigo em observação às reações da comunidade. Começa por descrever o modo como a comunidade reage à programação no Largo da Cisterna, revelando como os moradores observavam os concertos, “para Guedes Firmino, acordado da sesta ao som dos sinos, roncadas e chifres que o duo Zarabatana junta às notas improvisadas saídas de um trompete e de um contrabaixo. Firmino, 80 anos, veio para rua, (...) e por ali ficou, com mais uns vizinhos que, entretanto, se lhe tinham juntado” (Judas, 2018), focando-se também no testemunho de uma moradora que descreve a música do Festival, “Prazeres, de 77 anos: “Esquisita não, moderna, nós é que já somos velhos para a percebermos”. Mas percebendo-a ou não, gostam que “a festa” ali chegue, ao bairro histórico do Castelo, uma das zonas mais bonitas de Lamego, mas que segundo os moradores, continua a ser uma espécie de “filho enjeitado” da cidade” (Judas, 2018). Realçando o modo como a comunidade reconhece este projeto, ainda que de um caráter muito próprio, como um “filho enjeitado”. Para além disso, importante destacar como as observações de Miguel Judas também acompanham uma compreensão do impacto da programação para com o comércio local, descrevendo como a movimentação de alguns destes locais é alterada no decorrer dos concertos, referindo um estabelecimento intitulado “Casa do Castelo”, numa das zonas menos movimentada da cidade:

“Joel, que “cerca de três anos” abriu com a mulher, Rafaela, o bar Casa do Castelo, o único estabelecimento existente nesta zona da cidade, onde também são servidos petiscos e refeições ligeiras. Por estes dias não têm mãos a medir, pois é no Castelo, em locais como o Largo da Cisterna, o Núcleo Arqueológico da Porta dos Figos ou no anfiteatro panorâmico junto à

muralha que têm lugar os primeiros concertos do dia, fazendo da Casa do Castelo uma espécie de bar oficial do festival. "Temos os nossos clientes habituais e é com eles que nos governamos durante o ano, mas o festival vir até aqui é muito positivo, não só pelo que vendemos, mas especialmente para vermos e estarmos com pessoas diferentes do habitual, porque no dia-a-dia não acontece muita coisa por aqui", diz Joel, interrompendo mais uma vez a conversa para ir ajudar a mulher a servir cervejas, pois por esta altura já a fila se prolonga rua fora."(Judas,2018)

Com todas estas observações, Miguel Judas permite compreender de que modo o Zigurfest impacta a comunidade, que ainda estranhando este evento, reconhece que a sua programação atrai espetadores para várias zonas da cidade, gerando novas dinâmicas nestes locais. Como afirma Afonso Lima numa entrevista à Aporfest, "Finalmente o nosso trabalho caracteriza-se por ser de grande proximidade com a comunidade, o que permite que exista um elevado grau de familiaridade dentro do festival e isso se transmite para quem nos visita, e desta forma cria o desejo de regressar"⁴⁶. O Festival não apenas atrai público externo e visitantes, mas também gera um efeito social significativo, dado que revitaliza espaços da cidade e contribui para a formação de laços duradouros entre o evento e a sua comunidade de acolhimento.

3.7.1. O uso da criatividade local

Para além dos resultados para a comunidade local, torna-se também significativo considerar os efeitos da utilização da criatividade local. Carlos Fortuna analisa como o uso da criatividade local é um modo de manter a identidade de uma cidade. Sendo desenvolvido por pessoas de Lamego, permitiu que o evento exacerbasse a vida cultural na cidade. Fortuna refere acerca da criatividade local, afirmando que "garante a preservação da identidade e do espírito do lugar". Filipe Peixoto também observa este tópico, referindo que o uso da criatividade local

"Facilita muito, e facilita muito até porque o conceito do Festival, nós dependemos de alguma maneira de boa vontade das pessoas"⁴⁷.

Ou seja, a familiaridade da equipa com os limites e recursos culturais de Lamego é uma vantagem única, pois leva a que eles identifiquem e potencializem os atributos culturais da cidade.

A vice-presidente da CML, Catarina Ribeiro, contempla também a importância de serem

⁴⁶ Zigurfest: o festival onde a música é balanceada com a arte contemporânea. Entrevista: Afonso Lima (2019). Aporfest. Disponível em <https://www.aporfest.pt/single-post/2019/08/08/zigurfest-o-festival-onde-a-m%C3%BAsica-%C3%A9-balanceada-com-a-arte-contempor%C3%A2nea-entrevista-afonso> Consultado a 30 de dezembro de 2022.

⁴⁷ Excerto da entrevista a Filipe Peixoto, realizada em 26 de julho de 2023.

jovens de Lamego a realizar este projeto, afirmando que desde o início que a comunidade se interessou pelo Festival, por já conhecer a sua equipa,

“Portanto, começamos logo a perceber que iriam trazer novas perspetivas e novas dinâmicas e acho que desse ponto de vista toda a gente ficou muito curiosa e muito expectante sobre aquilo que iria ser o Festival”⁴⁸.

Ribeiro demonstra assim os efeitos de ser um Festival realizado por pessoas da cidade, tendo sido gerada uma expectativa positiva em relação ao evento, realçando que eram uma equipa que conhecia os limites, mas também os recursos culturais da cidade, ao afirmar que:

“Todo o trabalho que tem vindo a ser feito por eles, pela Zigur, com o festival e não só, eles conhecem bem a cidade: a cidade, o concelho, a região, portanto, eles não fazem isto só porque querem organizar um festival e trazer bandas amigas, ou serem uma associação dinâmica, que consiga promover a cidade. Eles fazem efetivamente, porque eles percebem algumas riquezas culturais que Lamego tem e como gostam, também são de cá, querem potenciá-las”⁴⁹.

Para além disso, a realização das residências artísticas demonstrou que a equipa conhecia os locais potenciais para as mesmas, mas também partes da comunidade que estariam recetivas a estas experiências, como afirma Ricardo Cabral,

“Algumas residências envolvem pessoas da comunidade, e vês coisas que não esperas ver. Pessoas a estarem envolvidas que tu achavas que eram de outro registo e estão a gostar de estar ali e estarem envolvidas. De repente ao fim de 10 dias de residência, apresentam no Festival e a cena acabou por fazer sentido”⁵⁰.

Enfatizando como várias novas criações acontecem pelo uso da criatividade local, onde a comunidade colabora com artistas externos. Estas colaborações muitas vezes resultam em novos produtos artísticos que integram elementos locais, amplificando o valor cultural e artístico do Festival.

Em síntese, este capítulo pretende traduzir o que é a história e o percurso do Zigurfest, enquanto um festival que começa no TRC, mas expande-se pela cidade e nas mais recentes edições, por outras aldeias que pertencem ao concelho de Lamego. Isto é, o Zigurfest percorre o espaço urbano, e transfigurando locais de património em palcos, consegue que as pessoas sejam convidadas a estes espaços para poderem ver os concertos. Para além disso, ainda que venha a ser um processo contínuo, o Festival tem-se enraizado na comunidade, assim como, parte também dela para encontrar apoios e recursos. O Zigurfest, portanto, não se resume

⁴⁸ Excerto da entrevista a Catarina Ribeiro, realizada em 29 de maio de 2023.

⁴⁹ Excerto da entrevista a Catarina Ribeiro, realizada em 29 de maio de 2023.

⁵⁰ Excerto da entrevista a Ricardo Cabral, realizada em 26 de junho de 2023.

apenas a um festival, mas também a uma estratégia de desenvolvimento comunitário e de regeneração urbana. O Festival atua como um catalisador para a ressignificação de espaços da cidade, conduzindo à valorização do património local e expressão da identidade de Lamego por meio da criatividade. Assim, este capítulo resume a narrativa construída acerca deste projeto e como o Zigurfest incorpora estes aspetos, para construir um ambiente culturalmente vibrante e renovado em Lamego.

Capítulo 4 - Zigurfest '23. Análise da intervenção comunitária e revitalização do património

Este quarto capítulo é dedicado ao acompanhamento da edição de 2023, realizada de 27 a 29 de julho. O capítulo dá conta da elaboração metodológica da pesquisa de terreno⁵¹, permitindo observar os impactos socioculturais do Festival. Além disso, é abordada a transformação da cidade, na qual o evento é o principal agente, e, assim, é vista a cidade de Lamego sob o olhar do Zigurfest. Para isto, procurou-se participar no Festival na perspetiva do espetador, com o objetivo de realizar uma análise mais aprofundada dos conteúdos oferecidos nesta edição anual, recorrendo à programação disponibilizada, como residências artísticas, workshops, palestras e concertos⁵².

Nesta edição de 2023, o Festival perdeu o apoio da DGARTES e ponderou acerca do seu futuro. Foi considerada a possibilidade de reduzir a vida do Festival aos seus 10 anos de existência e terminar a sua continuidade. No entanto, após reflexão dos membros da equipa, foi decidido repensar o projeto e adaptá-lo. Ainda com o apoio da Câmara Municipal, e recorrendo à expressão popular “fazer das tripas coração”, foi possível produzir o Zigurfest mais um ano. Como referiram no comunicado ao público⁵³, disponível em todas as redes sociais do Festival, “Estamos de volta. E porque não gostamos de fazer a mesma coisa duas vezes seguidas, voltamos a olhar para o festival como uma grande tabula rasa onde inscrever os novos caminhos a seguir”, demonstrando este pensamento em modificar o Festival. No comunicado referido, mostraram ao público o descontentamento para com a situação artística nacional, mas que, como forma de resiliência, há uma necessidade em continuar o Zigurfest:

“Esta mudança - a primeira deste tipo em 12 anos de actividade ininterrupta - acontece perante uma situação particularmente desafiante para o panorama artístico nacional, em que muitas estruturas, como a nossa, estão a enfrentar cortes significativos na sua dotação financeira. Mas porque estamos aí há mais de uma década e queremos ficar pelo menos mais uma, reforçamos as parcerias de sempre e preparámos uma edição que assinala uma nova fase do festival”.

Ao contrário das edições passadas, nas quais o Festival tinha uma semana de duração e realizava-se no mês de agosto, como já foi referido anteriormente, em 2023, o Zigurfest decidiu

⁵¹ No anexo H pode ser consultado uma grelha de observação direta com os aspetos que foram procurados analisar no decorrer do Festival.

⁵² No anexo G pode ser consultado o cartaz da edição de 2023.

⁵³ Retirado do website do Festival <https://zigurfest.com/SOBRE>, consultado a 20 de julho de 2023.

desvincular-se da Romaria da Nossa Senhora dos Remédios, permitindo adquirir novas dinâmicas. Primeiramente, ao retirarem-se da programação da Romaria, torna-se possível uma avaliação dos resultados do Festival enquanto programação independente e não como uma alternativa à Romaria⁵⁴. Por isso, a sua programação tornou-se mais reduzida, passando de uma semana para três dias, com um maior foco em ações educativas. Além disso, o Zigurfest aproveitou a redução de orçamento para repensar o Festival e mudar o foco, afirmando no comunicado que “voltamos a repensar o festival de forma a colocá-lo ao serviço de quem o fez sobreviver ao longo destes anos: o público e os artistas”. Sendo o produto principal do Festival os seus concertos, este ano surgiu também um grande foco em residências artísticas e na interligação de artistas com as comunidades de Lamego, apresentando o Zigurfest como “um pequeno laboratório de criação, pensamento, debate e práticas artísticas que vai ocupar vários espaços do concelho de Lamego”⁵⁵. Ainda com as alterações orçamentais, toda a programação permaneceu gratuita, assim como a opção de campismo.

Para este capítulo não serão descritas todas as atividades que aconteceram no Festival, dado que não retirando mérito às mesmas, destacam-se as que invocaram uma ligação com o património ou a comunidade local e, por esse modo, seriam imprescindíveis de referir. Em cada um dos dias, se destaca uma atividade que teve uma forte intervenção com a comunidade local. Para a análise desta edição tem-se em conta o facto de que, ao contrário do que era recorrente nas edições passadas, esta não se desenvolve tanto em torno do património edificado, mas em torno de um património imaterial, como afirma Filipe Peixoto

“o Festival está a explorar muito o património imaterial, o rancho, os caretos que vão participar numa performance aqui no teatro. O Portas pr’á vida é um projeto contínuo, que todos anos vai fazer uma atividade no Festival”⁵⁶.

Quando é referido este conceito de património imaterial, é recorrente associá-lo à tradição. No entanto, Carlos Fortuna define o património imaterial como “Os objetos, lugares ou práticas socioculturais patrimonializados têm significados histórico--culturais consagrados que (...) estão para além do sentido e do valor originais diretamente associados à sua utilidade prática de outrora” (2021, p. 25). Fortuna também alerta para a banalização e falta de critérios ao que hoje se considera património, contudo, para uma maior compreensão deste capítulo, o que se

⁵⁴ Ainda que sejam maioritariamente contemplados os efeitos da Zigurfest fora da Romaria. Não poderia de ser deixado em nota que há também efeitos para a Romaria com a saída do Festival, que ao observar a programação, de carácter muito popular e massificado, não tem agora um programa que contemple outros géneros, seja a música indie, o hip-hop, ou conteúdos mais alternativos.

⁵⁵ Retirado do website do Festival <https://zigurfest.com/SOBRE>, consultado a 20 de julho de 2023

⁵⁶ Excerto da entrevista a Filipe Peixoto, realizada em 26 de julho de 2023.

intitula de património imaterial são as práticas socioculturais, que tanto o Festival como os seus intervenientes apelidaram desta forma. Como Carlos Fortuna menciona “Estes patrimónios, tanto tangíveis como intangíveis, enunciam modos de viver passados e atuais que, no seu conjunto, constituem a memória social e, em muitos casos e por isso mesmo, revelam e significam o próprio espírito dos lugares” (Fortuna, 2005, p. 3). Deste modo, o património imaterial é também essencial para preservar a memória social e o espírito dos lugares, uma categorização também adotada pelo Festival e pelos seus participantes.

4.1. Dia 27, à descoberta de novos locais

| 27 / QUINTA | | ↓ |
|-------------|---|------------|
| 14H30 | BRUNO ANDRADE SENRA (workshop) | PENUDE |
| 15H00 | APRESENTAÇÃO DO FESTIVAL (visita exposição) | C. ARTISTA |
| 22H00 | PUÇANGA (residência-concerto) | PENUDE |
| 23H00 | AMULETO APOTROPAICO (concerto) | PENUDE |

Figura 2. Programação do Festival de dia 27 de julho. Retirado dos órgãos de comunicação do Festival.

O festival principiou-se com um *workshop* de culinária regional, onde Bruno Andrade Serra demonstra a sustentabilidade, como uma nova abordagem à gastronomia regional. Seguidamente, na Casa do Artista, ocorreu a apresentação do Festival acompanhada por algumas individualidades da Câmara Municipal de Lamego. Durante esta apresentação, João Pedro Fonseca, atual diretor artístico do Festival, descreveu a equipa do Zigurfest como “viajantes do tempo”, devido à forma como o Festival procura incorporar várias dimensões do património, viajando através da historicidade dos locais e atribuindo-lhes um significado na contemporaneidade, para usufruto da comunidade. Inês Carincur, também membro da equipa Zigurfest, destacou que a nova edição do Festival é também testemunho de um sentido de resiliência, perante a perda do apoio da DGARTES. Salientou ainda que o Zigurfest é um festival comprometido em colaborar continuamente com a comunidade local, ao invés de realizar apenas intervenções momentâneas. Por isso, o Festival, ao reinventar-se na edição de 2023, escolheu como foco a comunidade local, e desta forma, uma maior persistência em residências artistas e em colocar os artistas a trabalhar com as comunidades para novas criações.

A apresentação do Festival contou também com uma colaboração da Fundação Serralves e, por isso, seguiu-se uma visita guiada à exposição que se encontrava na Casa do Artista,

acerca da obra de Ana Hatherly. A Casa do Artista⁵⁷, também designada por núcleo arqueológico da Porta dos Figos, pode ser considerado um sítio patrimonial, dado que conserva os vestígios da ocupação romana em Lamego. Este local carece de programação e visitação durante o ano, no entanto, o Zigurfest, permite que as pessoas o frequentem e que depois retenham este espaço pelo seu carácter arqueológico.

As atividades noturnas aconteceram em Penude⁵⁸, onde a artista Puçanga esteve em residência artística, em conjunto com o Rancho Regional de Penude, procurando criar uma ligação entre o rancho e a música moderna. As atividades localizaram-se na Associação Cultural de Penude, também sede do Rancho. Filipe Peixoto refere que, ao acompanhar Puçanga, reconhece como foi difícil intervir nesta comunidade, dado que, numa primeira abordagem, não pretendia aceitar intervenções externas, mas após Puçanga participar em alguns ensaios, Filipe Peixoto observa como acabou por gradualmente ser aceite e ficou em residência em Penude durante uma semana.

Lívia Silva, membro do Rancho Regional de Penude, que permitiu a ponte entre Puçanga e o Rancho, relata como esta ligação se iniciou:

“a minha ligação com a residência artística da Puçanga começou quando ela veio assistir aos ensaios do rancho pediu para se alguém queria fazer parte da atuação que ela iria fazer pois queria mostrar origens de Penude, mas principalmente do rancho”⁵⁹.

A música alternativa de Puçanga juntou-se ao Rancho Regional de Penude, partindo para uma junção de dois universos, o regionalismo com a música *underground*. Lívia Silva destaca como esta interação com a comunidade de Penude permitiu que as pessoas pudessem ligar-se ao trabalho do Zigurfest,

“assim que foi pedido para participarem e perceberem como funcionava, as pessoas começaram a apreciar mais e a dar mais valor ao trabalho que é feito no Zigurfest”⁶⁰.

Filipe Peixoto, natural de Penude, refere como esta ligação foi interessante,

“este ano vamos ter uma residência artística, que é a Puçanga, é a Vera. É giro poder ter a Vera na minha aldeia, juntar a Vera com as pessoas da minha aldeia, com quem eu nunca tive aquela

⁵⁷ Para mais pormenores acerca deste espaço, recomenda-se a consulta dos órgãos oficiais, como o website da Câmara Municipal de Lamego, disponível em [Município de Lamego - Núcleo Arqueológico - Porta dos Figos \(cm-lamego.pt\)](http://Município de Lamego - Núcleo Arqueológico - Porta dos Figos (cm-lamego.pt))

⁵⁸ Penude é uma aldeia pertencente a Lamego, com cerca de 1,600 habitantes. Distancia-se a 5 km de Lamego.

⁵⁹ Excerto da entrevista a Lívia Silva, realizada em 23 de agosto de 2023.

⁶⁰ Excerto da entrevista a Lívia Silva, realizada em 23 de agosto de 2023.

proximidade. Eu aproximei-me muito com a associação cultural de lá, com o rancho folclórico”.

Referindo depois o modo como a associação cultural de Penude englobava todas as capacidades para acolher uma residência artística, apenas aquele espaço nunca tinha sido pensado daquela forma. Por fim, Peixoto refere como a comunidade presente no rancho folclórico acabou por acolher todo o projeto e desenvolveu uma empatia com o mesmo, afirmando,

“Mas depois as mesmas pessoas do rancho, são as mesmas pessoas que tomam conta da associação e lembro-me que havia malta a dizer “se é alternativo, vamos ser alternativos, tem de ser assim”⁶¹.

Como também afirma Lúvia Silva

“acho que como foi a participação de pessoas de Penude, fez uma diferença no público e na forma como eles viam o festival, em si de uma forma positiva”⁶².


Ou seja, a ligação que o Zigurfest estabeleceu com a comunidade de Penude permitiu uma maior consciencialização para com o trabalho desenvolvido pelo Festival. Assim como o objetivo de Puçanga nunca foi alterar o carácter mais regionalista do rancho, mas, através desta comunidade, trazer o rancho para a contemporaneidade.

Deste modo, o primeiro dia do Zigurfest foi marcado pela descentralização, levando os espetadores a uma das freguesias rurais de Lamego. Aí, a partir de *Shuttles* programados pelo Festival, os espetadores foram levados a Penude para conhecer esta comunidade e este espaço, que, de outro modo, não seria possível. Por conseguinte, este dia ficou também marcado por uma ligação a um património imaterial, como o rancho folclórico, que o Zigurfest pretende revigorar e trazer para a atualidade, a partir de novas formas de admirar/sentir este património, pela música de Puçanga.

⁶¹ Excerto da entrevista a Filipe Peixoto, realizada em 26 de julho de 2023.

⁶² Excerto da entrevista a Lúvia Silva, realizada em 23 de agosto de 2023.

4.2. Dia 28, a ligação com a comunidade



| 28 / SEXTA | | |
|------------|--|---------------|
| 14H30 | BERNARDO ÁLVARES & PORTAS PRÁ'VIDA (concerto) | TRC |
| 15H30 | INÉS CASTANHEIRA (workshop) | CENTRO CÍVICO |
| 16H00 | CALIGRAFIA CORPÓREA (workshop) | C.ARTISTA |
| 22H00 | ANA DE OLIVEIRA E SILVA (residência-performance) | TRC |
| 23H00 | AZIA (concerto) | OLARIA |
| 00H00 | HETTA (concerto) | OLARIA |
| 01H00 | MÁQUINA (concerto) | OLARIA |

Figura 3. Programação do Festival de dia 28 de julho. Retirado dos órgãos de comunicação do Festival.

No dia 28, o dia começou com um concerto no TRC do artista Bernardo Álvares, realizado em colaboração com a associação da Portas Prá'Vida⁶³, especialmente envolvendo os seus utentes. Esta sessão foi marcada por uma sala cheia, composta não só pelos utentes da associação, mas também pelos seus familiares, espetadores que vieram a partir do Zigurfest e pessoas da comunidade curiosas com esta colaboração. António Silva destaca a emoção com que viu este concerto e o modo como sentiu que o Zigurfest traz a diferença para a comunidade em ações como esta. Sobretudo, este concerto possibilitou que os utentes da associação Portas Pr'á Vida tivessem oportunidade de protagonizar diversas performances, saindo do seu lugar marginalizado e permitindo que os mesmos fossem criadores de música alternativa. Foi muito emotivo observar a alegria com que estas pessoas ocuparam o palco, sendo também uma demonstração da multidisciplinariedade do trabalho de Bernardo Álvares, que pretende continuar este projeto e a sua intervenção com a comunidade. Nestas iniciativas, o Zigurfest não demonstra apenas ser um festival de destaque, mas também um modelo a seguir, pelo modo como envolve associações da cidade que usualmente não ocupam espaço na programação da mesma. Em entrevista com Marisa Macedo, uma das responsáveis por esta associação, refere a dificuldade com que os utentes recebem intervenções externas, afirmando que “qualquer pessoa diferente” já é um impacto. No entanto, dado que Bernardo Álvares esteve em residência uma semana e que a sua presença foi contínua, permitiu que fosse criada uma ligação com as pessoas da associação. Marisa Macedo descreve que, no dia da apresentação, “os

⁶³ A associação Portas Prá'Vida é uma associação sem fins lucrativos, que visa a integração de pessoas portadoras de deficiência, tendo como princípio a inclusão dos seus utentes. Classificam-se como “Centro de Atividades e Capacitação para a inclusão, Formação Profissional, Empresa Social de Inserção pelo Trabalho, Lar Residencial e Residência de Autonomização e Inclusão.”. Para mais informações acerca desta associação consultar <https://portaspravida.com/quem-somos/>.

utentes estavam bastante motivados e bastante interessados”⁶⁴, e, por isso, classifica toda a experiência como gratificante, mas chama a atenção para a necessidade da continuidade do projeto.

De seguida, houve um workshop dado pela artista Inês Castanheira, na criação de “objectos sonoros e synths DIY”. Esta atividade aconteceu no Centro Cívico e foi também uma estreia neste espaço da cidade. O Centro Cívico⁶⁵ é o antigo matadouro de Lamego, um edifício que data a primeira metade do século XX, agora readaptado e restaurado, tem como entidade residente o Rancho Regional de Fafel, responsável por dinamizar culturalmente o espaço. Tanto o Centro Cívico como a Casa do Artista, sendo reaberturas muito recentes, existe ainda alguma dificuldade em dinamizar estes locais. Especialmente com o Centro Cívico, inaugurado um mês antes do Festival, permitiu que esta reabilitação fosse conhecida pelo público, a partir da programação do Zigurfest.

Neste dia, ocorreu também a primeira demonstração da performance da artista Ana de Oliveira e Silva, no TRC. É importante destacar que o foco desta performance estava no património imaterial, mais especificamente os Caretos de Lazarim. Ana de Oliveira e Silva trouxe uma perspetiva vanguardista, no próprio património de Lamego. A artista enfatizou o desaparecimento dos caretos, tradicionalmente interpretados por homens, associado à ausência de pessoas nas áreas mais rurais. Na perspetiva da artista, surge a necessidade desta tradição ser agora interpretada por mulheres de modo a permitir a sua continuação, levando o espetador a considerar também questões de género. Para além disso, a escolha do espaço levou a um maior sucesso desta performance, dado que foi apenas utilizado o palco do TRC, onde os espetadores ficavam de pé à volta do espaço da performance, obtendo uma atmosfera mais intimista. A entrada para o espetáculo não foi feita pela porta principal do TRC, mas pela porta de artistas, dando a conhecer mais do próprio Teatro, o que permitiu estabelecer uma ligação mais próxima entre o espetador e o TRC.

Por fim, o dia terminou com concertos numa das ruas históricas de Lamego, a rua da Olaria, de um modo muito característico do Zigurfest. A rua encontrava-se sobrelotada, com as pessoas à janela a tentar identificar uma música que não conheciam. Foi também uma lotação que é recorrente quando o Zigurfest programa na rua da Olaria, dado que deixou de ser possível circular na rua. A revitalização deste espaço na noite dos concertos, demonstrou mais uma vez

⁶⁴ Excerto da entrevista a Marisa Macedo, realizada em 24 de agosto de 2023.

⁶⁵ Mais informações sobre a recuperação deste espaço, podem ser encontradas em [Município de Lamego - Antigo matadouro dá lugar ao futuro Centro Cívico \(cm-lamego.pt\)](https://www.cm-lamego.pt)

a capacidade do Zigurfest de atrair e envolver a comunidade para as suas zonas históricas.

4.3. Dia 29, a multidisciplinaridade em conjunto com o património



| 29 / SÁBADO | | ↓ |
|-------------|--|------------------|
| 14H30 | CÁLCULO (workshop) | PARQUE BIOLÓGICO |
| 16H30 | CÁLCULO ECOBEATS 101 (workshop) | CENTRO CÍVICO |
| 18H30 | BEN YOSEI (concerto-palestra) | CENTRO CÍVICO |
| 19H30 | JOÃO TAVEIRA (concerto-palestra) | CENTRO CÍVICO |
| 22H00 | ANA DE OLIVEIRA E SILVA (residência-performance) | TRC |
| 23H00 | RITA SILVA (concerto) | MUSEU |
| 00H00 | GESSO (concerto) | MUSEU |
| 01H00 | SILVESTRE (concerto) | MUSEU |

Figura 4. Programação do Festival de dia 29 de julho. Retirado dos órgãos de comunicação do Festival.

O último dia do Festival começou com a presença do músico Cálculo, num workshop no Parque Biológico de Lamego, onde foi realizada uma recolha de sons que mais tarde permitiu formar o que o autor descreve como uma “malha musical”. O importante deste workshop foi o modo como trouxe os seus participantes a visitar o Parque Biológico, mas também a observar atentamente todos os sons que eram possíveis encontrar. Cálculo mostra-nos como a natureza é rica em sons que podem ser utilizados na música eletrónica, apenas é necessário que sejam escutados com atenção. Intensificando uma vertente que o Zigurfest tem vindo a desenvolver, o modo como a música moderna pode alimentar-se do património natural.

Após o workshop de Cálculo, seguiu-se o artista Ben Yosei que não poderia deixar de ser referido. Ben Yosei combinou música alternativa com música tradicional, mas sobretudo sons áudios da sua própria avó. Nessas gravações, a mesma expressa o seu medo de morrer, mas como os seus entes queridos estavam de algum modo à sua espera, o que leva a outras linhas de pensamento e outras formas de interpretação. Carlos Fortuna alerta muitas vezes para a “Patrimonialidade”, o modo como na atualidade os critérios para o que é apelidado de património se tornam quase inexistentes. Porém, Ben Yosei leva-nos ao que se poderia chamar de um património esquecido, mas que tende para viver nas casas portuguesas. A música do artista apelou a um património imaterial, aos rosários, aos sacrários, aos objetos religiosos que se escondem nas casas dos avós, a uma cultura de pessoas envelhecidas com medo de morrer, que de algum modo, reflete a atual situação em Lamego. Era possível ver a forma como o público estava emocionalmente envolvido e que numa projeção para as suas próprias vivências, o medo de morrer da avó de Ben Yosei, estava também nas outras pessoas.

A programação no Centro Cívico encerrou com o arquiteto João Taveira, natural de Lamego, demonstrando como o Zigurfest não deixa de valorizar e programar artistas locais. Quando a palestra-concerto de Taveira terminou, o Centro Cívico estava repleto de pessoas por todo o lado a usufruírem daquele espaço. Há um ano, este local era um matadouro abandonado, ainda no começo da sua intervenção de restauro. No entanto, um ano mais tarde, o Zigurfest atraiu os seus espetadores a este espaço, o que resultou que este local fosse reavivado e revitalizado, para que assim experiências positivas pudessem ser associadas ao Centro Cívico.

O Festival encerrou no Museu, com os três últimos concertos realizados num jardim que muitos desconheciam. Destaca-se também que a entrada para estes concertos e para este jardim era feita através de um portão lateral, que durante o ano se encontra encerrado. Por isso, gerou-se alguma confusão se os concertos seriam no Museu, dado que a porta principal estava encerrada e as pessoas desconheciam este portão. Porém, esta entrada no Museu a partir de outra via, caracteriza muito o Zigurfest e o seu desenvolvimento neste espaço, pois proporcionou uma nova perspetiva do Museu aos seus participantes, transformando uma parte do ML, que durante muito tempo esteve abandonada, num espaço para apreciar música ao vivo.

Após o Festival, o *feedback* externo foi bastante positivo⁶⁶, como evidenciado através dos diferentes artigos publicados acerca da edição 2023. Na revista “Playback”, Miguel Rocha escreve “A história de três dias de rejúbilo em Lamego”⁶⁷, onde destaca a importância de festivais como este, dado que “é nos festivais pequenos, como o Zigurfest, que o coração musical realmente bate. São estes que fazem as coisas girar e acontecer, onde a descentralização realmente acontece” (Rocha,2023). Ainda mais, refere o quanto gostou do Festival e como estará de volta para a edição de 2024, “Fico já com vontade de regressar. Em 2024, se tudo correr bem, há mais Zigurfest para desfrutar, mais Zigurfest para pensar, ali algures para o final de julho outra vez. Lá estarei. Espero que vocês também” (Rocha, 2023).

Demonstrando assim, o efeito positivo no Festival, onde a experiência foi de tal modo enriquecedora, que evoca no espetador um desejo de voltar a Lamego, para poder experienciar novamente o Zigurfest.

Contudo, o *feedback* apresentado, foi produzido por pessoas que não pertencem à comunidade. O que se observou no decorrer da edição de 2023, foi que parte da comunidade

⁶⁶ No anexo I, é possível ver alguns registos fotográficos desta edição.

⁶⁷Rocha, M. (2023). ZigurFest 2023: A história de três dias de rejúbilo em Lamego. *Playback*. Disponível em <https://www.playback.pt/reportagens/zigurfest-2023/> Consultado a 25 de agosto de 2023.

não reconheceu sequer que o Festival estava a decorrer na cidade. Ainda que a comunicação desta edição estivesse espalhada por diversos locais de Lamego, houve uma aparente falta de interesse pela comunidade. Ao frequentar as atividades do Zigurfest, especialmente workshops, foi observado que maioritariamente o público não era de Lamego, o que demonstra ainda uma dificuldade na cativação do público local em aderir ao Festival. Por isso, o Zigurfest carece de feedback da sua própria comunidade, não participante no projeto.

Quanto ao *feedback* da própria equipa do Festival, João Pedro Fonseca, diretor artístico do Festival, terminou os três dias com um comunicado nas redes de comunicação do Festival:

“Atrevo-me a dizer que esta edição do Zigurfest marcou uma mudança, não só ao afirmar-se na Cidade de Lamego de uma forma mais única e independente no mês de julho como ao dar um grande passo no que toca às residências artísticas: explorando novas potências na tradição, nos cruzamentos culturais, na emergência do contemporâneo e sobretudo na vitalidade da interdisciplinidade- que cada vez mais marca uma identidade única no Festival. (...) Após estes dias ficaram gravadas três palavras que levaremos para o futuro: expansão, transformação e amor. Muito obrigada a todos os que viajaram connosco!”

No que se refere à sua desvinculação com a Romaria, o que se observou foi que mesmo estando menos pessoas na cidade, do que estariam em agosto, os espetadores do Zigurfest, vieram propositadamente para o Festival e não se observou uma redução muito acentuada no número de participantes. Enquanto anteriormente o Festival perdia espetadores pelo excesso de programação na cidade, desta vez o público externo deslocou-se a Lamego apenas para o Zigurfest.

Assim, esta edição de 2023 teve um impacto significativo em Lamego de diferentes modos. Primeiramente, permitiu mais uma vez a usufruição de espaços da cidade, que recorrentemente estão subutilizados, proporcionando aos espetadores uma experiência positiva nestes locais e criando memórias envolvendo o património local. Segundamente, e com efeito mais prominente nesta edição, o Zigurfest envolveu-se profundamente com a comunidade a diversos níveis. Através de residências artísticas, colocou a comunidade também como criadora de música e por isso, aumentou a autoestima destas pessoas, dando-lhes um lugar no palco do Zigurfest. Mas também no caso do Rancho de Penude, enriqueceu esta tradição e possibilitou que a mesma pudesse ser revivida. Acima de tudo, ainda que seja uma reflexão limitada às pessoas que efetivamente participaram ou compareceram no Festival, esta edição levou a que a comunidade participante, refletisse acerca do valor do seu próprio património e como usufruir do mesmo.

Capítulo 5 - A revitalização da cidade, as novas linhas de ressignificação

Este último capítulo pretende abordar os resultados da investigação e analisá-los, compreendendo como é que os objetivos deste estudo foram alcançados. E sobretudo, demonstrar quais os resultados socioculturais do Zigurfest, na perspetiva dos seus *stakeholders*.

Carlos Fortuna coloca uma questão importante quando pergunta se “Serão as ruínas, os monumentos e os museus espaciais e artefactos que decoram a cidade que habitamos, ou ao contrário, serão elementos históricos, artísticos e culturais que actualizam o passado e lhe dão vida?” (Fortuna, 2013, p. 29). Esta questão é também um dos propósitos deste capítulo: compreender qual é o estatuto e o significado dos elementos históricos utilizados pelo Zigurfest, e como, para além de uma função decorativa, foi permitida a sua resignificação. Para além disso, Ricardo Campos, num artigo acerca de “Poder local, arte urbana e festivalização da cultura”, observa os modos como os festivais produzem efeitos duradouros, realçando a “inclinação para pensar o festival como produzindo efeitos a longo prazo, servindo para mudar a paisagem, mas também a imagem da cidade e a relação dos habitantes com o espaço público” (2021, p. 66). Assim, para além das resignificações do património, foi também procurada reconhecer a ligação da comunidade com estes espaços. No decorrer desta investigação, surgiu diversas vezes a incerteza se um festival que depende de concertos, enquanto eventos efémeros, poderia produzir efeitos a longo prazo, após a análise desta problemática, este capítulo surge como uma demonstração dos resultados da investigação, dando resposta a esta insegurança levantada.

5.1. O princípio da resignificação do património

Esta investigação partiu de entrevistas feitas aos membros do Festival com o objetivo de compreender várias questões que fontes externas não esclareciam. Procurou-se, essencialmente, conhecer a narrativa que deu origem a este projeto, e foi reconhecido que a história do Zigurfest, também começa com as resignificações do património. No decorrer das entrevistas com Afonso Lima, Ricardo Cabral e António Silva, emergiu uma narrativa muito presente nas vivências de todos. Os membros do Festival Zigurfest cresceram e passaram parte das suas vidas a observar o Teatro Ribeiro Conceição fechado (encerrado em 1987 e reaberto em 2008, permanecendo fechado por mais de 20 anos), e ver uma instituição cultural tão

importante no município inativa, gerou repercussões nos membros do Festival, muito antes da ideia do Zigurfest surgir. O impacto deste encerramento, alertou-os desde muito cedo para a decadência destes espaços. Afonso Lima aponta para a gravidade deste assunto, dado que houve uma normalização da decadência do edifício e recorda que as pessoas se tornaram apáticas perante a destruição do seu próprio património. Ao passarem no seu quotidiano pelo Teatro, habituaram-se a vê-lo daquela forma, em ruínas, como refere Afonso Lima

“Aquele espaço esteve fechado, tu passavas à frente do teatro e era um não-lugar, não existia. O que estava de fora é muito bonito, mas o que estava para lá daquelas portas não existia, era um vazio”,

desenvolvendo depois acerca do impacto,

“Sabes o que é ter um património desta natureza, que estava completamente fechado e em ruínas? E durante anos, durante décadas, as pessoas da cidade de Lamego habituaram-se a ignorar aquele espaço”⁶⁸

No entanto, ao contrário da situação generalizada, os membros do Zigurfest que passavam pelo Teatro, questionavam-se acerca desta decadência, sabendo que a falta de uso deste local, fez com que a sua salvaguarda e revitalização não fosse uma prioridade. Ricardo Cabral afirma

“Desde que eu nasci em Lamego, até ter saído de Lamego, o Teatro esteve fechado, o Teatro fechou no ano em que eu nasci e quando sai para trabalhar fora, o teatro voltou a abrir”,

ou seja, parte da sua vivência na cidade, foi passada sem a usufruição deste espaço. Ainda assim, Cabral compreendia a necessidade da reabertura deste local e a responsabilidade que o Teatro tinha para com a comunidade,

“O teatro tinha esse papel fundamental, de dar cultura a cidade. Não só dentro do teatro em si, mas envolvendo a comunidade também”⁶⁹.

Por isso, desde muito cedo, os membros do Zigurfest cresceram com o peso da consciência do que pode ser um património em ruínas. Quando surgiu a oportunidade de desenvolver o Festival Zigurfest, havia um objetivo claro para este projeto: a utilização do património da cidade, usufruir dos espaços como forma de prevenir a sua deterioração. Assim, o Zigurfest partiu de um propósito de usufruir do património enquanto palco, gerar-lhe uma nova vida, como forma de impedir que os espaços caíam em decadência. Partindo do TRC, para outros espaços da cidade, o Zigurfest observou capelas, jardins e outros espaços em desuso, para ressignificá-los e permitir a sua revitalização. Este é o ponto de partida da ressignificação dos espaços do Zigurfest.

⁶⁸ Excerto da entrevista a Afonso Lima, realizada em 22 de junho de 2023.

⁶⁹ Excerto da entrevista a Ricardo Cabral, realizada em 26 de junho de 2023.

5.2. A cidade, a autarquia e o Festival

Ao ser pretendido observar a ligação do Festival para com a comunidade e a cidade, uma das abordagens encontradas para este objetivo, foi englobar a autarquia nesta investigação. Por conseguinte, foi procurado compreender como é que a autarquia depreende o Zigurfest. Como refere Paula Guerra, “é possível referir que os poderes políticos (novamente, autarquias) estão mais sensibilizados para o potencial que os festivais de música representam para a região onde têm lugar, sendo determinantes no tocante à contribuição com recursos logísticos, técnicos e financeiros em prol da sua concretização” (Guerra, 2016, p. 10). Portanto, a partir da entrevista com Catarina Ribeiro, vice-presidente da Câmara, foi possível observar os modos como a CML colabora com o Zigurfest, e também os apoios que são atribuídos ao Festival. Ribeiro começa por afirmar como a CML acolheu bem o Festival desde o início. Como era realizado a partir de pessoas que já eram conhecidas na esfera comunitária, o projeto foi aceite com alguma expectativa:

“A Câmara também acolheu logo muito bem o festival, reconheceu o seu potencial. Na altura, era o presidente que está hoje, o engenheiro Francisco Lopes, era ele já o presidente da câmara na altura, e pronto, ele recebeu todo o apoio e as coisas correram sempre muito bem. Eles também eram pessoas, eram miúdos, rapazes na altura também muito conhecidos e também muito acarinhados. Houve uma grande curiosidade e toda a gente estava muito expectante para perceber o que ia acontecer e conhecer, e acho que depois ao longo dos anos conseguiram provar que conseguiam organizar bem e coisas de muito valor”⁷⁰

Ou seja, o uso da criatividade local permitiu uma maior aceitação do Festival e por consequência, a integração por parte da Câmara de Lamego resultou num maior apoio e sustentabilidade para o projeto. Dado que, iniciativas como festivais de música, incluindo o Zigurfest, têm uma maior probabilidade de prosperar quando são apoiadas pelas autarquias locais. Além do apoio financeiro, a vice-presidente da Câmara de Lamego menciona também o apoio em questões menores, como logística, transportes, refeições e até na promoção do evento. Além disso, destaca a importância da deslocação do Festival para as áreas rurais,

“Também temos acompanhado e dado algum apoio e vemos com muito bons olhos esta descentralização, este alargar para as freguesias rurais. Portanto vamos sempre acompanhando e até é um festival que acarinhámos”⁷¹.

⁷⁰ Excerto da entrevista a Catarina Ribeiro, realizada em 29 de maio de 2023.

⁷¹ Excerto da entrevista a Catarina Ribeiro, realizada em 29 de maio de 2023.

A entrevista com Catarina Ribeiro foi fundamental para analisar como este tipo de projetos depende muitas das vezes da aceitação das autarquias para subsistirem e continuarem a sua atividade, mas acima de tudo, para serem enraizados na comunidade. Além disso, a partir das declarações da vice-presidente, é também visto como a própria autarquia o reconhece e apoia. No entanto, no decorrer da edição 2023, foi observado como o apoio dado pela CML, carece de alguma profundidade, para além do apoio logístico. Primeiramente, a autarquia esteve apenas presente na inauguração do Festival, não tendo mais nenhum contacto com a restante programação, demonstrando que, ainda que reconhecendo a importância do Zigurfest para a cidade, o envolvimento direto da autarquia baseia-se apenas na exposição da programação do Festival e participação na sessão de abertura. Expressando assim que ainda há uma ausência de uma presença mais concreta e visível durante o próprio Festival.

Para além disso, é necessário apontar que ainda reconhecendo todo o apoio que a CML dá, o Zigurfest adapta-se às necessidades da autarquia mais frequentemente, do que a autarquia se adapta às necessidades do projeto. A falta de apoio no decorrer da Romaria por parte da CML, foi uma das razões que levou o projeto a alterar as suas datas, para uma maior disponibilidade de apoio logístico e não sobrecarregar o apoio por parte da Câmara. Contudo mesmo com a alteração de datas, verificou-se alguns obstáculos no apoio logístico. Para além disso, a autarquia também disponibiliza ao Zigurfest, para além dos espaços que a equipa procura, os espaços que a autarquia considera que devem ser usados. Na edição de 2023, a primeira programação publicada não passava pelo Centro Cívico, mas como um espaço recentemente inaugurado, foi requisitado pela CML que este espaço fosse usado, invés da Casa do Artista. Por isso, através de comunicados ao público, o Zigurfest teve de informar da mudança de espaços da programação publicada inicialmente.

Em suma, é inegável o apoio e reconhecimento que a CML atribui ao Zigurfest, mas existe a ausência de um contacto mais direto e um envolvimento mais profundo, para consequentemente gerar uma aceitação mais alargada. A Câmara confere os apoios necessários ao Festival, mas continua distanciada deste projeto e por isso, o Zigurfest não deixa ser um festival marginalizado em toda a programação promovida pela CML. O comprometimento da autarquia pode ser o princípio da adesão ao projeto pela comunidade local, por isso, ainda é necessário um maior envolvimento da CML, que não apenas burocrático, mas que a Câmara esteja realmente interessada no Festival e no que pode trazer para o desenvolvimento local, para existir uma maior relação com a comunidade.

5.3. O Museu

Para além da autarquia, tornou-se fundamental também compreender os efeitos do Festival no Museu, não só procurando observar como ocorre a revitalização deste espaço, mas também analisar a ligação do Museu com o Festival, com base na entrevista a Alexandra Falcão, diretora do Museu de Lamego.

Como Carlos Fortuna refere no seu artigo “Identidades, percursos, paisagens culturais: estudos sociológicos de cultura urbana”, a forma como o museu é colocado na cidade e a sua significação enquanto elemento cultural, está intrinsecamente envolvido na vida das pessoas da cidade, referindo “As narrativas contidas nos nossos museus são actos culturais de possível conversão da vida dos outros, sejam eles os outros fisicamente distantes ou os historicamente afastados, na nossa própria” (Fortuna, 2013, p. 13). Por isso, incluir o Museu nesta investigação, é também observar a ligação da comunidade com a sua própria historicidade. Além disso, Fortuna alerta para a falta de conexão da atualidade para com os museus e as narrativas que os mesmo encerram em si, “Mas está também contida, nesta crise de identidade dos museus, a da desvalorização cultural do objecto que o museu expõe e da correspondente complexificação do discurso e da narrativa que enuncia” (Fortuna, 2013, p. 40). O autor alerta que a complexidade das linguagens utilizadas na museologia, tende a criar um distanciamento com este espaço e por isso origina uma crise na sua identidade. Ou seja, surge uma necessidade de criar narrativas nos espaços museológicos, para que estes, além de objetos da atualidade, se assumam como locais com um acesso democratizado. O Zigurfest permite corresponder de dado modo a esta crise identitária, mas não reformá-la na sua totalidade.

Principiando com a integração do Festival no Museu, Afonso Lima refere que, quando na segunda edição, o Museu passou a ser um dos locais onde o Festival seria realizado, trouxe novas dinâmicas para o ML. Reflete ainda acerca de haver um distanciamento entre a comunidade de Lamego com o seu próprio Museu, afirmando que

“isto tem de ser contornado, nós temos que criar dinamismo suficiente, para que as pessoas saibam que estes lugares existem. Temos de entrar dentro do Museu, invadir o Museu com coisas que as pessoas sejam atraídas”⁷².

demonstrando como o Festival pretende dinamizar o espaço desde a segunda edição, assim como atrair novos públicos.

⁷² Excerto da entrevista a Afonso Lima, realizada em 22 de junho de 2023.

Alexandra Falcão, vai de encontro à linha de pensamento de Afonso Lima e afirma como este objetivo de revitalizar o Museu se tem vindo a concretizar, visto que na sua perspetiva, o Zigurfest atrai novos públicos e novas dinâmicas,

“é fantástico ver muita gente que não vem ao Museu, no Zigur vem. E depois assistem aos concertos, e para mim é maravilhoso, que vêm ver um concerto, mas vão passar por algumas salas de exposição do Museu e depois vejo-as a observar, a ver as peças do Museu, por causa do Zigur”⁷³.

No entanto, é necessário analisar o contexto em que estes novos públicos vêm ao Museu. Os primeiros concertos do Zigurfest produzidos no ML, eram realizados nas próprias salas de exposição, onde foram criados percursos em que o espetador para chegar à sala de concerto, teria de passar por toda a exposição. O que convidava o espetador para dentro do Museu e não só assistir ao concerto, mas também observar a museologia do espaço. De referir, que esta entrada apenas acontecia na noite do concerto, pois no decorrer da programação do Zigurfest, a oportunidade de visitar o Museu não se estendia. Ou seja, ainda que se possa considerar que o Zigurfest trouxe novos públicos ao Museu e colocou-os perante a própria museologia do espaço, levando-os a ver o ML, foram contextos de curta duração e que não se prolongaram para outras atividades. Ainda mais, este efeito é visto quando as atividades são realizadas nos espaços exteriores do Museu, pois os novos públicos que o Zigurfest traz, ficam apenas nos espaços exteriores e não são convidados a ver os locais de exposição. Ou seja, dinamiza estes espaços afirmativamente, mas não permite que o Museu seja visitado na sua totalidade.

Ainda que o desenvolvimento de novos públicos seja questionável, o Zigurfest possibilitou numa última instância, descobrir novos espaços no ML, o que contribui para a sua revitalização e para que o seu uso se torne frequente. Um exemplo registado, foi o modo como ao longo das entrevistas se observou uma referência constante a um portão⁷⁴ do Museu. Este portão esteve encerrado, dando acesso a um jardim anteriormente em abandono. O Zigurfest permitiu abrir este portão e requalificar este jardim, para que pudesse albergar os seus concertos. Alexandra Falcão menciona também este portão,

“Abrimos passado anos e anos aquele portão que já não era aberto, aquele portão lateral, e foi feito um concerto naquele espaço, que é um espaço um bocado abandonado. Este espaço é mesmo bonito e o concerto funcionou lá muito bem”⁷⁵.

Este local também foi referência por parte de Catarina Ribeiro, exprimindo que

⁷³ Excerto da entrevista a Alexandra Falcão, realizada em 30 de maio de 2023.

⁷⁴ Mesmo portão que referido no Capítulo 4.

⁷⁵ Excerto da entrevista a Alexandra Falcão, realizada em 30 de maio de 2023.

“Nunca tinha reparado no portão, na lateral do Museu, onde já decorreu um concerto e à partida irá decorrer outra vez. Aquele portão de ferro é lindíssimo, eu desde miúda que brincava ali, porque andava ali no colégio, no largo do Museu, vou para lá muito com os meus filhos, (...) e nunca tinha reparado naquele portão tão bonito”⁷⁶,

evidenciando o modo como o Zigurfest a convidou a olhar para aquele espaço, que fazia parte do seu quotidiano. Por último, também Filipe Peixoto faz referência a este portão, como representante do que é o Festival,

“Eu vejo esse portão como um simbolismo para muita coisa. O portão é mesmo o portão para tudo”⁷⁷.

Dado que aquele portão representa os lugares de património que o Zigurfest requalificou, mas sobretudo como o espetador foi desafiado a olhar para estes espaços. A partir do uso que o Zigurfest passou a atribuir a este local, a sua manutenção tem sido regular e este jardim já não se encontra ao abandono, transmitindo a forma como o Festival impacta estes espaços. Ou seja, ainda que aparentemente o Zigurfest não teve um efeito direto nos públicos do Museu, permitiu novas dinâmicas em espaços que estavam sem utilização, onde agora a sua manutenção é recorrente e estes espaços estão revitalizados.

Na entrevista de Alexandra Falcão foi também possível compreender como o Festival a levou a considerar muitos assuntos e perspetivas diferentes, particularmente, a estar mais atenta à atualidade e permitir que o Museu esteja em maior contacto com a contemporaneidade:

“Estar vinculada com a sociedade atual, com os apelos e com as exigências da sociedade atual, nessa perspetiva de maior inclusão, maior diversidade de cruzamento entre várias manifestações artísticas. Os Zigurfest para mim, em termos na programação/mediação cultural educativa, procuram sempre, e cada vez mais, cruzar com propostas artísticas contemporâneas, atuais. Também numa perspetiva de nós, como instituição pública, temos obrigação de apoiar projetos emergentes, ligado à criação artística. Neste contexto tão difícil para quem se dedica à criação artística, nós temos essa obrigação. Em termos de serviço educativo, somos mediadores e podemos fazer uma mediação muito mais completa e muito mais rica, se envolvermos agentes de criação artística. E assumo claramente que isso é uma inspiração que vem dos Zigur”⁷⁸.

Ou seja, ainda que não possa ser perceptível todos os efeitos da programação do Zigurfest no ML e o modo como alterou a perspetiva da comunidade, foi possível compreender que pelo

⁷⁶ Excerto da entrevista a Catarina Ribeiro, realizada em 29 de maio de 2023.

⁷⁷ Excerto da entrevista a Filipe Peixoto, realizada em 26 de junho de 2023

⁷⁸ Excerto da entrevista a Alexandra Falcão, realizada em 30 de maio de 2023.

menos a visão de Alexandra Falcão foi alterada. Enquanto representante desta instituição, Falcão é também responsável pela sua identidade e tem a compreensão de que também o Museu tem de ser revitalizado de modo a corresponder com a atualidade, o que será obviamente um processo demorado e contínuo.

Por fim, Falcão refere um vídeo que a marcou onde entrevistavam espetadores que tinham estado no Zigurfest, de modo a compreender as repercussões do evento,

“Um participante diz “sou muito feliz quando estou aqui” e estava no pátio do Museu. Isso é fantástico não é”⁷⁹.

Esta afirmação traduz-se num dos efeitos do Festival, que é a criação de memórias e a associação dos locais de património com uma experiência positiva, que atribui um vínculo emocional, permitindo que os espetadores procurem voltar a estes lugares.

Como foi referido anteriormente, o património é uma memória viva, mas a criação de memórias nos locais de património, também leva a que a comunidade continue a usufruir destes lugares, o que por fim gera a revitalização destes espaços como acontece com o Museu, como afirma Alexandra Falcão,

“E eu digo muitas vezes, eu aprendo muito com eles e faz-me pensar realmente o que é o Museu”⁸⁰,

O Zigurfest levou-a ponderar o Museu e a sua crise identitária, assim como a necessidade de estar mais próximo das necessidades da atualidade, e por isso, o efeito do Zigurfest é visível na perspetiva de Falcão. No que se refere à intervenção do Zigurfest no Museu, o Festival coloca espaços não utilizados enquanto palco, permitindo a revitalização dos mesmos. Mas no que se refere à museologia do espaço e aos novos possíveis públicos que possam ser trazidos ao Museu, estes efeitos não se visualizam com tanta prominência, dada que a efemeridade do Zigurfest, estabelece também dinâmicas por um tempo limitado, que não são visíveis no normal funcionamento do ML. O Museu não ganhou novos visitantes com o Zigurfest, ganhou apenas novas formas de revitalizar os seus espaços parcamente utilizados e poder ressignificar esses locais.

5.4. O Teatro

Ainda que o Teatro tenha já sido referido anteriormente acerca da história do Zigurfest, este subcapítulo permite considerar a importância que o Zigurfest teve para a contínua revitalização

⁷⁹ Excerto da entrevista a Alexandra Falcão, realizada em 30 de maio de 2023.

⁸⁰ Excerto da entrevista a Alexandra Falcão, realizada em 30 de maio de 2023.

deste local. Para isso, foi necessário entrevistar Rui Fernandes, antigo diretor do TRC, mas também Filipe Peixoto, enquanto responsável por parte da programação e comunicação do Teatro atualmente.

A relação entre o Zigurfest e o TRC é notável desde o início, pois como afirma Rui Fernandes ambos compartilhavam objetivos e valores, sendo estes

“a qualidade de programação, internacionalização do nome “Lamego”, dar visibilidade nacional a esta cidade como destino cultural, tornar o Teatro de Lamego como visita cultural (...) Tudo isto, devo dizer com orgulho, se cumpriu. E o TRC ZigurFest fez parte desta missão”⁸¹.

Isto permitiu que desde o princípio, o Zigurfest fosse um projeto enraizado no TRC com o propósito de revitalizar este espaço. Com o desenvolvimento da atividade do Zigurfest na sala do Teatro Ribeiro Conceição foi possível compreender que o Teatro recebeu novos públicos através do Zigurfest que, contudo, não se mantiveram para além da programação do Festival. Rui Fernandes afirma que após o Zigurfest tentaram programar eventos semelhantes, para atrair mais público, porém, havia públicos que só o Festival trazia ao teatro,

“A dinâmica do festival é muito própria e uma razão única para que esse tipo de público se deixe “arrastar” nesse momento. Programámos depois do festival, noutras circunstâncias, eventos para o mesmo público e a afluência não se verificou”

Ainda assim, o antigo diretor do TRC compreende como o Festival teve outros resultados. Mesmo não formando públicos para o Teatro, afirma que

“É claramente uma mais-valia porque dinamiza o teatro de forma diferenciada, uma vez que os concertos decorreram dentro e fora de portas. Quanto aos novos conteúdos, foi claramente a razão do convite que fiz aos jovens”, ⁸².

enfaticamente a visibilidade que o projeto deu a este espaço.

Filipe Peixoto para além da equipa do Zigurfest, faz também parte da equipa do TRC e por isso consegue compreender enquanto membro do Zigurfest e do Teatro, os efeitos gerados com maior profundidade,

“Diria que durante estes anos todos, eu acho que havia um grupo de pessoas que só vinham ao teatro mesmo quando era o Zigurfest. O resto do ano não vinham porque a programação não tinha interesse para eles”⁸³.

⁸¹ Excerto da entrevista a Rui Fernandes, realizada em 20 de julho de 2023.

⁸² Excerto da entrevista a Rui Fernandes, realizada em 20 de julho de 2023.

⁸³ Excerto da entrevista a Filipe Peixoto, realizada em 26 de junho de 2023.

Ou seja, o que se verificou foi que a longo-prazo o Zigurfest não trouxe novos públicos ao TRC, apenas aconteceu no decorrer da programação do Festival, mas foram afluências de público momentâneas que não se verificaram fora desta programação. No entanto, o que pode ser assinalado da relação entre o TRC e este projeto, é que a atual equipa do teatro, compreendeu que era necessária uma alteração mais profunda. Deste modo, Filipe Marado, atual diretor e Filipe Peixoto enquanto adjunto da direção e ambos com ligação ao Festival, compreenderam que o Teatro necessitava de uma mudança na sua gestão, para que estes novos públicos estivessem no TRC, fora do período do Festival. A partir do Zigurfest, nasceu uma consciência de que toda a forma de programar no Teatro tinha de mudar, de modo a torná-lo mais atual e de acordo com o panorama artístico contemporâneo. Ou seja, no que se refere ao TRC o Zigurfest permitiu que fosse formada uma mentalidade para com a revitalização deste espaço e originou mudanças para que o Teatro pudesse corresponder de forma mais ampla com as necessidades da contemporaneidade. Atualmente, a gestão do Teatro encontra-se renovada, com uma programação que inclui artistas vistos frequentemente em Lisboa e no Porto, disponibilizando artistas de vanguarda também em Lamego. Ainda assim, o desenvolvimento de novos públicos para esta nova forma de programar ainda é um processo contínuo e será demorado, onde o Zigurfest foi apenas o ponto de partida.

5.5. O Castelo

Após o Museu e o Teatro, é também importante analisar a relação do Zigurfest, para com locais de património mais distanciados da comunidade, como o Castelo de Lamego.

O Castelo de Lamego é um monumento, ao qual a distância temporal tende para apelar para uma apatia com este local histórico. Patrimonialmente, Lamego é uma cidade que se destaca por possuir um castelo, porém, este monumento não tem um número alargado de visitantes⁸⁴, assim como está distanciado da comunidade local, não só geograficamente, mas pela falta de programação deste espaço que seja dirigida para o desenvolvimento local. A narrativa imposta neste monumento não lhe atribui significado no quotidiano das pessoas sendo que “O significado social dos monumentos, com origem fora dos próprios edifícios e construções monumentais, está inscrito nas narrativas que lhes são impostas, podendo ou não ser aceites ou recriadas pelos visitantes-consumidores” (Fortuna, 2013, p. 37). Contudo, é necessária a requalificação destes locais e das suas narrativas, para que possa ser gerada uma

⁸⁴ Cerca de 32 mil visitantes em 2018 e 22 mil em 2021. Fonte: OPAC, IMNP, 2019, 2022.

maior aproximação com a atualidade, como refere Fortuna “As ruínas das nossas cidades apresentam-se aos indivíduos com uma dupla qualidade: por um lado, são repositórios de outros modos de vida, por outro lado, estimulam a construção imaginada do presente” (Fortuna, 2013, p. 30). Nesta dimensão de “construção imaginada do presente”, é possível encontrar um sentido para a revitalização deste património, para que ele gere novo significado no presente.

Quando o Zigurfest colocou o Castelo como um dos seus palcos, iniciou-se um processo no sentido da requalificação deste espaço, sobretudo permitiu que este espaço tivesse uma programação em concordância com a atualidade e que pudesse ter novos públicos. Como refere Catarina Ribeiro

“O Castelo também desde cedo, (...) começou a ser palco de pequenos concertos. Eles conseguiram descentralizar de tal forma, acho que já toda a gente sabe que vai ter de ir ao Castelo quando for o Zigur. (...) E acho que foi uma forma muito boa mesmo de nos colocar a nós a redescobrir o Castelo”⁸⁵.

Ou seja, há uma grande importância quando se coloca o Castelo como palco, porque leva as pessoas a visitar este espaço que de outra forma não iriam, através de concertos de música moderna e alternativa, permitindo tornar este espaço mais contemporâneo. Afonso Lima recorda o concerto de Mynda Guevara⁸⁶, cujo registo diverge do registo deste monumento. Particularmente, é um choque de culturas entre o aspeto histórico do espaço e o *hip-hop* atual de Guevara, que sobretudo permitiram revitalizar este espaço. Lima descreve os efeitos e resultados deste choque cultural:

“Ela terminou o concerto a chorar, eu fui abraçá-la no final, porque foi um confronto emocional muito forte. Nós programamo-la no Castelo, para um público que estava sentado. Emocionalmente foi muito forte e a reação do público com ela, foi incrível. As pessoas foram viver aquilo e ela realmente conseguiu pegar no público de uma forma. E ela estava emocionadíssima no final, porque entrou num terreno que lhe parecia hostil, e eu temia um bocado que não corresse bem, no sentido que, não houvesse dinâmica, mas a reação do público foi incrível”⁸⁷.

Ou seja, a partir de concertos como o de Mynda Guevara, que muitas vezes têm um efeito impactante, é possível criar memórias nestes lugares e criar neles um vínculo emocional com a comunidade. Associar um monumento como o Castelo a uma experiência positiva, permite

⁸⁵ Excerto da entrevista a Catarina Ribeiro, realizada em 29 de maio de 2023.

⁸⁶ Mynda Guevara é uma artista afrodescendente de hip-hop, cujas músicas são cantadas em crioulo. Afonso Lima afirma na entrevista que em 2019, antes de começar o concerto a artista refere “vocês podem não entender crioulo, mas tentem sentir”.

⁸⁷ Excerto da entrevista a Afonso Lima, realizada em 22 de junho de 2023.

inconscientemente ressignificar este espaço, como um lugar que também pode ser palco da atualidade e palco de música alternativa. O património não deve ser constituído por locais intocáveis, conservados pela sua historicidade, invés, podem ser conservados enquanto memória viva, porque transmitem significado na vida na comunidade, pelas memórias que têm nestes locais. Afonso Lima descreve como as mudanças sempre subtis, têm vindo de forma inconsciente a levar o público a viver mais o Castelo e tornar os impactos conscientes, referindo

“Parece um risco muito grande fazer este tipo de coisas, porque não convencional, é diferente.

E quando damos essa diferença às pessoas, de uma forma subtil, elas agarram-na e por isso, mais uma vez, faz as mudanças de forma subtil”⁸⁸.

Ainda assim, com mudanças conduzidas de forma subtil, também provêm resultados pouco visíveis e no caso do Castelo, são poucos os resultados observados. Tendo atenção que a programação do Zigurfest no Castelo foi mais intensa nos anos de 2018 e 2019, os dados do OPAC ⁸⁹apontam para a redução de visitantes de 32 mil para 22 mil entre 2018 e 2021, demonstrando que o Zigurfest não trouxe novos públicos, pois houve uma redução de visitantes nos anos em que o Zigurfest teve mais programação no Castelo. Ou seja, o Zigurfest não originou públicos no Castelo sem ser no decorrer das suas atividades, possibilitou apenas que este monumento pudesse estar um pouco mais próximo do quotidiano das pessoas que viram neste espaço os concertos do Festival. Obviamente que a partir das interpretações de *stakeholders* é possível ver efeitos positivos, mas como referido anteriormente, apenas foram selecionados como objeto de análise as partes envolvidas no festival e para considerar se realmente o Zigurfest tornou a comunidade mais próxima do Castelo num aspeto afirmativo, é necessário ter perspetivas da comunidade não envolvida com o projeto, perspetivas essas que não fazem, mais uma vez, parte do âmbito desta investigação. Por isso, no que se refere ao Castelo, o efeito que foi visível no decorrer desta investigação foi a ressignificação deste espaço, e a reconfiguração de novas narrativas no mesmo, a partir das atividades do Zigurfest.

5.6. As igrejas e capelas

Outros locais de património contemplados nesta investigação são as igrejas e capelas, enquanto lugares de culto religioso que o Zigurfest utilizou como palco e a significação que atribuiu aos mesmos. O tipo de programação do Zigurfest não era o que seria esperado encontrar nestes

⁸⁸ Excerto da entrevista a Afonso Lima, realizada em 22 de junho de 2023.

⁸⁹ Observatório Português das Atividades Culturais.

locais de teor religioso, o que permite novas dinâmicas nestes espaços. Por isso, esta investigação também procurou compreender como é que o Festival engloba a ressignificação destes lugares.

No que se refere a lugares de culto religioso como igrejas e capelas, estes locais são caracterizados por uma identidade e um registo muito próprio. Quando o Zigurfest coloca a sua programação nestes locais, intervém na sua identidade e momentaneamente altera o seu registo. Dado que, a música apresentada é moderna e alternativa e o Festival não contém um teor religioso e tradicional. Para além disso, demonstra que estes espaços também têm a capacidade de receber este tipo de atividades e justapõem a sua identidade com a própria identidade do Festival. É uma justaposição da identidade do local de culto com o Zigurfest, trazendo novas narrativas e ressignificações para o lugar, mas nunca alterando permanentemente as suas próprias dinâmicas.

No caso dos concertos realizados na Igreja da Sé de Lamego, este é um espaço, ao contrário de outros utilizados pelo Zigurfest, que não necessita de ser revitalizado, visto que é um local de património ativo. Ou seja, este espaço não necessitava diretamente da intervenção de uma programação externa, pois é um património vivo, e regularmente visitado, naturalmente cumprindo várias funções religiosas para a comunidade. Quando o Zigurfest procurou realizar os concertos neste espaço, fê-lo com a cuidada atenção de que a Sé de Lamego é um lugar de culto religioso e que os artistas do Festival poderiam não ser bem recebidos, no entanto Ricardo Cabral descreve o impacto dos concertos na Sé de Lamego, afirmando que

“ambos os concertos, as pessoas que se sentaram lá e que são ligadas à igreja, podem ter tido algum preconceito e saíram de lá a adorar aquilo que viram”⁹⁰

Demonstrando como houve alguma apreensão, porém, existiu por parte da comunidade ligada à igreja um usufruto positivo desta programação.

Quando a igreja da Sé recebeu o Zigurfest, demonstrou que é possível acolher outro tipo de atividades não religiosas, o que reflete a versatilidade e flexibilidade na gestão deste local de património, dado que permite que o Zigurfest possa ressignificar e atribuir novas dinâmicas a este local. Deste modo, a Sé de Lamego é revitalizada pelo modo como recebe música fora do seu registo e mostra-se recetiva a uma programação vanguardista, o que a torna mais próxima da atualidade, enquanto um património datado do século XII. Mas também, o Zigurfest beneficia muito desta relação, pois transmite que é possível usufruir

⁹⁰ Excerto da entrevista a Ricardo Cabral, realizada em 26 de junho de 2023.

destes espaços fora do seu registo, afetando os valores do Festival, enquanto um projeto que também consegue colocar a sua programação em locais religiosos. O que o Zigurfest traz à Sé de Lamego, é a ligação de valores entre um conteúdo moderno e um património religioso, ressignificando este lugar. Ainda assim é necessário considerar que estes acontecimentos são muito efémeros e que o impacto do Zigurfest na Sé de Lamego foi impercetível, dado que a igreja é ativa e bastante visitada. O Zigurfest também não atraiu novos públicos para este espaço, apenas momentaneamente permitiu que ele fosse ressignificado, pois carece que a programação do Zigurfest na Sé se torne mais recorrente para que sejam visíveis os efeitos desta ressignificação.

Para além da Sé Catedral, nas edições de 2018 e 2019, o Zigurfest utilizou a Capela do Desterro e a Capela da Nossa Senhora da Esperança como palco de vários concertos. O que é importante salientar acerca destes lugares é que estão encerrados essencialmente durante todo o ano, dado que apenas abrem temporariamente para eventos fúnebres. Por isso, quando o Festival coloca programação nestes locais que têm um carácter totalmente diferente associados, permite revitalizá-los e atribuir-lhes uma nova significação, mas especialmente e de forma literal, abrir as portas destes espaços ao público, fazer destes locais, ainda que momentaneamente, um espaço para a vida. Ainda que seja um efeito um pouco subtil, permite criar narrativas em torno destes espaços e deixar que estejam novamente presentes enquanto património ativo da cidade, como refere Fortuna “A torre A, o edifício B, a passagem ou a escadaria C, configuram e desmarcam os espaços da cidade e são, assim, atores fundamentais das narrativas sociais produzidas sobre os ambientes e os patrimónios urbanos” (Fortuna, 2019, p. 123). Este locais de património quando recebem a programação do Zigurfest, são novamente utilizados e visitados, mas dentro do seu registo fúnebre, recebem concertos de música moderna, que levam à ressignificação destas capelas e igrejas que estão recorrentemente encerradas. Na sua entrevista, Catarina Ribeiro reflete acerca dos efeitos destes concertos na Igreja do Desterro e na Capela da Nossa Senhora da Esperança, e como estes efeitos atuam de forma inconsciente, mas sobretudo como permitem um novo modo de olhar estes espaços,

“Eles levam-nos a descobrir novos sítios e a olhar para os sítios que já conhecemos de forma diferente, por exemplo, a Capela de Nossa Senhora da Esperança, ou a Capela do Desterro, leva-nos a estar lá por razões diferentes e a observar, a reparar e a trazer para casa, coisas muito diferentes”⁹¹,

⁹¹ Excerto da entrevista a Catarina Ribeiro, realizada em 29 de maio de 2023.

resumindo quando estes lugares de património encerrados são trazidos para a atualidade sob o olhar da música moderna, convidam o espetador a ver estes locais de uma nova forma e que estes espaços possam ter um lugar na vida quotidiana da comunidade. Se tivermos em conta que estes locais de património só abrem para eventos fúnebres, os concertos permitem que estes possam ser associados a uma memória menos disfórica e revitalizar os locais. No entanto, os concertos do Zigurfest nestes lugares são demasiado espaçados e pouco frequentes, ou seja, a abertura destes locais ao público a partir do Festival, é reduzida e não se prolonga ao longo do ano. Para que os efeitos da resignificação destes espaços pudessem ser mais visíveis, teriam de ser mais recorrentes, como afirma Ricardo Cabral,

“Esses eventos tocaram nessas pessoas, nesses momentos. Mas depois não há mais eventos.

Aquilo até pode tocar, até pode dizer alguma coisa, mas, tu voltas remotamente a essa memória. Tens de estar constantemente a construir memórias”⁹².

Cabral enfatiza a importância do desenvolvimento de memórias, também nestes lugares de culto, onde apenas um trabalho sucessivo nos espaços que estão fechados, poderá levar a uma utilização mais continuada dos locais, que possa permitir a sua revitalização.

5.7. Consciência patrimonial

Após uma análise extensiva do Festival e das suas relações para como os outros espaços da cidade, neste subcapítulo é visto como o Zigurfest é um ponto de partida para o desenvolvimento de uma consciência patrimonial.

Paulo Peixoto no seu artigo “Centro históricos e sustentabilidade cultural nas cidades” afirma que “Qualquer consciência patrimonial se manifesta a partir de um traumatismo de ruptura. Ela é uma reacção contra o risco de desaparecimento, mas que arrasta consigo o objectivo de promover a regeneração” (2017, p. 213). E deste modo, pode afirmar-se que a interação do Festival Zigurfest com os locais de património de Lamego, coloca-o como o princípio deste “traumatismo de ruptura”, que pode efetivamente resultar em que se crie uma maior consciência dos locais de património da cidade, a partir da experienciação destes espaços. Como sugere Afonso Lima

“Nós queremos realmente levar as pessoas a experimentar os sítios, a passear pela cidade, a sentir a música, somos um festival de música, mas estamos intrinsecamente ligados com o património. O Zigurfest está muito ligado ao património e de outra forma não é o Zigurfest”⁹³.

⁹² Excerto da entrevista a Ricardo Cabral, realizada em 26 de junho de 2023.

⁹³ Excerto da entrevista a Afonso Lima, realizada em 22 de junho de 2023.

Ou seja, ao atrair as pessoas para os locais, o Zigurfest cria uma oportunidade para que a comunidade interaja com o património de forma diferenciada. Permite também que tenham a consciência de que este património existe, que ele funciona e sobrevive enquanto memória viva de um passado coletivo, mas que pode também ser ressignificado e possa ocupar um lugar no quotidiano, de acordo com as propostas enunciadas por Paulo Peixoto “A consciência patrimonial funciona, neste contexto, como uma invenção cultural. Ou seja, uma forma de reanimar o presente através da atribuição de uma segunda vida a um passado mais ou menos inerte e supostamente longínquo” (2017, p. 214). Dado que a ressignificação dos espaços, também engloba atribuir-lhes “uma segunda vida”.

Ainda assim, como foi referido, o Zigurfest ainda carece de mais desenvolvimento. Dada a efemeridade do evento, a ressignificação dos espaços acontece apenas no decorrer do Festival e é necessário um processo contínuo para que a ligação do Zigurfest com o património e a ligação da comunidade aos seus valores patrimoniais, a partir do Festival, possa ser mais acentuada. Para além disso, como referido diversas vezes no decorrer desta investigação, as fontes deste estudo são *stakeholders* do próprio projeto, por isso ainda que seja unânime que o Zigurfest conduz ao desenvolvimento de uma consciência patrimonial por parte da comunidade, esta investigação carece da opinião da própria comunidade para corroborar este desenvolvimento.

Ainda assim, no que se refere aos entrevistados, que compreendem os efeitos do Zigurfest na sua perspetiva, Afonso Lima reconhece os efeitos do Festival para com o património, ao afirmar que

“Estes eventos, ou este tipo de eventos, realmente tem este papel. Eventos que se integram na cidade, têm esse papel de efetivamente, eles não modificam nada no património, eles modificam a perceção das pessoas sobre o património”⁹⁴.

Ou seja, na perspetiva de Lima, as mudanças produzidas pelo Festival, não consistem na alteração destes locais, mas na mudança subconsciente da perceção dos mesmos, iniciando o desenvolvimento de uma consciência patrimonial, que leva à ressignificação do património perante a atualidade.

Alexandra Falcão e Catarina Ribeiro estão também conscientes deste modo de revitalizar o património a partir da mudança da perceção que tinham. Alexandra Falcão refere que ainda que o evento termina, a mudança permanece,

⁹⁴ Excerto da entrevista a Afonso Lima, realizada em 22 de junho de 2023.

“Eu gosto mais dessas mudanças muito mais invisíveis, mas que nos afetam enquanto seres humanos. E o património tem essa capacidade, a arte tem essa capacidade. As mudanças que são promovidas e que ficam”⁹⁵.

Falcão afirma que as mudanças ainda que de carácter subtil, atuam inconscientemente e têm impacto para com a comunidade. Ou seja, ainda que seja criada a consciência de que a efemeridade do evento não permite efeitos aprofundados, Falcão acredita que as mudanças são subtis, mas o seu efeito permanece para além do Festival.

Já Catarina Ribeiro reflete como estes mesmos impactos se verificaram no seu quotidiano e que ela própria é testemunha desta mudança, afirmando que

“Fica enraizado de forma inconsciente. Eu já consigo ter essa perceção. Agora, para quem é mais novo, naturalmente acaba por frequentar os espaços, de forma mais natural”⁹⁶.

Demonstrando como já reconhece os impactos para o património a partir do Zigurfest, mas que este desenvolvimento de uma consciência patrimonial vai estar ainda mais presente nas gerações mais novas.

Com tudo isto, na perspetiva dos *stakeholders*, o que se observa a partir do património enquanto palco do Zigurfest, é a fruição do património enquanto espaços do presente, locais ressignificados. Como refere Fortuna, “Na verdade, ao serem construídos para sempre, como sinais duradouros de eternidade, os monumentos misturam uma criação artística do passado, com a sua memorização simbólica no presente e o desejo de um testemunho para o futuro” (Fortuna, 2013, p. 28), deste modo, a ligação peculiar do Zigurfest com os locais de património é que enquanto espaços construídos no passado, permitir inserir neles memórias também do presente. Assim, conduz a que estes lugares, enquanto construções edificadas noutros tempos, sejam também lugares da atualidade ressignificados.

5.8. O processo contínuo com a comunidade

Por fim, na observação dos resultados desta investigação numa perspetiva da ligação do Zigurfest para com a cidade de Lamego, foi também possível analisar que para além dos resultados a nível do património, estes também se apresentam na comunidade local. Sendo que o Zigurfest tem vindo a edificar um trabalho contínuo para com a comunidade de Lamego, cujos impactos não poderão ser diretamente analisados nesta investigação, no entanto, é possível apreender alguns resultados a partir da equipa do Zigurfest e de membros da

⁹⁵ Excerto da entrevista a Alexandra Falcão, realizada em 30 de maio de 2023.

⁹⁶ Excerto da entrevista a Catarina Ribeiro, realizada em 29 de maio de 2023.

comunidade que trabalham com o Festival. Filipe Peixoto quando foi questionado acerca do futuro do projeto, referiu que o futuro tem de ser em conjunto com a comunidade, essencialmente revelando-se como um processo continuado, dado que as intervenções efémeras têm resultados pouco visíveis:

“Para o futuro, o Festival tem de moldar-se mais à cidade. Nós não vamos só desarrumar, vamos desarrumar isto todos juntos e depois arrumamos todos juntos. E acho que é assim que as coisas fluem. É a trabalhar com quem cá está. A Romaria resulta porque a comunidade participa, agora se o Zigurfest manter sempre a barreira de escolher artistas de fora, e vêm sempre pessoas de fora, se não trabalharmos com ninguém aqui, as pessoas pensam “lá vêm os diferentes”. (...) Eu gostava que o Zigurfest fosse mexendo com o vento e fosse algo criado juntos com a comunidade, claro sempre no mesmo registo, mas ser algo mais ligado às pessoas. (...) uma equipa que puxa uma cidade inteira, para criar algo para oferecer ao país”⁹⁷

Filipe Peixoto residindo em Lamego o ano inteiro e enquanto funcionário do Teatro, compreende que parte da comunidade ainda não aceita o Zigurfest e encara com preconceito. Deste modo, o trabalho com a comunidade tem de ser sucessivo, pois como referido anteriormente, os agentes culturais têm o poder de alterar a identidade dos locais e de reformar as suas ligações com a atualidade, mas este processo principia-se com a comunidade local e com a sua aceitação. Esta aceitação ainda parece escassa, dado que os espetadores do Zigurfest são maioritariamente de fora de Lamego, como se observou na edição de 2023.

Ricardo Cabral também refere a necessidade de o Festival crescer e ligar-se mais à comunidade,

“Invés de sermos 5, sermos 50, acho que aí conseguíamos fazer uma coisa com uma ligação muito maior e com um impacto muito maior para toda a gente. Um festival que fosse efetivamente aquela base, que levasse o público”,

e recorda como, ao longo das edições, o seu objetivo tem sido causar um impacto na comunidade, mas que Lamego é resistente a esta aceitação, por ser uma comunidade tão fechada em si e com tão poucas intervenções como o Zigurfest,

“Eu adoro o Festival, e adoro mesmo fazer o Festival, acho que ele é importante. Mas pesa muito para mim. Pesa mesmo muito. Eu gostava que Lamego me surpreendesse, que houvesse uma resposta, que houvesse um impacto”.

Cabral refere como têm sido feitos todos os esforços, porém, é necessário que sejam intervenções mais contínuas para que os seus impactos sejam maiores, assim como Lamego

⁹⁷ Excerto da entrevista a Filipe Peixoto, realizada em 26 de julho de 2023.

necessita de ter mais programação e ofertas culturais como o Zigurfest. Como afirma o diretor técnico do Festival:

“Eu acho que em Lamego há pouca oferta, Lamego não permite muito a vida às pessoas e por mais que esses concertos tenham tocado nessas pessoas e tenham mudado alguma coisa, acho que foi muito momentâneo. Tem de continuar a haver mais. O Zigurfest existe uma vez por ano, são três dias e acaba. É muito, concentrado em pouco tempo”⁹⁸.

Como visto no início deste capítulo, existia o receio que a efemeridade de eventos como festivais de música, não permitisse impactos a longo prazo, ou que estes fossem muito superficiais. Também ao longo do capítulo, foram observadas as ressignificações do património geradas na cidade sob a influência de treze edições de Zigurfest. No entanto, é considerada a urgência da continuidade das várias ligações socioculturais desenvolvidas. Sobretudo, há a necessidade de mais eventos como o Zigurfest, para que os impactos possam ser maiores. Especialmente no trabalho com a comunidade de Lamego, é preciso que mais intervenções normalizem este tipo de projetos. Como por exemplo, residências artísticas, que têm demonstrado ser um elemento de forte vínculo para com a comunidade.

5.8.1. As residências artísticas

As residências artísticas são uma vertente do festival que aposta numa relação mais intrínseca com as comunidades locais.

Ricardo Cabral analisa a importância das residências artísticas, argumentando que geram memórias que, por sua vez, vão ser determinantes para a valorização dos espaços e das comunidades. Reflete sobre a estranheza com que os artistas que chegam às localidades, são encarados no início das residências artísticas,

“porque é mesmo um Ovni que pousou ali. De repente aquelas pessoas viram um ser que saiu da televisão e pousou no balcão delas. E vai lá estar duas semanas e depois vai levantar voo e vai seguir. Aquilo vai ser uma história que realmente elas vão ter para contar”.

Aborda também o sucesso que foram as residências nas freguesias rurais de Lamego na edição de 2022,

“O envolvimento criou mesmo raízes e teve um impacto mesmo grande, até porque aí o isolamento é maior, se Lamego é isolado, esses sítios são mais isolados ainda. Portanto, quando há uma cena mais drástica, acho que tem mais impacto em sítios mais isolados”⁹⁹.

⁹⁸ Excerto da entrevista a Ricardo Cabral, realizada em 26 de junho de 2023.

⁹⁹ Excerto da entrevista a Ricardo Cabral, realizada em 26 de junho de 2023.

Isto é, ainda que o começo de uma residência artística seja difícil, devido à pouca aceitação por parte da comunidade que a acolhe, as semanas que os artistas passam envolvidos com a comunidade local, como aconteceu em Penude e Lazarim em 2022, contribui para um impacto positivo nestes locais que, no seu isolamento, têm a oportunidade de contacto com atividades e agentes culturais diferentes de si próprios. Sobretudo o contacto próximo com essa diferença, promove uma abertura a novas formas de ver, enquanto a visão e interação externa sobre aquela comunidade isolada, serve com agente na sua valorização e posterior revitalização.

As residências artísticas apresentam-se como uma forma de renovar a autoestima dos locais, criando efeitos positivos na comunidade local.

“para a comunidade que os acolhe, isso é muito bom para a sua autoestima, para se autovalorizarem e perceberem que há um caminho, que devem continuar, não podem deixar cair, porque podem pensar também que não vale a pena não é. Mas havendo essas interações, acho que todo o nível é positivo, neste nível artístico”¹⁰⁰,

5.9. Os resultados na perspetiva dos entrevistados

Catarina Ribeiro e Alexandra Falcão, enquanto representantes de duas instituições em contacto com o Festival, foram questionadas acerca do seu impacto, dado que como apoiam e observam o projeto durante várias edições, têm perceções dos resultados do Zigurfest de forma mais aprofundada. Catarina Ribeiro afirma acerca dos efeitos do Festival:

“Tem naturalmente, aquilo que é logo fator primordial para a grande maioria das pessoas aceitarem, que é o impacto económico. Porque traz efetivamente muitas pessoas e isso nota-se, sobretudo os comerciantes nos espaços circundantes onde decorre o festival. Mas também, é a dimensão social que acho que é o mais importante. Portanto, a Cultural e o lado social, por todas as interações, por todas as pessoas que traz de fora, pelos horizontes que acaba por abrir e também pelo facto, de que não é só música, acaba por tocar outras vertentes artísticas que desperta sobretudo para os nossos jovens, acho que é muito, muito importante”

A vice-presidente da CML reconhece que os resultados vão para além dos culturais, sendo também socioeconómicos, mas sobretudo, reconhece que um fator importante do Zigurfest é a revigoração da cidade e como conduz os seus espetadores a conhecer Lamego e toda a cidade é usada como palco do Zigurfest, como afirma

“Acho que um festival desta natureza, é muito importante e depois também acho que acabou por fazer com que as pessoas descobrissem, isso aconteceu-me, espaços da sua cidade ou que

¹⁰⁰ Excerto da entrevista a Catarina Ribeiro, realizada em 29 de maio de 2023.

não conheciam, ou que não imaginávamos que pudessem ser palco de um pequeno concerto”¹⁰¹.

Alexandra Falcão também descreve o que considera serem os resultados do Zigurfest para com a cidade de Lamego. Falcão refere que o Festival traz à cidade,

“vantagens económicas, fluxo de pessoas à cidade, coloca a cidade no mapa e o Festival já é muito conhecido”,

mas analisa também as perceções que não são tão óbvias, ainda que de modo basilares,

“E depois há esse lado mais não tão visível, mas que é estruturante, questões de em termos de comunidade, de apropriação ao nosso património, de questões da valorização, promover a autoestima, o bem-estar, a gratuidade, a acessibilidade, do festival ser gratuito, é fundamental”.

Ou seja, na perspetiva de Ribeiro e Falcão, este tipo de projetos como o Zigurfest são essenciais, no modo como renovam a autoestima das cidades e para além disso, democratizam o acesso a dados locais, para que os mesmos estejam mais acessíveis à sua comunidade. Alexandra Falcão reflete também que um efeito do Festival é a normalização de um conteúdo mais alternativo, que produz mudanças positivas mais profundas na comunidade

“A normalização é positiva, uma mudança de valores e princípios que eu acredito profundamente, uma sociedade mais humana, mais justa, mais igualitária, mais inclusiva, acho que está muito no espírito do festival”¹⁰².

Por fim, a diretora do Museu de Lamego aponta como um dos maiores resultados do Zigurfest, o modo como, na sua perspetiva, a cidade é renovada, descrevendo:

“Porque é uma cidade muito deprimida e de repente, eu acho que passa um espírito dos dias de festival, é um dia muito alegre e muito boa energia. Andar pela cidade e ver pessoas diferentes, não estranharmos, porque somos uma cidade muito fechada, muito conservadora. E sempre que vimos uma pessoa um bocadinho mais fora da caixa, toda a gente fica a olhar, agora já não temos de ficar a olhar porque a toda a velocidade, a toda a volta do festival, são todos muito diferentes. E essa multiplicidade e diversidade, é muito positiva, e torna uma cidade muito mais cosmopolita, muito mais arejada, muito mais jovem”¹⁰³

Evidenciando assim como na perspetiva dos seus *stakeholders*, o Zigurfest é uma mais-valia para a cidade de Lamego.

Em suma, são diversas as ligações que o Zigurfest desenvolve com a cidade de Lamego, revistos no decorrer deste capítulo. Primeiramente, Lamego é uma cidade que necessita de uma

¹⁰¹ Excerto da entrevista a Catarina Ribeiro, realizada em 29 de maio de 2023.

¹⁰² Excerto da entrevista a Alexandra Falcão, realizada em 30 de maio de 2023.

¹⁰³ Excertos da entrevista a Alexandra Falcão, realizada em 30 de maio de 2023.

regeneração urbana. A utilização de locais de património por parte do Zigurfest, leva a comunidade a frequentar estes locais, mas sob novas perspetivas, o que inconscientemente principia a formação de novas mentalidades de usufruto e ressignificação destes lugares, conduzindo a uma revitalização urbana e revigoração da identidade da cidade. A preocupação do envolvimento da comunidade local no Zigurfest, permite que este evento lentamente seja enraizado na comunidade e que aumente a autoestima da mesma, ao atribuir-lhe novas ofertas culturais, como referia Afonso Lima “Lamego também pode ser um lugar da música de vanguarda”. Para além disso, o que este capítulo demonstra é que esta investigação não é dirigida para os impactos que o Festival tem no desenvolvimento local, pois para esse estudo era necessária uma abordagem profunda que incidisse na comunidade. Ainda que possa ser visto que o Zigurfest tem uma consciente e profunda ligação com a cidade de Lamego, é um processo que terá de ser continuamente desenvolvido. Contudo, o que se compreende é que este Festival é um ponto de partida para a ressignificação dos espaços do património e a recolocação destes mesmos espaços no quotidiano local. Ainda não são muito visíveis impactos diretos do que poderá ser a renovação da cidade através do Festival, mas assertivamente, o Zigurfest é um ponto de partida desta revitalização, enquanto primeiro Festival que permitiu que Lamego tivesse acesso a uma programação vanguardista no seu património.

Conclusões

Após toda a investigação desenvolvida é possível reconhecer que os objetivos desenhados para este estudo foram correspondidos.

Primeiramente, foi possível analisar o Festival Zigurfest desde o seu começo, compreendendo as narrativas e motivações que impulsionaram este projeto, assim como, os objetivos estabelecidos a nível do património e da comunidade local. Além disso, também é demonstrado como o Zigurfest, enquanto projeto artístico e cultural, permite ressignificações e releituras do património da cidade, conseqüentemente gerando novas narrativas de valorização e interpretação, a partir da criação de vínculos emocionais com estes locais. Por último, foi também analisado como o Zigurfest iniciou um processo de revitalização da cidade, o que permite uma regeneração urbana, servindo a identidade da cidade, em conjunto com a comunidade local. Isto é, o Zigurfest, a partir da sua atividade perpetua uma memória coletiva, em serviço da reinserção do património no quotidiano da comunidade local. Esta investigação principia-se com a análise da ligação do Zigurfest com o património edificado. Porém, no decorrer da mesma foi observado que este projeto e as suas dimensões estendem-se também para o património imaterial da cidade de Lamego, dado que este Festival é um potencial revitalizador das narrativas de uma cidade de certo modo esquecida.

O Zigurfest desempenha um papel fundamental na regeneração de sítios patrimoniais como o Museu, o Teatro e o Castelo. Ao transformar estes espaços em palcos para a música contemporânea, o Festival atrai visitantes e moradores locais, permitindo que vivenciem os lugares de uma forma única e, muitas vezes, emocional. Essa experiência ajuda a ressignificar estes locais, tornando-os relevantes e significativos para a comunidade. Além disso, este projeto valoriza a participação da comunidade local, com a oportunidade de envolvimento e colaboração, o que cria um sentido de pertença e orgulho na cidade, na medida em que os moradores locais envolvem-se na organização e promoção do Festival. Em última análise, o Zigurfest não é apenas um evento de música, mas também desempenha um papel importante na transformação e fortalecimento da cidade de Lamego, proporcionando uma experiência cultural única e conectando a comunidade com o património histórico de forma significativa.

O futuro do Zigurfest

Um aspeto importante a mencionar sobre o Festival Zigurfest, que deve ser enfatizado nesta conclusão, é que, embora tenha sido elaborado um guião de entrevista para a equipa do projeto, este guião não foi seguido. As perguntas não foram colocadas de acordo com a estrutura inicialmente elaborada, e em vez disso, foram surgindo de forma orgânica e fluída sem a preocupação em seguir o guião, em que os membros da equipa do Zigurfest escolhiam o que pretendiam partilhar, o que consideravam ser importante. Todas as entrevistas realizadas com a equipa do Festival destacam-se pela sua fluidez, e embora planeadas para ter uma curta duração, prolongaram-se por muitas horas, assemelhando-se a conversas informais. Isto reflete a essência do Zigurfest que é acima de tudo, feito de histórias, as histórias de um grupo de amigos que ano após ano, continua a lutar por um lugar da cultura vanguardista em Lamego.

Com o término do apoio da DGARTES no ano 2023, a equipa temeu pela continuidade do Festival, mas foi claro para António Silva que o Festival continuará mesmo sem apoio financeiro, partindo das pessoas de Lamego que sempre fizeram o Festival acontecer. Para Silva, se o Festival até perder o seu público externo, haverá sempre público lamecense pelo carinho que o Festival adquiriu da comunidade local que tem vindo a participar neste projeto. Como refere Carlos Fortuna:

“Estou convencido, e com isto termino, que um morador, ou uma coletividade, ou associação cultural, ou um jovem em idade escolar, envolvidos num processo de gestão democrática da sua rua, do seu bairro, ou da sua cidade é, seguramente, um futuro e aguerrido zelador da solução proposta, se partilhada. O património, a história e a memória da cidade e, deste modo, a imagem da cidade e do centro histórico só têm a ganhar com isso” (2005, p. 12).

Ou seja, quando a comunidade é integrada em iniciativas como o Zigurfest, que também envolvem o património, a cidade tem muito a ganhar com isso. No entanto, ao interagir com este Festival, muitas das vezes torna-se difícil não cair na sua romantização. Foi procurado manter um olhar crítico e distante, e manter uma perspetiva analítica. Dito isto, o Zigurfest não tem a total adesão da comunidade e uma parte dela, muitas das vezes mostra-se alienada ao Festival, sem noção da sua existência, como refere Filipe Peixoto

“há aquele público que critica, mas é oportunista que vai tirar algum proveito daquilo, há outro que gosta e vai meio que à descoberta e fica impressionado e gostam daquilo que chamam “o diferente”, e há outros completamente céticos.”¹⁰⁴.

¹⁰⁴ Excerto da entrevista a Filipe Peixoto, realizada em 26 de julho de 2023.

Observou-se também por vezes um carácter negativo associado ao Festival, que advém da sua identidade experimentalista. O Zigurfest é um festival no qual é necessário partir à descoberta, mas o que recorrentemente se afirma, é a que as pessoas se afastam do que não conhecem. Porém, quando a comunidade se atreve a conhecer o Festival, tem a tendência para adquirir uma grande estima por ele, como se observou com o Rancho Regional de Penude ou com a associação Portas Pr'a Vida. Após estas afirmações, conclui-se que o Zigurfest percorreu um longo caminho para se integrar na comunidade, mas esta investigação também revelou que um grande caminho ainda tem de ser percorrido. Afonso Lima recorda as edições passadas e o progresso do Festival, afirmando “Felizmente, acho que conseguimos criar uma coisa que já vive para lá da motivação individual. Já existe.”. Assim, é essencial considerar como este projeto tem vindo a contribuir para a revitalização da cidade, mas sobretudo para a criação de uma nova mentalidade, que parte do uso da criatividade local. O Zigurfest necessita da sua continuidade para que esta revitalização possa progredir, assim como a comunidade local também necessita.

Embrionário de memórias

Uma forma de concluir esta investigação e também como resultado da mesma, é reconhecer o Zigurfest como um embrionário de memórias. Após toda a investigação e uma análise completa, torna-se evidente que uma forma de ressignificar o património, é criar memórias a partir deste, o que também contribui para manter viva a memória do seu próprio passado. Como mencionou Alexandra Falcão quando questionada sobre a significação do património, a partir do Zigurfest,

“Claro que é isso é uma forma de valorizar muito o património. E mais que valorizar, é mesmo uma questão de conservar, é conservar a memória desse património. E conservação não em termos físicos, mas a conservação intelectual e de memória desse património. Através do “viver”, pisar, estar e de experienciar”¹⁰⁵.

Para além disso, no decorrer da sua entrevista, a diretora do ML refere um projeto de revitalização do património localizado no Vale do Varosa, intitulado “Sangue Nova, Veias Antigas”. Porém, esta expressão pode ser apropriada para descrever o Zigurfest. Carlos Fortuna refere que “Num país velho, como Portugal, encontram-se por todo o lado marcas de trajetos sociais do passado, umas gastas pela erosão do tempo e outras fruto de inesperada antecipação

¹⁰⁵ Excerto da entrevista a Alexandra Falcão, realizada em 29 de maio de 2023.

de decadência” (2019, p. 119). Num país com tantas marcas do seu passado, é importante que se viva através dele, é essencial que haja sangue novo a correr pelas veias do património. O envolvimento do património da cidade num festival tão atual e de conteúdo ainda alternativo, altera o contexto de uma cidade que envelheceu, transformando-a num lugar mais dinâmico e próximo das novas gerações, novamente, criando linhas de valorização com os lugares históricos da cidade.

Em síntese, esta investigação foi concluída com sucesso, pelo modo como se comprovou que iniciativas como o Zigurfest são um ponto de partida para revitalizar e ressignificar o património e ainda conduzir para a regeneração urbana, em benefício do desenvolvimento local. Ainda assim, este projeto não é a solução para problemas de valorização e conservação do património, é o ponto de partida para a sua ressignificação.

Encerrando esta investigação, é relevante destacar a influencia marcante que eventos culturais como o Zigurfest podem ter na inspiração de futuras gerações e no desenvolvimento da cidade. Afonso Lima menciona, no decorrer da sua entrevista, que em 1999 aconteceu em Lamego, um concerto dos Ornatos Violeta, que marcou a sua geração e posteriormente inspirou à possibilidade de criação do Zigurfest, como afirma

“Eu tive exatamente o mesmo sentimento, quando em 99 um grupo de malta levou os Ornatos Violeta a tocar no pavilhão do liceu. (...) E na altura há um grupo de amigos, que decide fazer a organização desse evento. E foi o impacto muito duradouro para mim, que teve esse concerto, foi “ok é possível trazermos malta deste gênero cá”¹⁰⁶.

Assim como este concerto, também o Zigurfest inspirou a geração seguinte, algo de que esta investigação serve como comprovativo. Contudo, é também de esperar que haja um novo grupo de pessoas inspiradas a contribuir para a cidade de Lamego. Este ciclo de envolvimento cultural e cívico pode ser elementar para garantir que a cidade continue a evoluir e valorizar o seu património. Haverá sempre, em qualquer lugar um grupo de amigos inspirado a fazer algo mais pela cidade e pela sua herança cultural.

Por fim, festivais de música como o Zigurfest, não apenas revitalizam o património e enriquecem a cultura da cidade, mas também desencadeiam um ciclo virtuoso de inspiração e criação, que é essencial para o crescimento e desenvolvimento da comunidade em Lamego. Assim, o mais importante é apoiar e incentivar estas iniciativas culturais, dado que têm o potencial de moldar o futuro da cidade e preservar a sua identidade e memória.

¹⁰⁶ Excerto da entrevista a Afonso Lima, realizada em 22 de junho de 2023.

Fonte e Bibliografia

- Abreu, P. (2004). Músicas em movimento. Dos contextos, tempos e geografias da performance musical em Portugal. *Revista Crítica das Ciências Sociais*, 70, 159-181. <https://doi.org/10.4000/rccs.1055>.
- Albuquerque, R. & Rosa, S. M. (2023) Quantos festivais de música tem Portugal? Saiba o que dizem os dados. *Expresso*. <https://expresso.pt/sociedade/2023-07-16-Quantos-festivais-de-musica-tem-Portugal--Saiba-o-que-dizem-os-dados-b64f8f5d>.
- Aporfest (2019, agosto 8). Zigurfest: o festival onde a música é balanceada com a arte contemporânea. Entrevista: Afonso Lima. *Aporfest*. <https://www.aporfest.pt/single-post/2019/08/08/zigurfest-o-festival-onde-a-m%C3%BAAsica-%C3%A9-balanceada-com-a-arte-contempor%C3%A2nea-entrevista-afons>. Consultado a 30 de dezembro de 2022.
- Bennet, A., Taylor, J. & Woodward, I. (2004). *The Festivalization of Culture*. Ashgate. https://www.researchgate.net/publication/281430093_Festivalisation_of_Culture.
- Borges, S. (2019, junho 8). ZigurFest está de volta a Lamego d 21 a 24 de agosto. *Jornal De Notícias*. <https://www.jn.pt/local/noticias/viseu/lamego/amp/zigurfest-esta-de-volta-a-lamego-de-21-a-24-de-agosto-10993020.html>. Consultado a 9 de março de 2023.
- Cameira, M. (acedido 2023, março 9). *TRC Zigurfest 2016 - Arte-Factos*. *Arte-Factos*. <https://www.arte-factos.net/reportagem/trc-zigurfest-2016/>
- Cameira, M. (acedido 2023, março 11). Reportagem TRC Zigurfest 2017: Aumento depulsão em Lamego. *Arte-Factos*. <https://www.arte-factos.net/reportagem/trc-zigurfest-2017/>.
- Campos, R. (2021). Poder local, arte urbana e festivalização da cultura. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 125, pp. 53-76. <https://doi.org/10.4000/rccs.12000>.
- Campos, R., Junior, J. & Raposo, O. (2021). Arte urbana, poderes públicos e desenvolvimento territorial: uma reflexão a partir de três estudos de caso. *Etnográfica*, 25(3), 681-706. <https://doi.org/10.4000/etnografica.10747>.
- Carmo, A., Matos, F. & Pereira, S. (2019). Regeneração urbana através da cultura e das artes: o caso do Barreiro. *Fórum Sociológico*, 35(1), 61-70. <https://doi.org/10.4000/sociologico.8670>
- Cecílio, P. (2012, julho 27). Lamego acolhe o ZigurFest. *Bodyspace*. <https://bodyspace.net/ultimas/2596-lamego-acolhe-o-zigurfest/>. Consultado a 10 de janeiro de 2023.

- Cecílio, P. (2015, julho 2). ZigurFest com primeiras confirmações. *Bodyspace*. <https://bodyspace.net/ultimas/5793-zigurfest-com-primeiras-confirmaa%C2%A7a%C2%B5es/>. Consultado a 22 de janeiro de 2023.
- Cecílio, P. (2017, agosto 28). TRC ZigurFest regressa a Lamego. *Bodyspace*. <https://bodyspace.net/ultimas/81127-trc-zigurfest-regressa-a-lamego/>. Consultado a 10 de março de 2023.
- Cecílio, P. (2019, maio 30). Primeiros nomes para o ZigurFest. *Bodyspace*. <https://bodyspace.net/ultimas/83763-primeiros-nomes-para-o-zigurfest/>. Consultado a 21 de janeiro de 2023.
- Choay, F. (1992). *Alegoria do Património* (2ª ed.). Edições 70.
- Costa, A. F. da (1986). A pesquisa de terreno em sociologia. In A. S. Silva & J. M. Pinto (Eds.), *Metodologia das Ciências Sociais* (16ª ed., pp. 129-148). Edições Afrontamento.
- Coutinho, C. P. (2020). *Metodologias de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática* (2ª ed.). Almedina.
- Coutinho, M. C. (2018, julho 19) ZigurFest arranca em agosto em Lamego. *Jornal de Notícias*. <https://www.jn.pt/artes/zigurfestnovos-talentos-arranca-em-agosto-em-lamego--9609812.html>. Consultado a 19 de fevereiro de 2023.
- DGArtes (2020). Ciclo de Concertos ZIGURFEST 2020, novembro, dezembro, Lamego. <https://www.dgartes.gov.pt/pt/evento/3657>. Consultado a 11 de março de 2023.
- Duarte, M. (2017, agosto 30). TRC ZigurFest, o festival onde a música portuguesa pode acontecer numa capela. *Público*. <https://www.publico.pt/2017/08/30/p3/noticia/trc-zigurfest-o-festival-onde-a-musica-portuguesa-pode-acontecer-numa-capela-1828486>. Consultado a 10 de janeiro de 2023.
- Eco, U. (1980). *Como se Faz Uma Tese em Ciências Humanas* (13ª ed.). Editorial Presença.
- Faustino, I. G. (2020). *Fringe: uma ideia de Festival* (Dissertação de Mestrado). Iscte - Instituto Universitário de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10071/21790>
- Ferreira, C. (2010). Cultura e Regeneração Urbana: novas e velhas agendas da política cultural para as cidades. *Revista TOMO*, (16), pp. 29-56. <https://doi.org/10.21669/tomo.v0i16.518>
- Ferreira, R. (2012, setembro 5). ZigurFest espicacou Lamego. *Público*. <https://www.publico.pt/2012/09/05/p3/fotogaleria/zigurfest-espicaou-lamego-382416>. Consultado a 10 de janeiro de 2023.

- Ferreira, V. S. (2014). Artes de entrevistar: composição, criatividade e improvisação a duas vozes. In L. L. Torres & J. A. Palhares (Eds.), *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais da Educação* (1ª ed., pp. 167-195). Edições Húmus.
- Foddy, W. (1996). *Como perguntar. Teoria e Prática da construção de perguntas para entrevistas e questionários*. Celta Editora.
- Fortuna, C. (1995). Por Entre as Ruínas da Cidade: O património e a memória na construção das identidades sociais. Centro de Estudos Sociais. <http://hdl.handle.net/10316/10961>.
- Fortuna, C. (1999). AS cidades e as identidades/ Narrativas, patrimónios e memórias. In C. Fortuna (2013), *Identidades, percursos, paisagens culturais: estudos sociológicos de cultura urbana* (pp. 23-43). Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://doi.org/10.14195/978-989-26-0558-6>.
- Fortuna, C. (2006). Centros Históricos e Património Culturais Urbanos: Uma avaliação e duas propostas para Coimbra. *Oficina do Ces*, 254, pp. 1-13. <https://core.ac.uk/download/pdf/144016486.pdf>
- Fortuna, C. (2012). Património. Turismo e emoção. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 97, pp. 23-40. <https://doi.org/10.4000/rccs.4898>.
- Fortuna, C. (2020). Cidades e Patrimonialidade Urbana. *Espaço Urbano e Habitação Básica como primeiro direito*, 52, pp. 119-137. <http://hdl.handle.net/10316/95038>.
- Fortuna, C. & Silva, A. S. (2001). A cidade do lado da cultura: Espacialidades sociais e modalidades de intermediação cultural. *Globalização: Fatalidade ou Utopia?*, Volume I, Parte VII, pp. 409-461. <http://hdl.handle.net/10316/44030>.
- Freeman, R. E. (1984). *Strategic Management: A Stakeholder Approach*. Cambridge: Cambridge University press.
- Gonçalves, F. (2017, julho 20). TRC ZigurFest 2017 ou a forma de tirar a Nossa Senhora dos Remédios do altar. *Bodyspace*. <https://bodyspace.net/ultimas/81081-trc-zigurfest-2017-ou-a-forma-de-tirar-a-nossa-senhora-dos-rem%C2%A9dios-do-altar/> . Consultado a 5 de março de 2023.
- Gonçalves, F. (2018, maio 16). ZigurFest 2018: primeiras confirmações. *Bodyspace*. <https://bodyspace.net/ultimas/82439-zigurfest-2018-primeiras-confirma%C2%A7a%C2%B5es/>. Consultado a 10 de março de 2023.
- Gonçalves, F. (2018, julho 31). ZigurFest 2018: programação completa. *Bodyspace*. <https://bodyspace.net/ultimas/82672-zigurfest-2018-programa%C2%A7a%C2%A3o-completa/>. Consultado a 20 de março de 2023.

- Gonçalves, F. (2020, agosto 27). ZigurFest 2020: a música volta a tomar Lamego em setembro. *Bodyspace*. <https://bodyspace.net/ultimas/84676-zigurfest-2020-a-ma%C2%BA-sica-volta-a-tomar-lamego-em-setembro/>. Consultado a 19 de fevereiro de 2023.
- Guerra, P. (2016). *Lembranças do último verão. Festivais de música, ritualizações e identidade na contemporaneidade portuguesa*. Instituto de Sociologia da Universidade do Porto. https://www.researchgate.net/publication/300651289_Lembrancas_do_ultimo_verao_Festivais_de_musica_ritualizacoes_e_identidades_na_contemporaneidade_portuguesa
- Iturra, R. (1986). Trabalho de campo e observação participante em Antropologia. In A. S. Silva e J. M. Pinto (Eds.), *Metodologia das Ciências Sociais* (16ª ed., pp. 149-163). Edições Afrontamento.
- Jesus, J. N. de (2015). *Os Festivais de Música na Promoção Turística: Caso de Estudo do Marés Vivas como potenciador de Gaia* (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril. <http://hdl.handle.net/10400.26/19402>.
- Judas, M. (2018, agosto 28). Zigurfest: Um passeio guiado ao som da “melhor nova música portuguesa”. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/cultura/zigurfest-um-passeio-guiado-ao-som-da-melhor-nova-musica-portuguesa-9775200.html>. Consultado a 30 de dezembro de 2022.
- Judas, M. (2018, agosto 31). Zigurfest. Um festival em que cada concerto é uma descoberta. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/cultura/zigurfest-um-festival-em-que-cada-concerto-e-uma-descoberta-9783394.html>. Consultado a 30 de dezembro de 2022.
- Judas, M. (2018, setembro 1). A outra “Romaria de Portugal.” *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/cultura/a-outra-romaria-de-portugal-9789594.html>. Consultado a 30 de dezembro de 2022.
- Judas, M. (2019, agosto 27). Zigurfest, um festival que faz das ruas palco. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/cultura/cronica-zigurfest-um-festival-que-faz-das-ruas-palco-11243127.html>. Consultado a 30 de dezembro de 2022.
- Judas, M. (2021, julho 30). Festivais, o possível regresso ao velho normal. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/cultura/festivais-o-possivel-regresso-ao-velho-normal-13988495.html>. Consultado a 30 de dezembro de 2022.
- Lopes, M. (2023, junho 15). O país dos pequenos festivais de música agita, descentraliza, inspira. *Público*. <https://www.publico.pt/2023/06/15/culturaipilon/noticia/pais-festivais-musica-agita-descentraliza-inspira-2053340>. Consultado a 30 de junho de 2023.

- Lourido, R. M. L. (2017). *Festivais de Música e Desenvolvimento Local: O estudo de caso do Festival MEO Sudoeste* (Dissertação de Mestrado). Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril. <http://hdl.handle.net/10400.26/24645>.
- Lusa (2015, agosto 27). TRC Zigurfest vai encher Lamego de música por um fim-de-semana. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/artes/trc-zigurfest-vai-encher-lamego-de-musica-por-um-fimde semana-4748428.html>. Consultado a 19 de fevereiro de 2023.
- Lusa (2016, agosto 30). Três dias de concertos com 24 bandas portuguesas no ZigurFest. *Público*. <https://www.publico.pt/2016/08/30/p3/noticia/tres-dias-de-concertos-com-24-bandas-portuguesas-no-zigurfest-1826511> Consultado a 19 de fevereiro de 2023.
- Lusa (2017, junho 19). Festival de música TRC Zigurfest, em Lamego, anuncia três primeiros nomes. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/lusa/festival-de-musica-trc-zigurfest-em-lamego-anuncia-tres-primeiros-nomes-8648475.html>. Consultado a 19 de fevereiro de 2023.
- Lusa (2017, agosto 22). Twist Connection e Whales entre bandas que fecham cartaz do TRC Zigurfest. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/lusa/twist-connection-e-whales-entre-bandas-que-fecham-cartaz-do-trc-zigurfest-8720767.html>. Consultado a 19 de fevereiro de 2023.
- Lusa (2017, agosto 22). Twist Connection e Whales entre bandas que fecham cartaz do TRC Zigurfest. *Jornal de Notícias*. <https://www.jn.pt/lusa/twist-connection-e-whales-entre-bandas-que-fecham-cartaz-do-trc-zigurfest-8720769.html>. Consultado a 22 de janeiro de 2023.
- Lusa (2017, agosto 30). Festival de música TRC Zigurfest começa hoje em Lamego com “dia zero”. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/lusa/festival-de-musica-trc-zigurfest-comeca-hoje-em-lamego-com-dia-zero-8736670.html>. Consultado a 19 de fevereiro de 2023.
- Lusa (2017, agosto 30). Festival de música TRC Zigurfest começa hoje em Lamego com “dia zero”. *Jornal de Notícias*. <https://www.jn.pt/lusa/festival-de-musica-trc-zigurfest-comeca-hoje-em-lamego-com-dia-zero-8736672.html>. Consultado a 30 de dezembro de 2022.
- Lusa (2018, julho 18). Lamego recebe 8.^a edição do Zigurfest com palcos especiais e campismo grátis. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/lusa/lamego-recebe-8-edicao-do-zigurfest-com-palcos-especiais-e-campismo-gratis-9608472.html>. Consultado a 19 de fevereiro de 2023.
- Lusa (2019, maio 30). ZigurFest de Lamego com “concerto exclusivo” de Krake com Adolfo Luxúria Canibal. *Diário de Notícias*. <https://www.dn.pt/lusa/zigurfest-de-lamego-com->

- [concerto-exclusivo-de-krake-com-adolfo-luxuria-canibal-10958704.html](#). Consultado a 19 de fevereiro de 2023.
- Lusa (2022, agosto 24). Festival ZigurFest regressa a Lamego para quatro dias de programação gratuita. *Público*. <https://www.publico.pt/2022/08/24/culturaipsilon/noticia/festival-zigurfest-regressa-lamego-quatro-dias-programacao-gratuita-2018128>. Consultado a 19 de fevereiro de 2023.
- Maciel, B. P. (2011). *Festivais de Música e Turismo* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/57045>
- Marmelo, V. (2018, setembro 6). ZigurFest, a nova romaria (indie) de Lamego. *Público*. <https://www.publico.pt/2018/09/06/p3/fotogaleria/zigurfest-a-nova-romaria-indie-de-lamego-389731>. Consultado a 30 de dezembro de 2022.
- Monteiro, T. (2012, agosto 31). ZigurFest: um festival em Lamego é um risco saudável. *Público*. <https://www.publico.pt/2012/08/31/p3/noticia/zigurfest-um-festival-em-lamego-e-um-risco-saudavel-1814157>. Consultado a 20 de janeiro de 2023.
- Moura, I. M. F. (2020). *Quais os fatores de sucesso de produção de um festival? Uma análise de caso do festival MIL – Lisbon International Music Network* (Dissertação de Mestrado). Iscte- Instituto Universitário de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10071/21333>
- Ortigão, R. (1896). *O Culto da Arte em Portugal*. Esfera do Caos.
- Peixoto, P. (2000). Gestão estratégica das imagens das cidades: análise de mensagens promocionais e de estratégias de marketing urbano. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 56, 99-122. <https://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/56/Paulo%20Peixoto%20-%20Gestao%20estrategica%20das%20imagens%20das%20cidades.pdf> .
- Peixoto, P. (2013). Centros históricos e sustentabilidade cultural das cidades. *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, 13. <https://ojs.letras.up.pt/index.php/Sociologia/article/view/2484>.
- Pereira, J. G. L. (2016). *Where things always happen: um estudo sobre festivais de música e desenvolvimento local* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/86658>.
- Pinto, B. S. (2018, julho 18). Afonso comanda o ZigurFest, o festival que matou a sede de música no interior. *Público*. <https://www.publico.pt/2018/07/18/p3/noticia/zigurfest-o-festival-que-matou-a-sede-de-musica-no-interior-1838355>. Consultado a 19 de fevereiro de 2023.

- Pinto, B. S. (2018, agosto 29). ZigurFest: a montra da nova música portuguesa na velha cidade de Lamego. *Público*. <https://www.publico.pt/2018/08/29/culturaipsilon/noticia/zigurfest-a-montra-da-nova-musica-portuguesa-na-velha-cidade-de-lamego-1842314>. Consultado a 19 de fevereiro de 2023.
- Pinto, J. M. & Almeida, J. F. (1986). Da teoria à investigação empírica. Problemas metodológicos gerais. In A. S. Silva e J. M. Pinto (Eds.), *Metodologia das Ciências Sociais* (16ª ed., pp. 55-78). Edições Afrontamento.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (2ª ed.). Gradiva.
- ReB Team (2019, julho 8). Minus & MRDolly, Mynda’Guevara ou Odete no ZigurFest’19. *Rimas e Batidas*. <https://www.rimasebatidas.pt/minus-mrdolly-myndaguevara-ou-odete-no-zigurfest19/>. Consultado a 20 de março de 2023.
- ReB Team (2020, julho 22). ZigurFest: em 2020 “vai ser diferente”. *Rimas e Batidas*. <https://www.rimasebatidas.pt/zigurfest-em-2020-vai-ser-diferente/>. Consultado a 20 de março de 2023.
- ReB Team. (2021, julho 27). Agosto em Lamego com o ZigurFest. *Rimas e Batidas*. <https://www.rimasebatidas.pt/agosto-em-lamego-com-o-zigurfest/>. Consultado a 20 de março de 2023.
- ReB Team. (2022, julho 19). De Herlander a redoma, passando por zé menos ou Dianna Excel: falta pouco para o ZigurFest 2022. *Rimas e Batidas*. <https://www.rimasebatidas.pt/de-herlander-a-redoma-passando-por-ze-menos-ou-dianna-excel-falta-pouco-para-o-zigurfest-2022/>. Consultado a 20 de março de 2023.
- Ribeiro, A. (2018, agosto 30). ZigurFest’18 - Dia 1: três desafios para testar limites. *Rimas e Batidas*. <https://www.rimasebatidas.pt/zigurfest18-dia-1-um-teste-aos-limites-da-plateia/>. Consultado a 15 de fevereiro de 2023.
- Ribeiro, A. (2018, agosto 31). ZigurFest’18 - Dia 2: à conquista do Castelo e da Alameda. *Rimas e Batidas*. <https://www.rimasebatidas.pt/zigurfest18-dia-2-conquista-do-castelo/>. Consultado a 15 de fevereiro de 2023.
- Ribeiro, A. (2018, setembro 1). ZigurFest’18 - Dia 3: do romance no Teatro Ribeiro Conceição à electricidade na Rua da Olaria. *Rimas e Batidas*. <https://www.rimasebatidas.pt/zigurfest18-dia-3/>. Consultado a 15 de fevereiro de 2023.

- Ribeiro, A. (2018, setembro 3). ZigurFest'18 - Dia 4: a ousadia e o inconformismo de um festival que não facilita. *Rimas e Batidas*. <https://www.rimasebatidas.pt/zigurfest18-dia-4/>. Consultado a 15 de fevereiro de 2023.
- Ribeiro, A. (2019, agosto 23). ZigurFest'19 - 21 e 22 de agosto: “maluquices” que importam. *Rimas e Batidas*. <https://www.rimasebatidas.pt/zigurfest19-21-e-22-de-agosto-maluquices-que-importam/>. Consultado a 15 de fevereiro de 2023.
- Ribeiro, A. (2019, agosto 26). ZigurFest'19 – 23 e 24 de Agosto: abanar os pilares da Olaria e tomar de vez o Castelo. *Rimas E Batidas*. <https://www.rimasebatidas.pt/zigurfest19-23-e-24-de-agosto-abanar-os-pilares-da-olaria-e-tomar-de-vez-o-castelo/>. Consultado a 15 de fevereiro de 2023.
- Riegl, A. (2016). *O culto moderno dos monumentos e outros ensaios estéticos*. Edições 70.
- Rocha, M. (202, agosto 4). ZigurFest 2023: A história de três dias de rejúbilo em Lamego. *Playback*. <https://www.playback.pt/reportagens/zigurfest-2023/>. Consultado a 25 de agosto de 2023.
- Rodrigues, H. (2017, julho 22). TRC ZigurFest 2017: Primeiras confirmações. *Arte-Factos*. <https://www.arte-factos.net/noticia-musica/trc-zigurfest-primeiras-confirmacoes/>. Consultado a 25 de março de 2023.
- S. A. (2017, setembro, 6). Até para o ano, TRC Zigurfest. *Público*. <https://www.publico.pt/2017/09/06/p3/fotogaleria/ate-para-o-ano-trc-zigurfest-386656>. Consultado a 30 de março de 2023.
- S.A. (2018, junho 21). Este ano, ninguém paga bilhete no ZigurFest. *Público*. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/06/21/p3/noticia/este-ano-ninguem-paga-bilhete-no-zigurfest-1835238>. Consultado a 11 de março de 2023.
- S.A. (2018, agosto 1). Scúru Fitchádu, Allen Halloween, Ângela Polícia ou Mazarin no cartaz do ZigurFest'18. *Rimas E Batidas*. <https://www.rimasebatidas.pt/allen-halloween-scuru-fitchadu-angela-policia-mazarin-no-cartaz-do-zigurfest18/>. Consultado a 20 de março de 2023.
- Santos, F. M. S. dos. (2014). *(Des)envolvimento cultural e festivais de música: fundamentos para o projeto "Fábrica de Música"* (Dissertação de Mestrado). Iscte- Instituto Superior Universitário de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10071/9445>.
- Santos, H. & Abreu, P. (1999). Culturas e cidades: espaços, dinâmicas, públicos. Algumas pistas de análise. *Oficina do Centro de Estudos Sociais*, 152, 1-22. <http://hdl.handle.net/10316/11031>.

- Smith, L. J. (2006). *Uses of Heritage*. Routledge.
- Silva, J. M. da (2022, agosto 5). ZigurFest regressa este mês: tradição e contemporaneidade caminham, lado a lado, para a inclusão e a liberdade. *Comunidade Cultura E Arte*. <https://comunidadeculturaearte.com/zigurfest-regressa-este-mes-tradicao-e-contemporaneidade-caminham-lado-a-lado-para-a-inclusao-e-a-liberdade/>. Consultado a 20 de dezembro de 2022.
- Tilden, F. (1967). *Interpreting Our Heritage*. The University of North Carolina Press.
- Vieira, A. B. (2019, julho 10). No ZigurFest, o festival que não repete cartazes, a música é 100% nacional. *Público*. <https://www.publico.pt/2019/07/10/culturaipsilon/noticia/zigurfest-festival-nao-repete-cartazes-musica-100-nacional-1879317>. Consultado a 10 de abril de 2023.
- Vieira, A. B. (2019, agosto 21). Por estes dias, a nova música portuguesa mora em Lamego. *Público*. <https://www.publico.pt/2019/08/21/culturaipsilon/noticia/dias-nova-musica-portuguesa-mora-lamego-1883946>. Consultado a 10 de abril de 2023.
- Vieira, A. B. (2019, agosto 24). Confirmações, afirmações e revelações. Longa vida ao ZigurFest. *Público*. <https://www.publico.pt/2019/08/24/culturaipsilon/noticia/confirmacoes-afirmacoes-revelacoes-longa-vida-zigurfest-1884349>. Consultado a 10 de abril de 2023.
- Vieira, A. B. (2019, agosto 25). *ZigurFest*: O imaginário de Adolfo Luxúria Canibal mora num castelo que divide com Krake. *Público*. <https://www.publico.pt/2019/08/25/culturaipsilon/noticia/historias-adolfo-luxuria-canibal-moram-castelo-divide-krake-1884374>. Consultado a 10 de abril de 2023.

Fontes Orais

- Entrevista realizada a Afonso Lima em 22 de junho de 2023.
- Entrevista realizada a Alexandra Falcão a 30 de maio de 2023.
- Entrevista realizada a António Silva em 11 de maio de 2023.
- Entrevista realizada a Catarina Ribeiro em 29 de maio de 2023.
- Entrevista realizada a Filipe Peixoto em 26 de julho de 2023.
- Entrevista realizada a Livia Silva em 23 de agosto de 2023.
- Entrevista realizada a Marisa Macedo em 24 de agosto de 2023.
- Entrevista realizada a Ricardo Cabral em 26 de junho de 2023.
- Entrevista realizada a Rui Fernandes em 20 de julho de 2023.

Anexos

Anexo A – Guião de Entrevista - Equipa do Festival

Objetivos

- Processo criação do Festival
- Ligação do Festival com a Cidade
- Ligação Património/Evento
- Expansão do Festival- o que está reservado para as ressignificações do Património

IDENTIFICAÇÃO

Data da entrevista: 22 de junho; 11 de maio; 26 de julho; 26 de junho.

Local de realização da entrevista: Zoom e no caso de Filipe Peixoto presencialmente.

Nome: Afonso Lima, António Silva; Filipe Peixoto; Ricardo Cabral.

Função que desempenha no festival: Antigo Diretor executivo; Diretor executivo, de comunicação e programador; Diretor de produção e logística; Diretor técnico.

Bom dia/Boa tarde,

Como sabe, o meu nome é Maria Beatriz Pinto, sou aluna do Mestrado de Estudos e Gestão da Cultura no ISCTE e encontro-me neste momento a escrever a minha dissertação acerca do Festival Zigurfest, refletindo acerca da ligação do Festival com o património da cidade de Lamego. Para começar, queria agradecer o tempo disponibilizado para a realização desta entrevista. A minha dissertação pretende compreender modos de ressignificação e releituras do património de Lamego, a partir do Festival Zigurfest.

Desde modo, a entrevista vai englobar questões em relação à criação do Festival, ao seu desenvolvimento e os modos como contempla a utilização do património. Os objetivos desta entrevista não são apenas obter informações acerca do Festival, mas também compreender a sua experiência com o mesmo.

Por fim, gostaria de reforçar que os resultados desta entrevista serão restritamente e unicamente usados na minha investigação, dado que as informações fornecidas irão ser apenas utilizadas para a elaboração da dissertação.

PARTE I – Processo de criação do Festival

1. Há quanto tempo pertence à organização do Festival? Está desde o início?
2. Se está desde o início, qual o processo de criação que gerou o evento? Como é que se organizaram de modo a edificá-lo e quais foram os primeiros desafios enfrentados?
3. Se não está desde o início, qual a perceção que tem relativamente aos objetivos que presidiram a realização do Festival?
4. Vários artigos acerca do Zigurfest, referem que o Festival nasce de uma ideia de “um grupo de amigos”, pode falar um pouco de quem era este grupo de amigos, que ideias estavam presentes na criação do Festival?
5. Consegue identificar as principais alterações no Festival nos vários anos da sua realização?
6. Há outros festivais que serviram de referência ao Zigurfest?
7. Porquê exclusivamente música portuguesa? Onde reside esta escolha?

PARTE II – Relação do festival com a cidade

8. Considera que a cidade acolhe bem o Festival? Há uma aceitação por parte das comunidades locais envolventes?
9. A cidade apropria-se do Festival? De que forma?
10. No que se refere ao comércio de Lamego, há uma preocupação em promover o comércio local?
11. Quais considera ser os impactos do Zigurfest para com a comunidade local? Que tipo de feedback existe a este respeito?
12. Qual a importância de utilizar os monumentos históricos da cidade? É uma escolha ou é simplesmente mais fácil de utilizar estes espaços?
13. Quais as limitações que a utilização de monumentos históricos traz? Na perspetiva da organização do festival e na perspetiva da cidade?
14. Nos artistas que o Zigurfest traz a Lamego, há também uma preocupação que estes conheçam a cidade e estejam em contacto com a mesma?

15. Tendo em conta que a Câmara Municipal tem vindo a apoiar o Festival há algumas edições. De que modo é que este apoio é relevante? E mais do que o apoio financeiro, como é que se verifica um apoio por parte da Câmara na logística do Festival?
16. Qual o modelo de relação entre a organização do Festival e a Autarquia?

PARTE III – Festival e Património Cultural

17. Considera que o Festival pode ser utilizado como um exemplo da valorização do património? De que forma?
18. Na sua opinião, quais os principais contributos para a proteção do património cultural que o festival traz? E as principais desvantagens?
19. Na expansão do Festival, qual o papel que os monumentos e sítios patrimoniais em tal desempenham?
20. O Festival Zigurfest poderia ser realizado fora de sítios históricos? Porquê?
21. Abordando agora alguns lugares em concreto, considera que nos locais institucionais como o Museu e o Teatro, houve uma facilidade no acolhimento deste projeto?
22. O que significa para o Festival, selecionar igrejas e capelas das cidades e realizar lá alguns dos concertos? É de certa forma um novo modo de ver estes locais?
23. Quando são utilizados locais patrimoniais que têm outras funções, consideram que há uma resistência por parte da cidade em aceitar a usufruição destes locais?
24. Como é que um concerto de música alternativa é recebido na Sé de Lamego? Foi possível desassociar este local do seu caráter de culto religioso ou os concertos serviram em função dele?
25. Tendo em conta o Castelo, como um dos objetos patrimoniais mais importantes da cidade, qual a ligação do Festival com o mesmo? O que significa fazer do Castelo um dos palcos do Zigurfest?
26. Referindo a Rua da Olaria como o primeiro espaço histórico que o Festival utilizou como palco, para além do Teatro, qual a ligação do Festival com a Rua da Olaria? Porquê a constante escolha desta rua como um dos muitos palcos do Zigurfest? Procuram também expandir o Festival para outras ruas históricas?
28. A programação do festival relaciona-se com o património cultural de que forma?

29. Na edição deste ano, o Festival não se encontra inserido na programação da Romaria de Nossa Senhora dos Remédios. Pretendem que o Festival deixe de ser apelidado como a programação alternativa?

PARTE IV- O Futuro do Projeto, a continuidade das resignificações do Património

30. Referindo a descentralização, Lamego foi sempre a escolha obrigatória para a realização do Festival? O futuro deste projeto será sempre em Lamego?

31. Na última edição, o Festival juntou aos seus locais Lazarim e Penude, dando-se uma maior descentralização, na descentralização que já é ter um Festival em Lamego. Pretendem continuar a expandir-se para estas localidades?

32. Este ano, o Festival escolheu desassociar-se da romaria, o que se prevê para o futuro do Festival ou para próximas edições? Esta mudança é uma experiência, ou julho agora é sinal de Zigurfest?

33. Tendo em conta que o festival festejou a sua primeira década no ano passado, o que é que está previsto para os próximos 10 anos?

34. O Zigurfest continuará a ser um Festival de música alternativa portuguesa? Ou existe uma ambição em acolher outro tipo de artistas?

35. Por fim, em 2021 o Zigurfest promoveu uma conversa em conjunto com o Museu de Lamego intitulada “O Contemporâneo no Antigo - Apropriações e Reinterpretações das Artes Contemporâneas do Património Cultural Histórico” considera que o Festival é também parte desta temática desenvolvida? Uma ligação do antigo com o contemporâneo? Considera que o Zigurfest cria uma ligação entre o património da cidade e a contemporaneidade?

Para terminar, queria mais uma vez agradecer e realçar o seu contributo para com a minha investigação. Há mais algum aspeto que gostaria de acrescentar? Dou assim por terminada a entrevista. Muito obrigado pela sua colaboração.

Anexo B – Guião de Entrevista - Autarquia

Objetivos

- Como o Festival foi recebido por parte da autarquia
- Que tipo de apoios são dados ao Festival
- Valorização do Património através do evento
- O modo como o Festival contribui para a programação da cidade

IDENTIFICAÇÃO

Data da entrevista: 29 de maio

Local de realização da entrevista: Câmara Municipal de Lamego

Nome: Catarina Ribeiro

Cargo de ocupa na autarquia: Vice-presidente

Bom dia/Boa tarde,

Como referi no nosso primeiro contacto, o meu nome é Maria Beatriz Pinto, sou aluna do Mestrado de Estudos e Gestão da Cultura no ISCTE e encontro-me neste momento a escrever a minha dissertação acerca do Festival Zigurfest, realizado aqui na cidade. O objetivo desta investigação é estudar a ligação do festival com o Património da cidade.

Para começar queria agradecer o tempo disponibilizado para a realização desta entrevista. A minha dissertação pretende compreender modos de resinificação e releituras do património de Lamego, a partir do Festival Zigurfest. E é deste modo que conhecer melhor a ligação do Festival com a sua autarquia pode ajudar a compreender estas relações com o património da cidade, e será disto que esta entrevista tratará.

Por fim gostaria de reforçar que os resultados desta entrevista serão restritamente e unicamente usados na minha investigação, dado que as informações fornecidas irão ser apenas utilizadas para a elaboração da dissertação.

PARTE I – Festival e Autarquia

1. De que modo está familiarizado(a) com o Festival Zigurfest? Qual foi o primeiro contacto com este projeto?
2. Qual o destaque que o Festival tem no Programa Anual de Atividades do Município?
3. A autarquia pretende reforçar o seu apoio ao Festival? De que modo?
4. Quais os objetivos que este Festival permite que a Autarquia concretize?
5. Qual o modelo de relação entre a organização do Festival e a Autarquia?
6. Para além do apoio financeiro, há um apoio na logística do Festival ou na cedência dos espaços?

PARTE II – Festival e cidade

7. Consegue identificar impactos decorrentes do Festival na cidade. Se sim, quais (negativos e positivos)?
8. Como avalia a relação dos moradores com o Festival?
9. O Festival é relevante para o desenvolvimento do território? Quais os principais contributos?
10. Tendo em conta que o festival renovou a sua participação para mais um ano, a autarquia prevê a participação no festival no futuro?
11. Agora que o Zigurfest concluiu a sua primeira década, de que modo é que considera que o Festival poderia continuar a crescer?
12. Como é que foi visto pela Câmara Municipal a expansão do festival para Lazarim e Penude? Acredita ser uma mais-valia ou o Zigurfest deveria centrar-se aqui?
13. Os Lamecenses são o público do Zigurfest? Ou considera ser um público externo?
14. Considera que há uma aceitação por parte da comunidade local do Festival ou a mesma estranha a sua presença?

PARTE III – Festival e património

15. De que modo é que o Festival está integrado na programação cultural da cidade?
16. A programação do festival relaciona-se com o património cultural de que forma?
17. Considera que o Festival pode ser utilizado como um exemplo da valorização do património? De que forma?
18. Na sua opinião, quais os principais contributos para a proteção do património cultural que o festival traz? E as principais desvantagens?
19. Na expansão do Festival, qual o papel que os monumentos e sítios patrimoniais em tal desempenham?
20. O Festival Zigurfest poderia ser realizado fora de sítios históricos? Porquê?
21. Abordando agora os locais mais concretamente onde é realizado o Festival, como é vista a utilização do Museu e do Castelo como um palco? Considera ser uma releitura para estes espaços ou um complemento à sua programação já existente?
22. Quando o Festival utiliza as capelas e igrejas da Cidade fora do seu contexto de culto religioso, considera que há uma resinificação destes locais patrimoniais?
23. Por último, de que modo considera que o Zigurfest podia reforçar as ligações do património com os cidadãos da cidade?

Após concluídas as questões, queria mais uma vez agradecer e realçar o seu contributo para com a minha investigação e o tempo disponibilizado. Há mais algum aspeto que gostaria de acrescentar?

Dou assim por terminada a entrevista. Muito obrigado pela sua colaboração.

Anexo C – Guião de Entrevista - Teatro

Objetivos

- Presença do Teatro na criação do Festival
- Ligação do Festival com o Teatro
- Impacto do Festival na programação do Teatro
- Expansão do Festival- o que está reservado para as resignificações do Património

IDENTIFICAÇÃO

Data da entrevista: 3 de julho

Local de realização da entrevista: Realizada por email

Nome: Rui Fernandes

Cargo de ocupa no Teatro: Ex. diretor do Teatro, desempenhou funções de 2009 a 2018

Bom dia/Boa tarde,

Como referi no nosso primeiro contacto, o meu nome é Maria Beatriz Pinto, sou aluna do Mestrado de Estudos e Gestão da Cultura no ISCTE e encontro-me neste momento a escrever a minha dissertação acerca do Festival Zigurfest, realizado aqui na cidade, de modo a estudar a ligação do festival com o Património da cidade.

Para começar, queria agradecer o tempo disponibilizado para a realização desta entrevista. A minha dissertação pretende compreender os modos de resinificação e releituras do património de Lamego, a partir do Festival Zigurfest.

Desde modo a entrevista vai contemplar questões referentes à relação do Teatro com o Festival, tendo em conta que o Teatro Ribeiro Conceição teve um contributo basilar no momento de criação do Zigurfest.

Por fim gostaria de reforçar que os resultados desta entrevista serão restritamente e unicamente usados na minha investigação, dado que as informações fornecidas irão ser apenas utilizadas para a elaboração da dissertação.

PARTE I- O Festival e o Teatro

1. Poderia falar um pouco do seu contacto com este projeto? Ainda que possa não ter sido diretamente através do Teatro, de que modo é que veio a conhecer o Festival?
2. Esteve presente nos primeiros anos do Festival ou apenas veio a contactar com o mesmo nas últimas edições?
3. Tendo em conta que o teatro esteve na origem do Festival Zigurfest, como surge esta ligação?
4. A criação do Zigurfest parte de uma proposta do Teatro, ou foi um projeto que o Teatro teve interesse em acolher e dinamizar?
5. De que modo é que o Teatro apoia o Festival, trata-se apenas na utilização do espaço ou há um apoio maior?
6. De que modo é que os objetivos e a missão do Zigurfest vão de encontro aos valores do Teatro?

PARTE II- A programação do Teatro

7. Durante algum tempo o Festival fez parte e estava inserido exclusivamente na programação do Teatro. Como vê este desenvolvimento do Festival em separar-se do Teatro?
8. Acredita que o Festival é uma mais-valia na programação do Teatro? Que insere novos conteúdos e novas dinâmicas do Teatro?
9. De que modo é que vê a programação que o Festival desenvolve? Traz novos públicos ao Teatro?
10. Dentro dos públicos que frequentam o Teatro no decorrer do Zigurfest, considera que o Festival é um modo de dados públicos mais jovens encontram programação dirigida a eles no Teatro?
11. O que reserva o futuro da ligação do Teatro com o Festival?

PARTE III-O Teatro enquanto Património.

12. Avaliando o Festival pela sua ligação com o património, e tendo em conta o Teatro também pela sua presença enquanto edifício histórico, acredita que o Festival contribui para a valorização do Teatro?
13. Numa forma mais geral, considera que o Zigurfest tem um impacto na cidade e no património da mesma?
14. De que modo é que considera que o Festival utiliza a cidade de Lamego? Vai de encontro às suas rotinas e dinâmicas ou trata-se de um choque de culturas?
15. Por fim, considera que o Festival Zigurfest é uma nova forma de valorizar o património da cidade? Que cria resignificações em locais históricos como o Teatro?

Para terminar, queria mais uma vez agradecer e realçar o seu contributo para com a minha investigação. Há mais algum aspeto que gostaria de acrescentar?

Dou assim por terminada a entrevista. Muito obrigado pela sua colaboração.

Anexo D – Guião de Entrevista – Museu de Lamego

Objetivos

- Ligação do Museu com o Festival
- O Museu enquanto palco do Zigurfest
- A releitura do Património

IDENTIFICAÇÃO

Data da entrevista: 30 de maio

Local de realização da entrevista: Museu de Lamego

Nome: Alexandra Falcão

Cargo de ocupa no Museu: Diretora do Museu

Bom dia/Boa tarde,

Como sabe, o meu nome é Maria Beatriz Pinto, sou aluna do Mestrado de Estudos e Gestão da Cultura no ISCTE e encontro-me neste momento a escrever a minha dissertação acerca do Festival Zigurfest, realizado aqui na cidade, e o modo como este Festival estabelece ligações com o património de Lamego.

Para começar queria agradecer o tempo disponibilizado para a realização desta entrevista. A minha dissertação pretende compreender modos de resinificação e releituras do património de Lamego, a partir do Festival Zigurfest e o Museu é um local de grande peso, no que se refere ao estudo desta ligação.

Desde modo a entrevista vai contemplar questões referentes à relação do Museu com o Festival, o modo como estão ligados e como esta colaboração desenvolve.

Por fim gostaria de reforçar que os resultados desta entrevista serão restritamente e unicamente usados na minha investigação, dado que as informações fornecidas irão ser apenas utilizadas para a elaboração da dissertação.

PARTE I- O Festival e o Museu

1. Como surge a ligação do Festival com o Museu, de que forma foi estabelecido este contacto?
2. Como é que Museu apoia o Zigurfest? Trata-se apenas de uma cedência de espaço ou há um auxilia maior na produção e logística dos Festival?
3. De que modo é que os objetivos do Zigurfest vão de encontro aos do Museu? Ambos servem-se mutuamente?
4. De que modo é que o Museu procura inserir na programação do Festival?
5. De modo inverso, qual o impacto do Festival para a programação do Museu de Lamego?
6. Considera que o Festival trouxe novas dinâmicas ao Museu de Lamego?

PARTE II- O Museu como palco do Zigurfest

7. Em 2018, estive presente num incrível concerto de Dullmea no chão da Sala Grão Vasco, onde a artista estava sentada diante os retábulos. De quem surge esta ideia? Porquê esta sala e não outro espaço do Museu?
8. Quando a música alternativa de artistas como a Dullmea, é colocada perante a arte renascentista de Grão Vasco, acredita que esta é uma forma de trazer a arte para a atualidade?
9. Do mesmo modo, considera que este tipo de atividades permite criar narrativas para a arte que o Museu alberga?
10. O Museu ser um dos locais do Zigurfest, trouxe novas narrativas para este espaço?
11. O que reserva o futuro da ligação do Festival e do Museu? Há a possibilidade de serem feitos conceitos noutras salas do Museu? Ou a programação vai restringir-se às conversas?

Parte III- As ligações do património com o Festival

12. No que se refere às ligações do património da cidade com o Festival, o que pensa acerca deste assunto? Acredita que o Zigurfest renova a imagem do património?
13. Considera que o Zigurfest é um gerador de novas releituras do património da cidade? Ou deveriam insistir mais nesta ligação?
14. O que é que este Festival acrescenta à cidade, na sua opinião?
15. Por fim, em 2021 o Zigurfest promoveu uma conversa em conjunto com o Museu de Lamego intitulada “O Contemporâneo no Antigo - Apropriações e Reinterpretações das Artes Contemporâneas do Património Cultural Histórico”, considera que o Festival é também parte desta temática desenvolvida? Uma ligação do antigo com o contemporâneo? Considera que o Zigurfest cria uma ligação entre o património da cidade e a contemporaneidade?

Para terminar, queria mais uma vez agradecer e realçar o seu contributo para com a minha investigação. Há mais algum aspeto que gostaria de acrescentar?

Dou assim por terminada a entrevista. Muito obrigado pela sua colaboração.

Anexo E – Guião de Entrevista - Entidades externas

Objetivos

- Ligação com o Festival
- Compreender os impactos para com a comunidade local

Data da entrevista: 1 de setembro e 20 de agosto

Associação/entidade: Portas Pr'á Vida/Rancho Regional de Penude

Nome: Marisa Macedo e Livia Silva

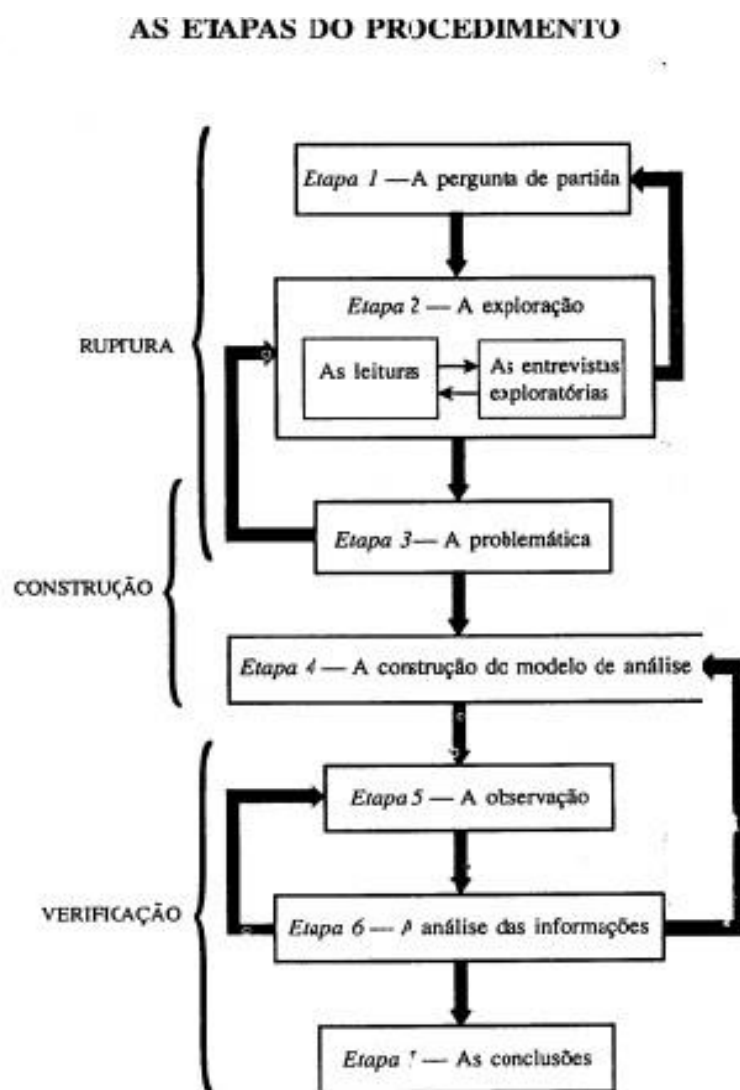
Boa tarde, o nome é Maria Beatriz Pinto, estou a realizar uma investigação sobre o Festival Zigurfest e de modo a compreender os seus impactos locais, gostaria de saber se estaria disponível para responder a algumas questões muito breves.

1. De que modo veio a conhecer o Zigurfest?
2. Como foi feita esta colaboração e como foi vista por parte da associação?
3. A colaboração com o Zigurfest foi uma mais-valia?
4. Para terminar, o que acha que o Festival acrescentou à comunidade?

Muito obrigada pela sua colaboração.

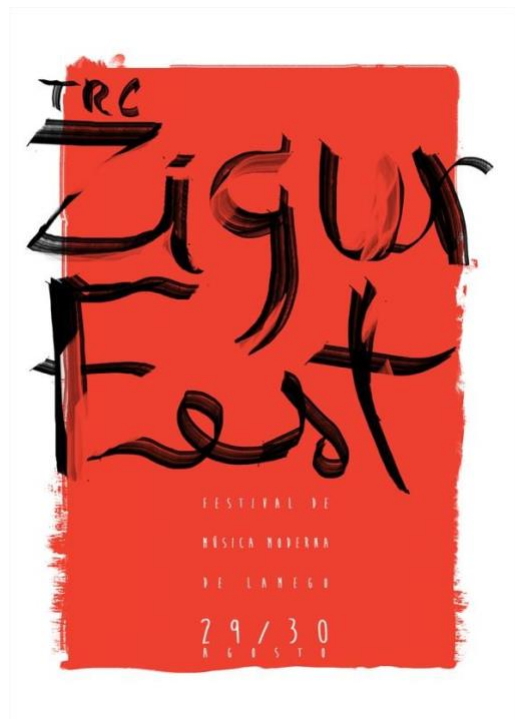
Anexo F - Modelo de investigação

Metodologia de Quivy e Campenoud. Ilustração retirada da referência.



Anexo G - Cartazes do Zigurfest 2011-2023

Retirados dos órgãos de comunicação do Festival.



28 E 29 AGOSTO

LAMEGO

JP SIMÕES
DAILY MISCONCEPTIONS
MEDEIROS/LUCAS
CAJADO
THE SUNFLOWERS
BATSAYKHAN TŪŪL
PLUS ULTRA
CORONA
TAR FEATHER

HHY & THE MACUMBAS
EVOLS
MAHOGANY
BIG RED PANDA
TRESOR&BOSXH
MANDÍBULAS
AZUL-REVOLTO
CAVE STORY
SABRE

#TRCZIGURFEST15

LAMEGO

1/2/3 SETEMBRO

TRC/ZIGUR
FEST¹⁶

POP DELL'ARTE
FAZENDA
DESTERRONICS
ROUNDHOUSE KICK
LUÍS SEVERO
BALEIA BALEIA BALEIA
RANDOM GODS
OZO
RAPAZ IMPROVISADO
BURGUESES FAMINTOS + JP
GALO CANT'AS DUAS
KILLIMANJARO
SOLAR CORONA
LEVIATA
CITIZEN:KANE
ALFORJIS
JOANA GUERRA
SURMA
TORTO
ROD GONDOMAR
HOMEM EM CATARSE
BERLAU & AM RAMOS
DRAGÃO INKOMODO
MARVEL LIMA

TRC/ZIGUR
FEST¹⁷

2017

31 AGO

1-2-SET

STONE DEAD — THE RITE OF TRIO
HARMONIES — CHALO CORREIA
PEGA MONSTRO — PALMIERS — BLEID
ACID ACID — THE NANCY SPUNGEN X
ALEK REIN — CALCUTÁ — LIVE LOW — MARIA
MOLOCH — NICE WEATHER FOR DUCKS
COELHO RADIOACTIVO — GPU PANIC
THE TWIST CONNECTION — GALGO — LAMA
MADRASTA — NILS MEISEL — WHALES — LYFE

DIA ZERO — 30 AGO
LUCA ARGEL — TALEA JACTA
SALLIM — PRIMEIRA DAMA

LAMEGO

#TRCZIGURFEST
WWW.ZIGURFEST.COM

ZIGURFEST

2JACK4U / ALLEN HALLOWEEN
DULLMEA / ANDRÉ GONÇALVES
ÂNGELA POLÍCIA / LAVOISIER
DAVID BRUNO / NU / BARDINO
MUTUAL / SEREIAS / MAZARIN
SAVAGE OHMS / ZARABATANA
SCÚRU FITCHÁDU / TERRA CHÃ
O CARRO DE FOGO DE SEI MIGUEL
ULNAR + SAL GROSSO / PAISIEL
MATHILDA / MOON PREACHERS
INVERSUS / GUME / VAIAPRAIA
E AS RAINHAS DO BAILE

AGO 29 2018 LAMEGO
— 01 SET

ENTRADA LIVRE + CAMPISMO

ZIGURFEST

FILIPÉ SAMBADO & OS ACOMPANHANTES DE LUXO / JASMIM KRAKE - ADOLFO LUXÚRIA CANIBAL / GLOCKENWISE / ODETE CHINASKEE / VIOLETA AZEVEDO / IVY / MYNDA GUEVARA ALGUMACENA / MINUS & MRDOLLY / TEREBENTINA STASYA / LUÍS VICENTE - JOÃO VALINHO / AFTA 3000 / 3130 DJUMBAI DJAZZ / DADA GARBECK / TIAGO E OS TINTOS MENINO DA MÃE - RAPHAEL SOARES / ZENTEX CONFERÊNCIA INFERNO / DANIEL CATARINO ZONA JOÃO PEDRO FONSECA / CHANA DE MOURA TOMÁS FRAZER / CARINCUR / PEDRO CABRITA PAIVA

AGO LAMEGO 2019
21—24

ENTRADA LIVRE + CAMPISMO

ZIGURFEST

ZIGURFEST

O ZIGURFEST VAI SER DIFERENTE

REPUBLICA PORTUGUESA *de*ARTES

ZIGURFEST

AGO LAMEGO 2021
25—28

ENTRADA LIVRE

ZIGURFEST

ZIGURFEST '22

24 . 25 . 26 . 27

AGOSTO



Anexo H - Grelha de Observação Direta

| ASPETOS A CONSIDERAR | OBSERVAÇÕES |
|---|--------------------|
| Como é que a comunidade local recebeu o Festival? Como é que responderam ao evento? | |
| De que modo é que os eventos estavam lotados? | |
| Como foi a usufruição dos espaços? De que modo é que estes foram convertidos? | |
| O Festival levou as pessoas a percorrer a cidade? | |
| Aspetos a considerar | |

Anexo I - Fotografias da edição de 2023

Pelo fotografo do Festival, Pedro Jafuno. Todos estes registos são da sua autoria

